tinteiro

Editora UFPR
Nº 5 / 2023
ISSN: 2596-2841

Depois é Lua novamente

O ser humano visitou nosso satélite natural muito antes do século XX

Embaixo da cama

Dez pérolas do cinema de horror ainda (quase) totalmente desconhecidas

Entrevista | José Borges Neto
Linha a linha | Desenho botânico
Ensaio | Édipo e o poder
Poesias | Black e Chico Mallmann

editorial

Da Lua às cores do desenho

A digulgação científica é trabalho da universidade e de seus pesquisadores há muito tempo; e não pode parar. — por ***Alan Santiago Norões Queiroz, Francisco R. S. Innocêncio*** e ***Maria Cristina Perigo,*** *os editores*

A divulgação científica não é mais — se é que algum dia já foi — um sucinto apêndice do trabalho que pesquisadores de todos os âmbitos desenvolvem em laboratórios, bibliotecas ou jornadas de campo; numa sociedade em que o conhecimento bem abalizado e lastreado na realidade é o que diferencia literalmente quem vive e quem morre, transportar os resultados da atividade científica ao grande público ganha relevância incontornável. Saber comunicar tornou-se, no século XXI, um imperativo da atividade universitária (aliás, uma exigência da própria verdade) em meio às mentiras que brotam e se disseminam por todos os lados. É tarefa, sem dúvidas, ingrata, embora necessária.

E suprir essa carência de material informativo com altíssima qualidade editorial tem sido, e continua nesta edição, uma das mais decisivas contribuições da revista *Tinteiro* para o debate público no Brasil. Neste quinto número, nosso periódico anual repercute a discussão posta em pauta pela Editora UFPR com a publicação de mais um número de *Astronomia popular*, livro escrito pelo físico francês Nicolas Camille Flammarion como forma de apresentar a seus contemporâneos do século XIX as descobertas recentes da astronomia; por enquanto, o leitor brasileiro terá acesso ao segundo volume, em que ele trata da Lua numa prosa clara e poética. Nossa capa, portanto, refletindo sobre as visões artísticas e teóricas a respeito do satélite natural da Terra, evidencia não só o fascínio causado pelo céu noturno, mas também, e principalmente, o esforço que o meio acadêmico sempre demonstrou para derrubar mitos e pensar criticamente sobre o mundo que nos cerca.

Esse olhar analítico acerca do universo próximo e distante não é, por óbvio, prerrogativa das áreas de exatas ou biológicas. Também deve ser alvo de escrutínio ponderado um objeto tão subjetivo e multíplice quanto, por exemplo, a linguística, como nos mostra o professor José Borges Neto, ganhador do Prêmio Abeu com livro recém-lançado sobre a *História da gramática*. Entre outros assuntos, ele discute, numa conversa descontraída com ex-orientandos, as relações às vezes tensas entre o atual estado do conhecimento linguístico e as disputas políticas que se dão na arena pública tendo como mote a linguagem. Ainda dentro do mesmo domínio, trecho do novo livro da professora Tereza Wachowicz exemplifica como é possível aproveitar ao máximo a porosidade dos muros que dividem academia e sociedade: a autora analisa a linguagem ascéptica de médicos e enfermeiros em pacientes submetidos a tratamento de câncer e questiona os limites da objetividade em situações assim delicadas.

Mas não é apenas por textos e discussões em espaços fechados que o saber deve circular. Ao sediar este ano a 75ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, a UFPR dá mostras de que a divulgação precisa ser entendida também como prática e presença. Na reportagem de Ana Luiza Costa Halat, os números impressionam, claro, mas convence muito mais de que teremos, sim, um bom futuro a trilhar o fato de que as diversas instituições participantes, provenientes de várias partes do país, atraíram jovens de muitas idades e formações, interessados no que de melhor a inteligência brasileira produziu em termos de inovação nos últimos anos.

Por fim, numa edição em grande medida dedicada à divulgação científica, fazemos o convite também para a leitura das poesias incisivas de Marcos Black Fontinelli e Francisco Mallmann (duas gerações, duas vozes, um som que reverbera); não deve passar despercebido a quem nos lê o trabalho belíssimo de Diana Carneiro ilustrando plantas, flores, frutos, muito menos a lista atenta do professor de cinema da UFPE Rodrigo Carreiro com dez filmes de horror que pouca gente parou para assistir. E o que ainda teriam a nos dizer as peças gregas *Édipo rei* e *Antígone* sobre o poder? Por tudo isso é que a equipe da revista deseja hoje e sempre: boa leitura!

Tinteiro, Nº 5 / 2023 — Publicação da Editora UFPR — ISSN: 2596-2841

Reitor da UFPR
Ricardo Marcelo Fonseca

Vice-Reitora
Graciela Bolzón de Muniz

Coordenador da Editora UFPR
Rafael Faraco Benthien

Assessora da Editora UFPR
Eva Lenita Scheliga

Editores
Alan Santiago Norões Queiroz
Francisco R. S. Innocêncio
Maria Cristina Perigo

Entrevistadora
Gissele Chapanski
Márcio Renato Guimarães

Colaboradores
Ana Luiza Costa Halat
Basílio Baran
Diana Carneiro
Denise Miotto Mazocco
Émile Zola
Fernanda Ribeiro de Camargo
Francisco Mallmann
Isabella Prati
Jacyntho Lins Brandão
Kalil Sayão Perusso
Kelvin Falcão Klein
Marcos Black Fontinelli
Michel Neves
Nícolas Wolaniuk
Rodrigo Carreiro
Rodrigo Choinski
Rodrigo Tadeu Gonçalves
Tereza Wachowicz
Wagner Monteiro
Yuri Al'hanati

Capa
Lucas Ferreira Melo

Ilustrações
Lucas Ferreira Melo
Priscila T. Lourenço Schultz

Revisão final
Francisco R. S. Innocêncio
Maria Cristina Perigo

Coordenação Gráfica
Thainá Kramer

Projeto Gráfico
Nicole Jaroszewski

Direção de Arte
Alan Santiago Norões Queiroz
Thainá Kramer

Diagramação
Thainá Kramer
Lucas Ferreira Melo
Priscila T. Lourenço Schultz

Editora UFPR
Rua Ubaldino do Amaral, 321, 1º andar
Alto da Glória — Curitiba (PR)

Editora UFPR
www.editora.ufpr.br



30 *Vizinhos siderais*
A Lua é habitada?

81 *Concurso Luci Collin*
Contos e crônicas ganhadores de 2023



10 *Rita e o riso*
A biografia da cantora que nos deixou este ano

62 *Cores florais*
Saiba como desenhar plantas de modo preciso e artístico

4 *Crônica*
sobre Colonia del Sacramento

12 *Ensaio*
sobre o poder no teatro grego

50 *Poesia*
de Francisco Mallmann

Atrás da porta
Os filmes mais aterradoras que ainda estão guardados no porão
40

54 *Futuro científico*
A 75ª Reunião Anual da SBPC reuniu jovens de todas as idades





crônica

Um uísque em Colonia del Sacramento

A lua alta no céu era o fim e o início, a depender de quem a olhava, e com quais intenções. — por *Yuri Al'hanati**



Motociclista em moto Harley-Davidson (Eberhard Grossgasteiger/Foto)

Sentado numa pedra de frente para o mar, o vento atrapalha as tentativas de acender meu charuto. A vista é das mais belas, entretanto. Colonia del Sacramento é a última cidade do litoral sul do Uruguai, onde o Bastión de San Pedro marca uma esquina na geografia do país: mar a Sul e mar a Oeste. A curta distância da costa até a cidade de Buenos Aires favorece um tráfego intenso de balsas que trazem e levam turistas entre os países, sem que, contudo, a linha do horizonte fique arruinada por um perfil urbano. Isso faz com que o pôr do sol em Colonia seja facilmente um dos mais bonitos de toda a região, os raios que afundam na água. Eu estava ali, tentando fazer meu isqueiro funcionar enquanto o dia jogava tons fauvistas nas casas coloniais daquele enclave português em um país de língua espanhola. Esperava o começo da noite porque señor Antonio, dono do restaurante Buenos Amigos, havia me prometido uma dose do melhor uísque que o dinheiro podia comprar no Uruguai — o que valia mais pelo gesto do que pela qualidade da bebida.

Antonio puxou papo durante meu almoço em seu restaurante para saber da moto. As altas cilindradas são praticamente inexistentes no Uruguai, e já havia percebido que um viajante numa moto imensa e barulhenta como a minha despertava curiosidade em quase todo canto do país que parava. Os uruguaios gostavam de perguntar sobre a moto, pediam para tirar foto, alguns se arriscavam a sentar no banco do piloto e segurar o guidão com as duas mãos com a minha ajuda. Foi nessa conversa sobre minha viagem pelo país que Antonio me contou que os uruguaios bebem mais uísque do que o vinho que fazem com tanta diligência. Ficamos amigos quando lhe ofereci uma dose do Laphroaig que carregava no alforje de balança da minha moto, e que usava frequentemente para brindar o fim de mais um dia na estrada — um truque para relaxar os músculos e dormir bem à noite que aprendi lendo *A estrada da cura*, do Neil Peart. O homem rechonchudo de barba grisalha viu a vida passando diante dos seus olhos quando botou o primeiro gole da bebida turfada na boca, foi divertido de testemunhar. Nunca havia tomado o famoso uísque escocês e, depois de meia hora elogiando sua fabricação, tirou uma garrafa de Grant's de trás do balcão para tentar me agradecer, mas sentiu que aquilo ainda era insuficiente. Prometeu buscar a garrafa boa em casa para tomarmos juntos à noite. Decidi, depois de algumas explorações pelo resto do Centro Histórico, que um charuto ao pôr do sol parecia um bom preparativo para a ocasião.

Foi quando já estava na metade do meu nicaraguense que Abi apareceu. Trazida por três uruguaios que tentavam lhe fazer companhia apesar da barreira linguística, me disse mais tarde naquele dia que tinha ido até as pedras porque tinha me visto e eu tinha "cara de quem falava inglês", o que era um alívio naquela cidade em que todos pareciam falar apenas o espanhol. Britânica de Londres e viajante solo como eu, havia passado a noite anterior numa rave em Buenos Aires, da qual saiu, entupida de drogas no organismo, direto para a travessia. Tinha acabado de perder a última balsa das cinco para Buenos Aires e estava forçada a passar uma noite em Colonia. Os jovens uruguaios que estavam com ela eram simpáticos, e conversaram comigo um pouco antes que Abi e eu decidíssemos apartar do grupo. Resolvemos tomar vinho de jarra no Archie's da Avenida General Flores, uma lanchonete que imitava, não sem uma boa dose de imaginação complementar, os *diners* americanos dos anos 50. Ela me contou que pertencia a uma família de nadadores, e que, desde que se entendia por gente, era atleta. Conferia a veracidade de sua história em seus lindos ombros ossudos e em suas costas largas. Loira, de olhos azuis e sorriso larguíssimo, levava uma tranquilidade e uma segurança em tudo o que fazia. Combinamos que naquela noite eu ajeitaria um canto para ela no meu apartamento alugado em frente ao porto e que a levaria, no dia seguinte, para pegar a balsa para Buenos Aires. Coloquei meu único capacete em sua cabeça e pilotei alguns quilômetros à moda antiga pelas ruas quase desertas de Colonia. A lua alta no céu era o fim e o início, a depender de quem a olhava, e com quais intenções.

> **"Combinamos que naquela noite eu ajeitaria um canto para ela no meu apartamento [...]. Coloquei meu único capacete em sua cabeça e pilotei alguns quilômetros à moda antiga pelas ruas quase desertas de Colonia**

No dia seguinte, depois de deixar Abi no porto e de tirar cochilos esparsos durante toda a manhã, voltei ao Centro Histórico de Colonia del Sacramento para encontrar Antonio e pedir-lhe desculpas pelo sumiço da noite, na esperança de que a intrusão de momentos urgentes em uma rotina programada fosse motivo para perdão para além das fronteiras do meu país. Diante da história, ele apenas sorriu e me pediu para que entrasse. Havia deixado a garrafa no restaurante, e tirou-a debaixo do balcão do caixa: uma garrafa antiga de Glenfiddich 12 anos. Brindamos em copos grossos de vidro e deixei que o aroma do sherry entrasse na fotografia daquele dia frio e ensolarado. Minha cabeça doía e meu corpo pedia mais cama. Talvez eu devesse começar a voltar para o Brasil. Já não havia muito o que fazer em Colonia del Sacramento.

***Yuri Al'hanati** reside em Curitiba desde 2004. É apresentador do canal Livrada! e autor dos livros de crônica *Bula para uma vida inadequada* (Dublinense, 2019) e *A volta ao quarto em 180 dias* (Dublinense, 2020).

trecho

Um olhar detalhista que mina nossas certezas

Numa celebração crítica da diferença, sem a preocupação com posições fixas — na determinação da reciprocidade entre o pé esquerdo e o direito das botas de Vincent van Gogh —, livro cartografa a relação conflituosa entre literatura e filosofia. — por *Kelvin Falcão Klein**

Em 1978, dez anos depois do primeiro texto de Schapiro sobre Heidegger e van Gogh, Jacques Derrida da publica *La vérité en peinture*. O livro é uma reunião de ensaios e o último deles, publicado no mesmo ano na revista *Macula*, é uma retomada extensa e direta da questão dos sapatos em van Gogh. O ensaio, por sua vez, surgiu de uma palestra dada por Derrida em outubro de 1977, na Universidade Columbia, em Nova Iorque. O próprio Schapiro estava na plateia, e acompanhou a minuciosa leitura que Derrida realizou não apenas de seu ensaio de 1968, "The Still Life as a Personal Object: A Note on Heidegger and van Gogh", mas igualmente do texto de Heidegger do qual Schapiro partiu, *A origem da obra de arte*. Já de início, Derrida coloca como objetivo a problematização da tarefa de "restituir os sapatos, devolvê-los a quem correspondem", de "saber de onde voltam" esses sapatos, se "da cidade (Schapiro) ou do campo (Heidegger)" (Derrida, 2005a, p. 273). Mais do que o pertencimento restrito dos sapatos, Derrida busca analisar as táticas de pertencimento crítico que se deram em torno aos sapatos de van Gogh.

Segundo Derrida (2005a, p. 274), "Schapiro não tem nenhuma dúvida sobre o tema", e Heidegger, por sua vez, pensa na imagem de van Gogh "como um instituto, um monumento" no qual "nada há de natural" (Derrida, 2005a, p. 275). Derrida opera a partir de uma construção em abismo: resgata as pinturas de van Gogh e as posiciona diante dos escritos de Heidegger e Schapiro, ao mesmo tempo em que posiciona Heidegger diante de Schapiro e vice-versa — dando ênfase especial aos trechos que o último seleciona do texto do primeiro (ou seja, que parte de Heidegger Schapiro decidiu reservar para sua investida). Segundo Derrida (2005a, p. 300), as ideias de Heidegger são arrancadas "brutalmente de um marco acerca do qual Schapiro nada quer saber", pois deseja "deter seu movimento e logo interpretá-las com uma tranquilidade igual à de Heidegger quando faz falar os 'sapatos de camponês'". Não se trata, na intervenção de Derrida, de escolher lados, mas de combinar as potencialidades de ambas visando uma "articulação fina" do pensamento (Derrida, 2005a, p. 301).

No caso de Heidegger, por exemplo, é preciso dar conta dessa "coisa", "que não é nem do solo nem do camponês mas entre ambos: os sapatos", e no caso de Schapiro, atentar para "uma ingenuidade espontânea ou pré-crítica" que é "completamente simétrica ou complementária àquela que denuncia, com razão, em Heidegger" (Derrida, 2005a, p. 301-302). Em resumo, a argumentação de Derrida afasta tanto a interpretação "rural" e "tecnicista" de Heidegger quanto a declaração restritiva de Schapiro, que aponta a imagem diretamente à subjetividade do artista. O caminho seria uma arqueologia do detalhe, uma busca retrospectiva pelos pontos cegos de ambas as argumentações, complementada pela busca dos elementos figurativos em van Gogh que foram deixados de lado. Nesse último aspecto, é fundamental relembrar que Derrida questiona inclusive a validade de se considerar os sapatos como sendo pares, como estando ligados uns aos outros de forma simétrica, equilibrada, lógica (Derrida, 2005a, p. 355-361).

É o olhar detalhista que mina a certeza — ou, para usar o termo de Derrida, é o olhar detalhista que desconstrói as dicotomias (os pares) fixas da certeza, porque agrega perspectivas ao estabelecido. "Eu não disse", escreve Derrida, "como Heidegger, são sapatos de camponês, e sim contra ele: nada prova que sejam sapatos de camponês" e também não disse, "como Schapiro", que "são sapatos de um citadino e inclusive os de van Gogh, mas contra ele: nada prova, nada pode provar" que são os sapatos do artista, e toda vez que Schapiro enuncia a "clareza" ou a "evidência", "não significa que seja claro ou evidente, pelo contrário, mas que é necessário denegar a obscuridade intrínseca da coisa, sua criptografia essencial, e que é necessário fazer crer que é manifesto simplesmente porque a prova faltará sempre" (Derrida, 2005a, p. 378). Enquanto Schapiro "deixa de mirar o baixo" e leva o foco ao rosto, à identidade do artista, Heidegger vai "ao outro polo", em direção "à terra, ao abismo", não em direção "ao rosto da subjetividade", e mesmo assim, "apesar ou por causa dessa oposição máxima, as declarações entram em conivência, começam a se parecer estranhamente, a remeter suas imagens, identificando-se em mais de um traço. Claro,



Leia mais
Cartografias da disputa: entre literatura e filosofia
Kelvin Falcão Klein
160 p.

Camponeses plantando batatas *(1884), Vincent van Gogh (1853-1890). Óleo sobre tela, 66,4x149,6 cm. (Museu Kröller-Müller, Países Baixos)*



Autorretrato *(1887), Vincent van Gogh (1853-1890). Óleo em canvas, 42x33,7 cm. Instituto de Artes de Chicago.*

a identificação não será completa", escreve Derrida, "e a correspondência terá seus limites. Como todo par" (Derrida, 2005a, p. 384-385).

"Como todo par": Derrida leva sua leitura minuciosa até o ponto em que as aparentes divergências entre Schapiro e Heidegger se metamorfoseiam em correspondências, que guardam, no entanto, a distância regulamentar que se espera entre polos opostos. Não basta, portanto, envolver essas duas dicções em uma lógica do contraponto ou do contraste, é preciso atravessá-las com algo de alheio, de externo ao sistema de reprodução comum. Porque é disso que se trata, da possibilidade de reprodução, de manutenção e de perpetuação de uma lógica pautada pela divisão dos campos, das disciplinas e dos discursos. A "aposta pelo par", argumenta Derrida, é uma "aposta absoluta", compartilhada por Heidegger e Schapiro, e "ter enganado o destino e provocado uma aposta impossível: é isso que resta de van Gogh: a genialidade de seu ímpar" (Derrida, 2005a, p. 390). Ou seja, o que resta de van Gogh é aquilo que resiste diante da divisão entre especificidade e amplitude, e Derrida rastreia essa resistência por trás de um pressuposto que está em Heidegger e Schapiro, que é a ideia do par. Não é certo que os sapatos são de van Gogh, não é certo que são do camponês, assim como também não pode ser certo que se trate de um par, de uma unidade estável que desde seu estabelecimento assegura a lógica, a correspondência e a medida — "porque um par anda com oposições simétricas, harmoniosas, complementárias, dialéticas, com um jogo regulado de identidades e diferenças" (Derrida, 2005a, p. 391).

A tradição do par é a tradição da metafísica, que encontra um de seus pontos altos no cogito de Descartes e sua evidência da separação inelutável entre sujeito e objeto (um pensamento que "não tem voz", que "não invoca nem fala", apenas "cogita", como já visto nas palavras de Adriana Cavarero (2011, p. 203)). Não apenas entre sujeito e objeto, mas entre tudo aquilo que é não sujeito, que está de fora da demarcação metafísica e humanista — como no comentário de Peter Sloterdijk (2000, p. 25), que já analisei no segundo capítulo, mas que vale a pena retomar: "nesse ponto, Heidegger é inexorável, caminhando entre o animal e o ser humano como um anjo colérico com espada em riste para impedir qualquer comunhão ontológica entre ambos". O que há de mais produtivo na intervenção de Jacques Derrida, portanto, é sua indicação de uma possibilidade de leitura dos sapatos de van Gogh a partir do ímpar e do desemparelhamento. O resgate, a partir daí, se dá de forma desobediente e reinscreve a imagem de van Gogh como eixo fundamental para o pensamento crítico contemporâneo. A "imagem de van Gogh" em sentido múltiplo: não apenas os sapatos, mas sua presença, sua assinatura, sua variabilidade de representação (van Gogh transfigurado em artista, citadino, camponês e sapato).

***Kelvin Falcão Klein** é professor de Literatura Comparada na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Publicou também os livros *Conversas apócrifas com Enrique Vila-Matas* (Modelo de Nuvem, 2011), *Wilcock, ficção e arquivo* (Papéis Selvagens, 2018) e *Estratégias de visualidade na literatura: o Olho Sebald* (Editora UFMG, 2021).

siglo de oro

Um *palco* para o povo

O espanhol Lope de Vega defende em *A nova arte de fazer teatro* que a literatura dramática seja pensada para atingir o grande público; o tradutor da obra para o português conta sobre a inventividade do autor. — por *Wagner Monteiro**



Leia mais

A nova arte de fazer teatro
Lope de Vega
Wagner Monteiro (trad.)
Miguel Ángel Zamorano (apres.)
90 p.

Desde meados do século XX, a crise nos estudos literários vem se apresentando como tema e consequência da pós-modernidade, um problema que reside na perda de importância da literatura diante de outros discursos, como o cinema, a internet, os *streamings* e todos os meios de comunicação de massa. A perda da aura da literatura — já abordada por boa parte da teoria literária, sobretudo pela Escola de Frankfurt, em textos como o de Walter Benjamin, *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, e o de Theodor Adorno, *Dialética do Esclarecimento*, a partir do conceito de indústria cultural — não resultou na democratização da literatura na sociedade, mas antes desembocou numa crise dos estudos literários. A saída da arte dos museus, salas de teatro e bibliotecas raras é um processo concomitante ao utilitarismo cada vez mais feroz no interior da sociedade capitalista e pós-industrial. As humanidades, por seu turno, perderam pouco a pouco o espaço e a função, uma vez que as artes e conhecimentos como a história, a sociologia e a filosofia não apresentam uma função específica dentro da divisão social do trabalho, cada vez mais tecnocrata.

Com a pandemia da covid-19, as questões relacionadas à crise da literatura ganham uma nova feição com o confinamento e com o fechamento de salas de concerto, teatros, cinemas, bibliotecas, universidades e centros de cultura. Tendo em vista que a solução proposta por um filósofo como Antoine Compagnon é resgatar a importância social da literatura por meio do destaque às suas funções de alargamento do imaginário e de resistência ao utilitarismo, com a pandemia da covid-19 essa proposta torna-se ainda mais complicada de se cumprir, dado o cenário de dificuldade e exceção ao qual fomos submetidos.

Mas onde entra *A nova arte de fazer teatro*, de Lope de Vega, nessa discussão? O livro, publicado pelo autor madrilenho em 1609, tinha como principal objetivo apresentar aos "engenhos nobres, flor da Espanha" da Academia de Madri o novo teatro que ele havia criado, justificando a modernidade impressa em suas peças. Eram novos tempos, e o modelo de teatro clássico, greco-latino, não parecia capaz de agradar ao público não letrado, que assistia às peças em espaços populares que proliferavam por toda a Espanha.

Naquele contexto, a literatura também parecia viver uma crise. O *Dom Quixote,* de Miguel de Cervantes, é o principal modelo de obra que problematiza a mudança de estrutura epistêmica — como disserta Michel Foucault — que o século XVII assistia de camarote. A novela de cavalaria parecia coisa do passado. A poesia épica era lida por um seleto grupo de nobres e eruditos e não alcançava a população. Restava ao teatro a missão de fazer com que a literatura alcançasse uma boa parte do público espanhol.

No tratado de Lope de Vega, traduzido pela primeira vez ao português brasileiro, o leitor poderá analisar como o autor espanhol justifica a adaptação do seu texto para agradar à massa espanhola seiscentista. Dentro daquela organização social, anterior em pouco mais de 150 anos à Revolução Industrial, Lope, assim como Cervantes, conseguiu compreender que a literatura precisava se adaptar, procurando outros caminhos. No entanto, o caminho proposto por ele não diminuía a importância do alargamento do imaginário que a literatura deve proporcionar, pois suas peças, assim como o tratado que sai agora traduzido pela Editora UFPR, em edição bilíngue e com apresentação de Miguel Ángel Zamorano, demonstram a capacidade inventiva e, em certa medida, subversiva do "Fênix dos Engenhos".

Se as humanidades parecem perder espaço e função nessa sociedade em que vivemos, vale a pena a leitura do tratado de Lope para não apenas problematizar a falta de função que a arte deve manter, mas também para, a partir desse texto, verificar como o contexto de crise pode ser ao mesmo tempo revolucionário e perturbador. Assim como Lope propôs estratégias para modificar a cena teatral no contexto do século XVII espanhol, nós podemos nos inspirar em *A nova arte de fazer teatro* para construir formas culturais instigantes, capazes de proporcionar gratificação intelectual e sensorial, e que funcionem na sociedade do século XXI.

***Wagner Monteiro** é professor de literatura espanhola e de tradução na Uerj. Possui doutorado em letras pela UFPR (2018), com período sanduíche na Universidad de Salamanca, e pós-doutorado em literatura espanhola e tradução pela USP (2022). É autor do livro I*ntroducción a la teoría poética del Siglo de Oro español* (2019).

Casa de espetáculo em Almagro, na Espanha, onde em 1628 ocorriam apresentações teatrais (José Luis Filpo Cabana/Foto)





Sinais vitais do 'roquenrou'

Sob o peso da doença que a vitimou em maio, Rita Lee lançou uma nova autobiografia cheia de não ditos que interrompem o riso, apesar da ironia e do deboche; o livro é o retrato de uma mulher enfrentando o tempo e as mudanças no corpo. — por *Denise Miotto Mazocco**



Leia mais

Rita Lee: outra autobiografia
Rita Lee
Globo Livros
192 p.

Em 2016, indiquei *Rita Lee: uma autobiografia* a uma amiga com interesses acadêmicos em biografias: "Para uma boa discussão sobre narrativa!". Logo após, o livro abriu uma disciplina na Pós-Graduação de História, ministrada por essa amiga, e eu estava lá. Agora, em 2023, após ler *Rita Lee: outra autobiografia*, afirmei de perto para ela: "É um resquício daquela Rita". Hoje reflito sobre o equívoco dessa primeira impressão e prefiro transformar o que chamei de *resquício* em *sinais vitais*. Vamos a eles! Advirto aos leitores: muitos desses sinais dizem respeito a nós.

Rita Lee não escreve autoficção. Sua escrita é de si, e um si tão autêntico sobre o que faz e sente que autoriza as intervenções do *phantom*: comentários do fã-jornalista Guilherme Samora, que acrescentam os não ditos importantes da artista — os que a elogiam, quando a autocrítica é desmedida, e os que a denunciam, quando o fato tem outros pontos de vista. Após consulta devido a reações à vacina contra a covid-19, Rita descobre um câncer no pulmão. Porém as crises de pânico antecedem a descoberta: pandemia que já havia matado 500 mil brasileiros, aquecimento global, violências contra crianças e animais. Ao tumor, Rita deu o nome de Jair — a mania de dar nomes às coisas, que descobrimos na primeira autobiografia, continua nesta, e nós, leitores, rimos, mas aqui de nervoso —; Leonor é a máscara da radioterapia. Por assim revelar o indivíduo Rita Lee e suas interações na temporalidade, embora curta, o texto é uma fonte histórica.

Como fonte, evoca também memórias. A memória da *persona retalee*, de quem, segundo a própria, nos despedimos no primeiro livro, volta neste novo quando recupera dois episódios que envolvem a sua identidade como mulher artista. O primeiro é "Uma pequena oração às mulheres", encomenda para o programa *TV Mulher*. Na ocasião, escolheu, porém, a "Cor-de-rosa choque", para ter menos problemas com a censura. A propósito, Rita se considera lisonjeada por ser *persona non grata* da ditatura, a artista com mais músicas censuradas no país, por ir contra os "bons costumes". O outro episódio decorre de um conselho que oferece às jovens meninas cantoras: compor. Relembra o momento em que estava começando a carreira e enfrentou homens da gravadora que queriam lhe impor um comportamento padronizado e a ordem de que cantasse apenas músicas de outros compositores. Nós, mulheres, agradecemos, Rita!





À direita, Rita Lee se apresenta no Credicard Hall, em São Paulo, em março de 2010 (Alexandre Cardoso); à esquerda, a artista em setembro de 1972 (Fundo Correio da Manhã/Arquivo Nacional); acima, capa do álbum lançado em 1977 em que canta com Gilberto Gil

É por isso também que destaco essa autobiografia como um texto sobre mulheres. Mulher que enfrenta o tempo e o corpo. O tempo e Rita se encaminham e se esbarram — ora, ela mesma se diz destrambelhada. Rita se confronta de repente com a perda da franja no cabelo, a cadeira de rodas, o auxílio para tomar banho, a dificuldade para se equilibrar — ela, que, como disse, passou cinquenta anos se chacoalhando no palco —, o corpo marcado pela radioterapia e pela perda de peso, que diante do espelho é, segundo ela, um *look* aniquilador de autoestima. Mas Rita coloca um turbante, com enfeites, e se vê Simone de Beauvoir (não por acaso). Ao se deparar com a velhice, a Rita-mulher nos desnuda: "Estou vivendo uma fase especial, cheia de perguntas, e tenho a sensação de estar grávida, de me autoparir feito cobra quando abandona a pele antiga e outra renasce ainda mais poderosa". Para Rita, hoje é mais complicado ser jovem, por isso os acolhe e quer lhes dar beijinhos. A tempo, ainda homenageia Gal Costa e Elza Soares, lamentando as perdas, saudando a memória, e destaca a Enfermeira A, mais atenta que os médicos. A Enfermeira cuidou de Rita e a fez rememorar as mulheres de sua infância — as quais conhecemos no primeiro livro, enquanto neste apenas temos vestígios da mãe, em formato do pânico de Rita por sofrer com a quimioterapia, assim como ela.

Adendo às mulheres (e aos homens), pedindo licença a Rita pelos trejeitos narrativos: a autobiografia também é uma história de amor! Ela continua a cantar seu amor por Rob. A família e, em especial, seu amor a convenceram a aceitar os tratamentos, após sua insistência aos médicos por uma passagem rápida. E, ainda, ao mesmo tempo em que manifesta o desejo ritaleenesco de ter as cinzas jogadas na horta sem agrotóxicos e virar uma alface suculenta, ser abduzida por um disco voador e sumir sem maiores explicações, menciona as músicas inéditas que o casal pretendia lançar ao fim da pandemia e a imagem de si com 107 anos numa cadeira de balanço, tricotando dizeres para o neto usar na passeata: "O Brasil repetiu de ano".

Rita Lee: outra autobiografia não é divertido. Por mais que visse as ironias e o deboche, que caracterizam seu estilo narrativo, não gargalhei como em 2016. Esse novo livro é cheio de não ditos que confrontam o riso. Por que, então, lê-lo? Cada um de nós, leitores, a significaremos, como homens e mulheres cujo tempo é compartilhado com a *persona* que escreve. E por que Rita Lee quis ser lida pela segunda vez? Arrisco: porque ela e este tempo ainda precisavam de suas composições.

***Denise Miotto Mazocco**, com formação em história e letras, é doutora em linguística, professora de língua portuguesa e escritora de livros literários e didáticos.

Édipo, Creonte e a paranoia dos tiranos

As quedas trágicas dos dois reis de Tebas adquirem, na obra de Sófocles, contornos claros de cegueira temporária pela embriaguez do poder. — por *Rodrigo Tadeu Gonçalves**

Édipo tornou-se uma das figuras mais emblemáticas a extrapolar as fronteiras dos mundos ficcionais ao ser arregimentado por importantes movimentos intelectuais, como as filosofias do trágico no século XIX e a psicanálise — especialmente pela fixação que Sigmund Freud nutria pelo mito conforme retratado na peça de Sófocles. A partir daí, o personagem adentrou o inconsciente coletivo, famoso muito mais por ter matado o pai[1] e se deitado com a mãe, gerando com ela quatro filhos, do que por ser uma figura obstinada pela incessante busca de conhecimento. Essa busca renitente, típica de um herói sofocleano — que se estende do início da peça, quando o oráculo de Apolo informa que a nova peste que cai sobre Tebas só será aplacada quando o assassino de Laio for punido, até seu ápice, quando Édipo descobre ser filho de Laio (retorno ao fato de, ao fim da peça, Édipo não obter a esperada comprovação de que é de fato o assassino de Laio, mas apenas de que é filho deste, detalhe bem pontuado pelo helenista e tradutor Flávio Ribeiro de Oliveira, em *Rei Édipo*, Editora Odysseus) —, é um dos índices de universalidade da experiência humana usados pelos filósofos do trágico, como Schelling, Nietzsche e Hegel, por exemplo. E também por Freud, que embora rechace as bases do universalismo do trágico propostas por seus antecessores e fundamente seu interesse na aparente universalidade da experiência subjetiva da constituição do desejo pela mãe e da vontade de aniquilação da figura do pai, constitutiva da formação de nossas subjetividades desde a primeira infância (quanto a isso, veja-se o interessantíssimo livro *Tragic Modernities*, de Miriam Leonard), sedimenta seu interesse na figura de Édipo como símbolo da psicanálise exatamente pelo traço de obstinação na busca pelo (auto)conhecimento.

Da mesma forma Antígone, protagonista da peça homônima também de Sófocles, transformou-se num símbolo por sua obstinação em fazer cumprir aquilo que considera uma lei não escrita inviolável: o direito de enterrar o cadáver de seu irmão Polinices. Este, lutando contra o outro irmão, Etéocles, que fincara assento no trono tebano que deveria ser alternado anualmente com Polinices, morre em combate, por golpe que aniquila ao mesmo tempo os dois contendentes. Creonte, tio deles, herda o trono e decide promulgar um edito honrando Etéocles e proibindo as exéquias a Polinices, sob a alegação de que se trata de um traidor da pátria. Antígone desafia o poder instituído, plenamente consciente de que seu ato a levaria à morte, e enterra o irmão. Duas vezes. A pena: ser emparedada viva.

Contudo, não passa despercebido aos leitores e espectadores das duas peças algo como uma homologia formal na construção da figura detentora do poder: na primeira peça, Édipo; na segunda, Creonte. Isso porque ambos são igualmente inflexíveis e imperitos em seu manuseio do poder. Nos dois casos, não plenamente legitimados em sua posição de governante pela hereditariedade, ou, se sim, de forma insegura e/ou instável. Primeiramente, Édipo herda o reino por ter encontrado Tebas acéfala e sofrendo por uma peste que se resolveria com a solução do enigma da Esfinge — que ele resolve já antecipando o que será de sua figura de Édipo/homem, que tem quatro apoios pela manhã, dois ao meio-dia e três à tarde. Os três apoios/pés simbolizam tanto a bengala decorrente da velhice que, no plano universal, inevitavelmente acomete todos os seres humanos quanto a cegueira que Édipo inflige a si mesmo como punição pelo excedente em sua obstinação na busca pelo

[1] Supostamente, já que a prova concreta a ser trazida pela testemunha do assassinato de Laio não é solicitada quando este aparece em cena, pois o interesse de Édipo se altera, visto que a mesma testemunha também possui a informação sobre quem, afinal, ele é — filho de Laio.



Leia mais
Que sabe de si: o híbrido, a memória, a fúria
Guilherme Gontijo Flores
155 p.

***Rodrigo Tadeu Gonçalves** é escritor, tradutor e professor. Publicou a coletânea de poemas *Quando o verão* (Kotter, 2018), traduziu entre outros *Metamorfoses*, de Ovídio (Penguin-Companhia, 2023), e ensina língua e literatura latinas na UFPR.

conhecimento, ou ainda a pena pelos crimes tão terríveis que cometeu sem ter culpa plena: o assassinato de Laio, realizado quase que numa briga de trânsito, na encruzilhada de três estradas, e o incesto com Jocasta, que ele não tinha como saber que era sua mãe (daí inclusive decorre algo como uma incoerência no alçamento da figura dele à posição de representante mítico do desejo de parrincesto em Freud, dada a ignorância de Édipo na condução dos dois crimes). Assim, Édipo chega a Tebas, herda o trono sem saber que de fato é o rei legítimo por ascendência e toma a rainha disponível sem saber que ela é sua mãe. Dessa forma, atribui-se-lhe ao longo do texto grego a denominação de tirano, que, como nos lembra Leonardo Antunes em sua primorosa tradução que acaba de sair pela editora Todavia (*Édipo tirano*), é designação do governante que usurpa ou que não é legitimamente detentor do poder que ocupa. A primeira e única menção a Édipo como rei, basileús, só vem após ele descobrir que é filho de Laio, quando sua derrocada já é inevitável. Tirano e não tirano, rei e não rei, ao mesmo tempo.

No caso de Creonte, na *Antígone*, sua posição de poder é legítima, visto que é o parente mais próximo de Etéocles, que ocupava o trono quando da campanha militar de seu irmão Polinices para recuperar o trono que lhe era devido, por acordo prévio de alternância entre os irmãos. Contudo, ao assumir o comando de Tebas, Creonte adota postura inflexível e promulga o famoso edito que proíbe os ritos fúnebres a Polinices e estabelece pena máxima para quem violá-lo. Antígone, movida por compaixão e piedade, conhecedora dos termos da nova lei, ainda assim enterra simbolicamente o irmão, com um punhado de terra e os ritos necessários. Esse mesmo edito, fincado na crença de que qualquer traidor da pátria deve ser rechaçado, praticamente institui uma espécie de política antiterrorismo, visando fazer Tebas grande novamente.

Contudo, um traço muito forte de Édipo, na primeira peça, e Creonte, na segunda, tende a passar despercebido da crítica, mais focada, no primeiro caso, na busca obstinada pelo conhecimento e no parrincesto e, no segundo, no caráter desafiador de Antígone, defensora solitária da justiça não escrita contra a nova lei do novo rei/tirano: a criação de personalidades paranoicas para Édipo e Creonte, que contribuem enormemente ao potencial trágico de ambos, cada um a seu modo. No Édipo tirano, após conhecer por Creonte as palavras do oráculo de Apolo, que profetiza que a nova peste só será revertida com a punição do assassínio de Laio, Édipo começa a demonstrar traços claros de insegurança e paranoia: acusa Creonte de tramar contra ele e conclui que Tirésias — que, após alguma relutância, confirma que o assassino de Laio é o próprio Édipo (ainda no início da peça!) — faz parte da mesma conspiração para lhe tirar o poder; usa como argumento a suposta ganância de ambos e a facilidade com que os homens se corrompem pelo dinheiro; decide, por fim, ameaçar a vida de Creonte, chegando porém a abrandar a possibilidade da pena, aceitando que seu cunhado seja apenas exilado. Creonte, nesta peça, defende que o poder é um fardo grande demais e que lhe basta ser irmão da rainha e cunhado do rei, pois assim as benesses não vêm acompanhadas



de grandes responsabilidades. Essa sequência que constitui o recrudescimento do caráter violento e paranoico de Édipo ocorre antes da chegada de Jocasta em cena, a partir da qual a trama se desenrola com foco nas descobertas trágicas que levam à derrocada do protagonista: o suicídio de Jocasta e a cegueira autoinfligida de Édipo, após descobrir quem é e o que causou.

Contudo, o mesmo Creonte, ao ser alçado à posição indesejada de governante na segunda peça, passa imediatamente a agir como Édipo. A partir da chegada do guarda que lhe narra o sepultamento ilegal do sobrinho, o caráter inflexível do regente começa a se desenvolver numa espiral de acusações paranoicas e autoritárias: ameaça o guarda de tortura visando confissão do crime caso não traga o real culpado, confronta Antígone sobre o delito por ela cometido e confessado — ela em nenhum momento nega ter responsabilidade, tampouco nega merecer a punição prescrita — e, por achar ter visto Ismene, irmã de Antígone, agindo de modo estranho dentro do palácio, deduz que ela foi coautora e propõe puni-la com o emparedamento junto com a verdadeira transgressora. Note-se que Ismene, no início da peça, por medo da punição prescrita, recusa-se a ajudar a irmã na empreitada subversiva e, posteriormente, confrontada por Creonte, num ato de enorme coragem e elevação moral, confessa ter feito parte do ato, o que, de fato, não fez. Antígone rechaça a solidariedade da irmã e admite ter agido sozinha, e Creonte acaba por punir apenas Antígone.

Mas é no terceiro episódio da peça, quando Hémon, filho de Creonte e noivo de Antígone, vem à cena, que o embate mais importante para delinear o caráter de Creonte acontece. O ágon entre Creonte e Hémon é profundamente tocante. O filho debate em postura retórica de grande humildade e tenta conquistar a empatia do pai a partir de um lugar de respeito à autoridade; tenta convencê-lo de que talvez ele possa reconhecer que não esteja sempre certo em todas as avaliações. Hémon confidencia ao pai que toda a cidade está do lado de Antígone, mas não tem coragem de se opor publicamente ao governante já aberta e publicamente tirânico. Creonte contra-argumenta que o poder é dele e que não pode ser exercido pelo povo. Que o povo deve se curvar à vontade do regente, certa ou errada. Que ele é o dono da cidade. Completamente cego a qualquer argumento, Creonte acusa o filho de ser dominado por uma mulher e encerra a discussão mandando chamar Antígone para que morra ao lado de Hémon. Após esse episódio, a tragédia só pode rolar ladeira abaixo. Creonte continua cego em sua paranoia de regente inseguro, e Antígone aceita o destino e se deixa levar ainda viva à tumba. Hémon decidirá morrer com ela, abraçado ao cadáver da noiva enforcada no próprio lenço (ecoando a cena da morte de Jocasta e do abraço de Édipo). Creonte finalmente se deixa convencer por Tirésias de que talvez tenha se excedido, mas já é tarde. Um mensageiro relata as mortes de Antígone e Hémon, na presença de Eurídice, esposa de Creonte, que ouve, sai em silêncio e se suicida.

As quedas trágicas de Édipo e Creonte adquirem contornos claros de cegueira temporária pela embriaguez do poder. Ambos fantasiam conspirações contra o direito de governar, nos dois casos justificadas pelo fantasma da corrupção e do suposto suborno. Ambos sentem-se inseguros nas posições de tirano que ocupam, embora, nos dois casos, elas não sejam efetivamente ilegítimas.



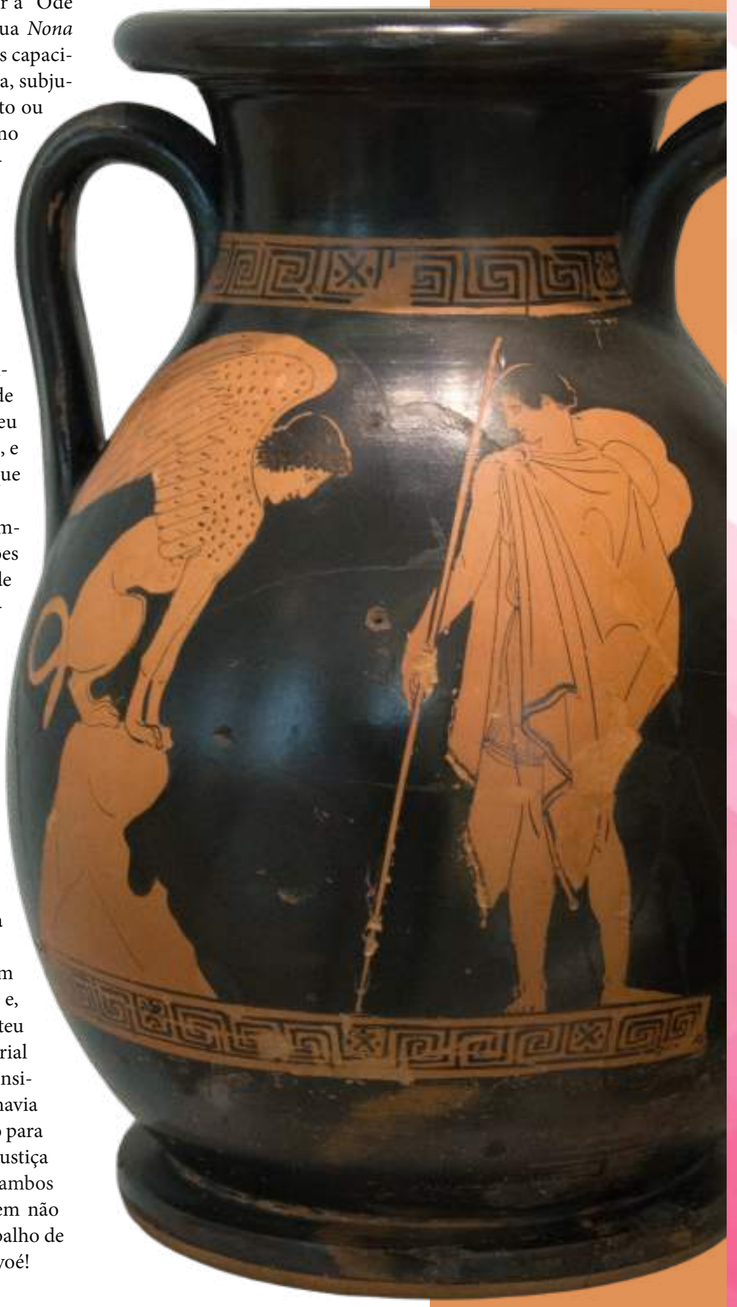
O ator holandês Louis Bouwmeester como o personagem Édipo em 1896 (Albert Greiner/Foto); na página anterior, coro em montagem de Édipo rei *se apresenta no Festival de Lugo, em 2011, na Espanha (Luis Miguel Bugallo Sánchez/Foto)*

Ambos constroem narrativas de insubordinação generalizada que, ao ameaçar seu poder, justificam atos de inflexibilidade, magistralmente explorados por Sófocles para construir as tragédias perfeitas de seus protagonistas.

A tragédia ática ensina que há sempre algo maior do que o autoritarismo, em um movimento cósmico de vingança contra a transgressão e a desproporcionalidade no exercício do poder. As lições aos contemporâneos eram claras. O primeiro estásimo cantado pelo coro na *Antígone*, que viria a inspirar a "Ode à alegria" de Schiller, musicada por Beethoven em sua *Nona Sinfonia*, celebra os assombros relacionados às incríveis capacidades da humanidade: singrar os mares, cultivar a terra, subjugar as outras espécies, falar, instituir leis, escolher certo ou errado, ainda que não consiga fugir à morte. O otimismo irônico do coro, logo após a primeira série de ameaças de Creonte ao guarda, fala profundamente para as audiências atenienses contemporâneas, que vivenciavam guerras e pragas que dizimavam milhares de pessoas. As duas tragédias de Sófocles, que figuram entre as obras de arte mais importantes do mundo, reconhecem todas as maravilhas da humanidade enquanto demonstram seus lados mais frágeis e inseguros. A responsabilidade do governante e o uso indiscriminado da autoridade, com a desproporcionalidade de suas ações, recolocam o homem em sua medida e em seu lugar: submetidos ao destino eternamente alheio a eles, e pronto a submetê-los à força, sempre maior do que a que ilusoriamente possuem.

O quanto disso conseguimos aplicar aos nossos tempos, aos nossos regimes, aos nossos medos e insatisfações profundos que produzem imagens fantasmagóricas de inimigos sempre prontos a ceder à corrupção e à subversão e perturbar a ordem cósmica, gerando alinhamentos em eixos do mal que opõem os cidadãos de bem aos "terroristas" que devem ser subjugados e que têm justificado regimes e políticas de exceção, são elementos que ficam sempre latentes nas construções dos trágicos. As lições que poderíamos tirar dali, bem como de tantos outros momentos em que a história repete desastres causados pela paranoia de tiranos, embora já as tenhamos tirado tantas vezes, estão sempre prontas a se apagar e dar lugar a novos delírios que produzem tiranos paranoicos. Resta sempre esperar a derrocada trágica que a ordem cósmica proporciona como espetáculo aterrador aos que sobrevivem.

Este ensaio foi publicado *online* originalmente em 2018, por uma iniciativa de Lean Bilski. O *blog* sumiu, e, nesse meio-tempo, Guilherme Gontijo Flores submeteu seu livro-ensaio *Que sabe de si* ao nosso Conselho Editorial durante a minha gestão à frente da Editora UFPR. Consideramos usar este ensaio como prefácio, mas o texto havia desaparecido. Quando recebi o convite de Alan Santiago para comentar o livro, julguei que um bom modo de fazer justiça à obra de Flores seria apor-lhe um contraensaio, já que ambos mostram como os mitos e as tragédias antigos parecem não deixar de nos dizer coisas importantes. Após algum trabalho de arqueologia digital, eis-los ambos, então, publicados! Evoé!



Édipo e a Esfinge em vaso grego pintado entre 450 e 440 a.C. (Antikensammlung Berlin, Altes Museum)

PROEC

Pró-reitoria de Extensão e Cultura

Você sabia?

A Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC) promove e difunde a política cultural e extensionista da UFPR a partir da formação, produção e interação de saberes com a comunidade. Para isso, busca continuamente ser um espaço de inovação e transformação por meio da criatividade e experimentação cultural e extensionista. As ações da equipe da PROEC estão orientadas no sentido de fortalecer a cidadania e a diversidade por meio do diálogo com a comunidade, visando a democratização do conhecimento, a justiça social e a pluralidade de pensamentos.

história intelectual

Ler Euclides da Cunha

hoje é desfiar múltiplas histórias

"Na volta que o mundo dá", falar em múltiplas histórias que compõem uma leitura se faz cada vez mais necessário.
— por *Caroline Aparecida Guebert**

Euclides da Cunha (1866-1909) foi um dos escritores brasileiros mais reeditados, controversos e debatidos. Em 2022 e em 2023, respectivamente, completaram-se 120 anos do lançamento da primeira edição de *Os Sertões: campanha de Canudos* (1902) e da entrada de Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1903). Ler as obras desse autor fluminense nos dias de hoje desperta estranhamento em vários sentidos. Implica deixar-se afetar por uma ampla teia de visões e de experiências que foram sendo agregadas ao texto e em torno dele ao longo do tempo e do espaço. Um primeiro exemplo poderia ser o das outras interpretações do Brasil, correlatas à sua época de produção, no paradigma do determinismo geográfico, que são explicitadas na edição comentada e comemorativa mais recente de *Os Sertões*, de Leopoldo Bernucci (Ateliê Editorial, 2022). Na outra ponta, há exemplos que vão muito além das arestas da escrita como suporte: existe um conjunto audiovisual composto por filmes e minisséries de TV, e até mesmo por vídeos informais, que operou recortes diversos sobre as sentenças euclidianas e que circulou via plataformas digitais. Nesse percurso, constitui-se um imaginário social, variando os repertórios acessíveis e ativados individualmente pelos/as leitores/as.

Além da relação intelectual e histórica entre intérpretes ou entre arte e ciência, ler Euclides da Cunha permite pensar sobre como se dá o processo de transmissão cultural de ideias, cuja materialidade depende de suportes externos, e cuja simbologia depende da intertextualidade, das críticas posteriores e da memória. No mar de alusões diretas e indiretas, inconscientes e reflexivas às palavras euclidianas, trata-se de uma literatura que atravessou o século XX, mantendo-se na posição de guia para a compreensão da realidade brasileira "profunda", mesmo depois de ser considerada datada em vários aspectos, sobretudo no da teoria racial. Pelas diferenças sociais, culturais, linguísticas e políticas que nos distanciam de um pensador típico do fim do século XIX, esse lastro chega até o presente com uma série de mediações que mantiveram a obra viva e a transformaram, graças a múltiplos usos.

No ano de 2023, a morte do teatrólogo brasileiro José Celso Matinez Corrêa (1937-2023), que gerou grande comoção entre artistas e fãs (de certa forma semelhante ao elogio fúnebre público dos pares na ocasião da morte de Euclides), trouxe à tona, particularmente, um cruzamento frutífero entre o legado desses dois intelectuais de gerações diferentes. Os necrológios relembraram o premiado ciclo de peças dirigidas e estreladas por José Celso intitulado *Os Sertões*, que teve exibição nos anos 1990, no Brasil, e 2000, na Europa. Tal releitura do clássico manteve a tríade "a terra, o homem, a luta" em outro gênero literário e apostou numa performance disruptiva e musicada no Teatro Oficina (grupo existente desde 1956) em São Paulo. As facetas descritiva e denunciativa da "resistência" dos corpos sertanejos contra o poder, segundo o diretor, traduziam demandas e sentimentos atuais, em temas como: a violência, a modernidade, a potência da coletividade e as contradições humanas.

Já a maneira como Euclides da Cunha foi lido por Gilberto Freyre é indiciária de uma leitura duradoura que predominou publicamente e que se estendeu aos comentaristas fiéis autointitulados *euclidianistas*, atuantes em Grêmios Euclides da Cunha espalhados de norte a sul do Brasil, entre os anos 1930 e 1960, sendo um deles (em São José do Rio Pardo) ainda operante. O viés escolarizado da obra de Euclides da Cunha esteve atrelado inicialmente ao eugenismo, depois à agenda desenvolvimentista, e o escritor-engenheiro chegou a ser incorporado por rituais cívicos da ditadura civil-militar, que tenderam a silenciar o seu lado mais revolucionário. A função social do "intelectual" se transformou: no início do século passado esteve muito ligada aos conceitos de nação e de cidadania, servindo de inspiração para o próprio Euclides se posicionar como republicano e anticlerical, enquanto se confrontava com as falhas do poder público em incorporar "os sertões" ao Brasil e com os limites das teorias científicas na tarefa de narrar a sangrenta guerra na "marcha da civilização" prometida pelo republicanismo iluminista e assumida como missão, levada ao extremo pelo ideário positivista.

De outro lado, os textos adentram naquilo que o filósofo Paul Ricoeur chamou de esquecimento de reserva, isto é, há dimensões que são ativadas ou silenciadas conforme enquadramentos e conjunturas específicas, pois a duplicidade da lembrança e do esquecimento se faz intrinsecamente. Muitos poemas de Euclides da Cunha, por exemplo, chegaram ao século XXI em formato manuscrito, sendo publicados na qualidade de documentos históricos. Os seus "poemas-postais" são particularmente interessantes hoje para pensar as relações entre viagem e poética e as "marcas de proveniência" intelectuais.

"Na volta que o mundo dá", falar em múltiplas histórias que compõem uma leitura se faz cada vez mais necessário. Na era digital, como já alertavam Aleida Assmann e Linda Short (*Memory and Political Change*), o princípio da sobrescrita constante passa a atuar em escalas antes nunca vistas. Assim, a imagem e as palavras de Euclides da Cunha se transferem de um meme para um cartaz político, de uma aula para um documentário, de uma foto de perfil para um blogue, de um idioma para outro. É justamente a característica humana do "não cessar de procurar" — como disse Antoine Compagnon, em *Literatura para quê*? — que faz da literatura (e eu acrescento, também da história) um conhecimento não algorítmico. Ler autores do passado enriquece a percepção de que as nossas multileituras também são históricas e vice-versa.

***Caroline Aparecida Guebert** é historiadora (UEPG), mestre (UFPR) e doutoranda em História (UFSC). Trabalha com relações entre intelectuais, literatura e memória.



Leia mais

Sob o retrato de Euclides da Cunha: uma história dos euclidianos e do seu "Brasil interior" nos anos 1950 (CCEC, Paraná)
Caroline Aparecida Guebert
336p.

Cartão-postal com imagem do Igarapé da Cachoeirinha. Sem destinatário. Manaus, 1905.





O professor José Borges Neto na biblioteca de casa, mostrando um dos violões de sua coleção de instrumentos de corda (Wagner Roger/Foto)

entrevista | José Borges Neto

A linguística, esse rótulo

Nesta conversa com ex-orientandos, o autor da recém-lançada *História da gramática* questiona conceitos-chave a respeito da linguagem, reflete sobre as origens da disciplina que lecionou durante décadas na UFPR e critica a militância dentro da ciência. — por *Gissele Chapanski e *Márcio Renato Guimarães*****

A dinâmica das entrevistas é pontuada por uma espontaneidade que outros tipos de texto falham em captar. Quanto mais próximas do tom de conversa, mais permitem flagrar fluxos, lapsos, saltos que entregam o que há de mais característico e autêntico no pensamento do entrevistado. No caso de José Borges Neto, professor aposentado de linguística na Universidade Federal do Paraná, isso interessa, e muito: ele é um dos responsáveis pela consolidação da área no Paraná, e atualmente uma referência nesse campo, especialmente na semântica formal e na filosofia da linguística.

Sua capacidade de tecer conexões pouco óbvias entre temas diversos, a contundência de sua argumentação, as perguntas que instiga e enfrenta sem melindres (sempre como motores primeiros da ciência e da filosofia) emergem e se entrelaçam nas suas famosas conversas, que podem se desdobrar por horas. Seus alunos, orientandos, colegas e amigos sabem: nos intervalos, entre cafés, pelos corredores da universidade, Borges já fez acontecer muita linguística. Neste ano, ele lança *História da gramática*, um apanhado de milhares de anos sobre esse produto linguístico tão incorretamente compreendido e refletido. O livro acaba de conquistar o terceiro lugar do Prêmio Abeu na categoria Linguística, Letras e Artes.

Pensando justamente em resgatar um pouco desse jeito de pensar — e fazer pensar —, esta entrevista foi originalmente conduzida como um bate-papo. A ideia foi permitir que conceitos e concepções se manifestassem em movimento, entrelaçando-se com naturalidade ao ritmo da fala de José Borges Neto, longe da domesticação imposta pelos modelos escritos. Para tanto, esta conversa foi conduzida presencialmente, gravada e, em seguida, transcrita — pelo que agradecemos a Wagner Roger da Silva dos Santos (gravação do audiovisual) e Isadora Cristina Cardoso e Amanda Godinho dal Molin (degravação de áudio). O que apresentamos aqui é, portanto, a versão suficientemente editada para se adaptar ao tempo e ao espaço da escrita e da revista, sem, no entanto, apagar todos os indícios de fluidez e improviso presentes em seu formato original.

Estamos vivendo um contexto imediato — histórico, sociocultural — em que as pessoas, por razões positivas, ou nem tanto, têm uma sensibilização maior ante à ciência do que teriam há uma década. O público em geral acaba se sensibilizando sobre a existência da ciência, para acatar ou mesmo para negar o discurso científico. E como você acha que fica a linguística, como ciência, nesse contexto específico?

JOSÉ BORGES NETO — A primeira coisa é pensar um pouquinho sobre o que a gente entende por ciência. No imaginário popular, digamos, ciência exige um laboratório, jaleco, aguinhas coloridas, fumacinha, o que a gente sabe que não é verdade. Boa parte da ciência é feita num gabinete. A ciência tem essa imagem, porque grande parte da população a via como uma coisa isolada, separada da prática. Mas cientistas de vários tipos fazem coisas que interferem o tempo todo na nossa vida. Nessa percepção, a linguagem é um lugar complicado para trabalhar cientificamente porque não precisa usar jaleco para fazer linguística, nem aguinhas azuis, nem demonstrar teorema, embora precise, muitas vezes. Na linguística, vivemos uma era de prevalência da opinião sobre a crença justificada, o "saber". Escrevi isso recentemente ["Linguística ingênua", publicado no

***Gissele Chapanski** é doutora pelo Instituto de Estudos da Linguagem (Unicamp) e mestre em estudos linguísticos pela UFPR. Atua como professora no ensino superior e desenvolve pesquisas em história e filosofia da linguística, retórica clássica e estudos da memória.

****Márcio Renato Guimarães** é professor associado do Dellin, na UFPR, onde foi aluno. Sua área de formação é semântica formal. Ultimamente estuda filosofia da linguística e dedica-se também à linguística indo-europeia.

livro Linguística popular/Folk linguistics: práticas, proposições e polêmicas]. Uma crença não precisa ser justificada, como a fé. Mas algumas crenças ficam só no "eu acho que". Isso é opinião. Já o "saber" (não sei se é o melhor termo, mas vamos chamar assim) é uma crença baseada num conjunto de evidências suficientemente fortes para que possa ser considerada um saber. No passado, os gregos, por exemplo, viam o relâmpago e diziam: "Bom, isso é Zeus atirando o raio nos homens para castigar". Acreditavam nisso porque não tinham outra possibilidade. Mas essas explicações vão sendo discutidas, contestadas, substituídas por outras. Hoje a gente sabe: existe um saber suficientemente claro e justificado sobre o que é que está acontecendo quando cai um raio. Não é uma opinião.

Nesse sentido, você acha que a situação na linguística é ainda mais grave do que a das outras ciências?
BORGES — Não sei se mais ou menos. Na linguagem, assim como na biologia, você também tem que distinguir o que é saber e o que é simplesmente opinião. Isso não quer dizer que eu esteja propondo que todo "saber da linguagem" seja uma linguística, assim, científica, ao menos não naquele sentido muito estrito de ciência do século XVIII, ou XIX no máximo, que tem a física como um modelo. Na linguística você pode ter um saber suficientemente justificado e que não é construído como o conhecimento na química. Não sou, como alguém já disse, positivista. Não! Sou, nesse sentido, bastante ponderado. Não sei o que é a linguística, porque para mim a linguística é um rótulo que recobre um monte de coisas completamente distintas entre si e que tem como única ligação a preocupação com a linguagem — que também não sei o que é, porque existem muitas possibilidades de entender essa coisa chamada linguagem. Os caras da fonética, que são linguistas, trabalham praticamente como um físico: a fonética acústica é física acústica pura. Ainda na fonética, também se pode fazer um trabalho voltado à articulação, mais ligado com anatomia, com a fisiologia, com a área médica, com o movimento ou a funcionalidade dos órgãos. Agora, o analista do discurso já não trabalha com

> **"A gramática era um assunto que o homem culto tinha que conhecer. E daí para a frente continuou assim. Tenho impressão de que a gramática ainda continua sendo vista [dessa forma]. Aliás, geralmente não tem, mas exige dos outros.**

nada parecido com física. A sua metodologia é outra. Mas há um "saber" também na análise do discurso que não é mera opinião. Ali pode haver algo de opinião, enfim, mas do mesmo modo como há na fonética. Logo, o que é que junta essas coisas e diz "Isto é linguística"? Que diabos é "linguística"? Não sei o que é.

Mas isso que acontece com a análise de discurso e a fonologia não ocorre também em outras ciências? Na biologia, por exemplo, quem trabalha com genes lida com moléculas; já quem se ocupa de ecologia se dedica a algo que nem sempre tem relação direta com genética.
BORGES — Sim, pode acontecer. Gosto muito dessa aproximação com a biologia, porque você categoriza os seres vivos e os divide em partes cada vez menores, até chegar à molécula. Em dado momento, sai da biologia e passa para a química e para a física. Por exemplo, o que o velho Dionísio Trácio [170 a.C.-90 a.C., autor da primeira gramática da língua grega] está fazendo com a linguagem? Dividindo em partes, que se dividem em outras partes. Isso já está lá em Aristóteles: a menor parte dotada de significado é a palavra, que pode ser dividida em sílabas. As sílabas, por sua vez, vão ser divididas em letras. Na biologia, além dessa "análise", essa "anatomia/fisiologia" dos seres, há também toda a questão do comportamento e da história (no sentido de "evolução", de onde é que veio, para onde é que vai). Existe ainda a relação do indivíduo com o meio. Há uma interação entre eles. Na linguagem, você também vê isso. Existe todo um estudo do homem com a sua linguagem interferindo no meio ideológico, sociológico e vice-versa. Assim, o social interfere na linguagem? Interfere. O ideológico interfere na linguagem? Interfere. Mas a linguagem também interfere no sociológico e no ideológico. É a mesma coisa com a biologia. Dá pra dizer que biologia é só do ser pra baixo, mas aí se tem que admitir que existam "duas biologias". Mesmo assim, da molécula em diante, você não tem mais biologia, tem bioquímica. Então, biologia também é uma espécie de "federação de coisas diferentes", exatamente como linguística. E por que é que a biologia é vista como uma ciência? Acho que é uma questão histórica e classificatória. Quando foi criada, era o estudo do ser vivo. Mas trabalha hoje com coisas que não são seres vivos, como os vírus.

Mas há uma diferença de *status* social da linguística e da biologia. Ao que se atribui essa diferença?
BORGES — Acho que tem uma dignidade anterior num certo sentido, embora a linguística seja mais antiga ou tão antiga quanto a biologia. Os médicos da Antiguidade, por exemplo, de algum jeito, tinham conhecimento biológico. Aristóteles e Sexto Empírico, inclusive, se diziam profissionais médicos e falavam sobre essas coisas da biologia, das partes do corpo, das doenças, das curas, das ervas. Quanto ao problema da linguística, se a gente olhar para trás, vai ver que, durante muito tempo, ela só foi valorizada enquanto gramática. Nesse sentido, está ligada à educação e foi importante a ponto de ser um dos três assuntos principais da educação medieval, da Antiguidade tardia, da Idade Média e mesmo depois. A gramática era um assunto que o homem culto tinha que conhecer. E daí para a frente continuou assim. Tenho impressão de que a gramática ainda continua sendo vista como um conhecimento que o homem culto tem que ter. Aliás, geralmente não tem, mas exige dos outros. Basicamente a ortografia é fundamental. Você pode errar o que for, mas, se errar ortografia, todo mundo aponta o dedo. Não é? Mas não é do mesmo jeito com relação ao médico. Gosto do que Perini diz sobre escola. Há conteúdos que são úteis, como alfabetização, letramento e aritmética, e conhecimentos de fundo social. Por exemplo, todo brasileiro sabe cantar "Atirei o pau no gato". Além desses, existe um terceiro grupo de conhecimentos, que são de iniciação científica: a física, a química etc. Para ele, a gramática devia ser um desses. É uma proposta interessante, uma vez que os conhecimentos valorizados na gramática pela imensa maioria da população são apenas os de fundo cultural.

A seu ver, isso se deve ao fato de se dar pouca visibilidade aos "metafazeres" teóricos da linguística ou mesmo à própria linguística no papel de ciência?
BORGES — Isso, isso. Porque é a gramática, que é, digamos, venerada. E, no caso da escola, é uma gramática mais ou menos imutável desde o século I a.C. Claro, se você procura diferença, encontra. Mas, se procura continuidade, encontra. Se colocar a gramática de Dionísio Trácio ao lado até mesmo de uma gramática como a de Marcos Bagno, vai encontrar uma continuidade brutal. É essa gramática, entendida agora como um conteúdo culturalmente valorizado, valorizável, que está na boca das pessoas. Acham que é isso que nós, linguistas, fazemos. Se é assim, o que fazemos não seria ciência, mas (como é que eu posso dizer?) mastigar, remastigar e remastigar um conteúdo cultural clássico. Mas me recuso a fazer isso. Não estou aqui para redizer o que gregos, latinos ou medievais diziam. Me comporto como alguém que faz ciência, embora eu não faça, não seja exatamente um cientista. Creio que eu faça mais o que se chamaria de filosofia da ciência, justamente para pegar no pé das pessoas que acham que estão fazendo ciência, mas estão, na realidade, remexendo e remexendo, espantando as moscas…

A impressão que dá — veja se você concorda — é que, recentemente, se difundiu a noção de que a ciência provê apenas uma opinião entre tantas. Antes, parece



Borges Neto (esq.) conversa com os ex-orientandos Márcio e Gissele (Wagner Roger/Foto)

que a ciência tinha um certo "*status* de respeito". Havia um certo temor, que teria diminuído a ponto de qualquer um se sentir à vontade para dizer bobagens.
BORGES — Não sei se diria temor, mas acho que esse "temor", enfim, diminuiu. Diria que a ignorância com relação à ciência continua a mesma. É só ver: são raras, por exemplo, as pessoas que tratam a teoria da evolução darwiniana de um jeito adequado. "Ah, o homem descende do macaco": Darwin nunca falou uma coisa dessas! Já era assim no século XIX e foi assim no século XX. Há uma ignorância completa a respeito. De algum jeito, é o que o Umberto Eco falou: de repente, as redes ficaram à disposição dos imbecis. Também não é questão de ser ou não leigo, porque existe o leigo informado; a questão é haver o leigo que, sem estudo ou conhecimento, se sente completamente disposto a afirmar o que vai pela cabeça. O que pode estar acontecendo é que as pessoas pensam a partir de sua ignorância, e ignorância no bom sentido. Eu, por exemplo, sou ignorante num monte de coisas, na maior parte das coisas. Não posso falar de química, de física, a não ser superficialmente, com alguma cultura geral. Mas as pessoas se servem da sua ignorância para tratar como verdade a "terra plana". E a linguagem ajuda. As pessoas às vezes não conseguem entender. "O sol nasce no leste e se põe no oeste." Quem diz isso acha que a Terra está parada e o Sol está se mexendo?

Não necessariamente.
BORGES — Não. Isso é um modo de dizer que provavelmente tenha sua raiz no modo de ver, porque é isso o que a gente vê. Eu gosto daquele trecho dos Beatles: "Day after day, alone on a hill/ The man with the foolish grin/ Is keeping perfectly still./ But the fool on the hill/ Sees the sun going down/ And the eyes in his head/ See the world spinning round". Ou seja, o cara vê o Sol andando, mas lá na sua cabeça ele vê a Terra girando. As pessoas às vezes são literais. Veja os jornalistas que não dizem "corre risco de vida", por exemplo, porque na realidade o que se corre é "risco de morte". É o mesmo raciocínio que, quando você diz que o sol nasce no leste e se põe no oeste, presume que é o sol que está andando. É preciso descolar o linguístico aí, porque ele é metafórico, metonímico, o que quer que seja. Não dá para fazer essa ligação. Aliás, o problema do primeiro [Ludwig] Wittgenstein [filósofo austríaco, morto em 1951] era esse. Ele achava que a estrutura linguística representava a estrutura do mundo.

Ser capaz de fazer esse descolamento de maneira suficiente para que a linguagem não colabore com esse tipo de engano e com visões solipsistas é uma questão de educação linguística? Ou de educação científica na linguística, desde as séries iniciais? Você acha que pode se vincular a isso?
BORGES — Mas você acha que o senso comum faz essa ligação normalmente? Acho que não. As crianças pequenas veem o desenho animado, o personagem morre, renasce; no dia seguinte, ele morre de novo. Bem, não sei nem se hoje ainda veem isso, mas o Tom batia no Jerry com um martelo e "achatava" o Jerry. As crianças pequenas são capazes de distinguir a realidade desse tipo de manifestação. Muito embora — vou me meter numa fria aqui — exista um povo que lê a Bíblia literalmente, por exemplo. Esses não entenderam nada.

Gissele, Márcio e Borges Neto (dir.) se encontraram para o bate-papo ainda no ano passado (Wagner Roger/Foto)



Creio que há uma espécie de movimento que busca uma verdade simplória, um lugar-comum de verdade, ancorado no literal, no imediato. Isso é bem visível em determinadas circunstâncias, como essa da interpretação literal da Bíblia. Muita gente passa, talvez a partir da convivência, a pensar dessa forma de fato.
BORGES — A Bíblia é um livro interessantíssimo. Agora, lá no começo, no Gênesis, você tem a criação. No primeiro dia, Deus faz isso; no segundo dia, aquilo. Mas o "dia" em si, o "dia" ciclicamente separado da noite, só é criado no quarto dia. E você acha que alguém presta atenção nisso? Não.

Se estudamos a história do protestantismo, vemos que, desde o início, há uma longa tradição de interpretação, inclusive filológica, justamente para evitar a leitura literal. A gente sempre teve essas redes de informação e agora parece ter redes de desinformação. Então, de uma certa forma, você acha que há nisso uma regressão?
BORGES — Acho. Acontece em muitos sentidos. Vamos trazer o caso para a gramática. Platão já tinha separado, e Aristóteles vai distinguir o nome do verbo. Para mim claramente ali não se trata de nome/verbo, é mais uma coisa como um "nominal" e um "verbal". Não sei grego o suficiente para lembrar com precisão agora, mas ele fala, por exemplo, que saúde é um nome, mas ser saudável é um verbo, *ónoma* e *rhêma*. Não sei se tem um verbo "ser saudável" em grego.

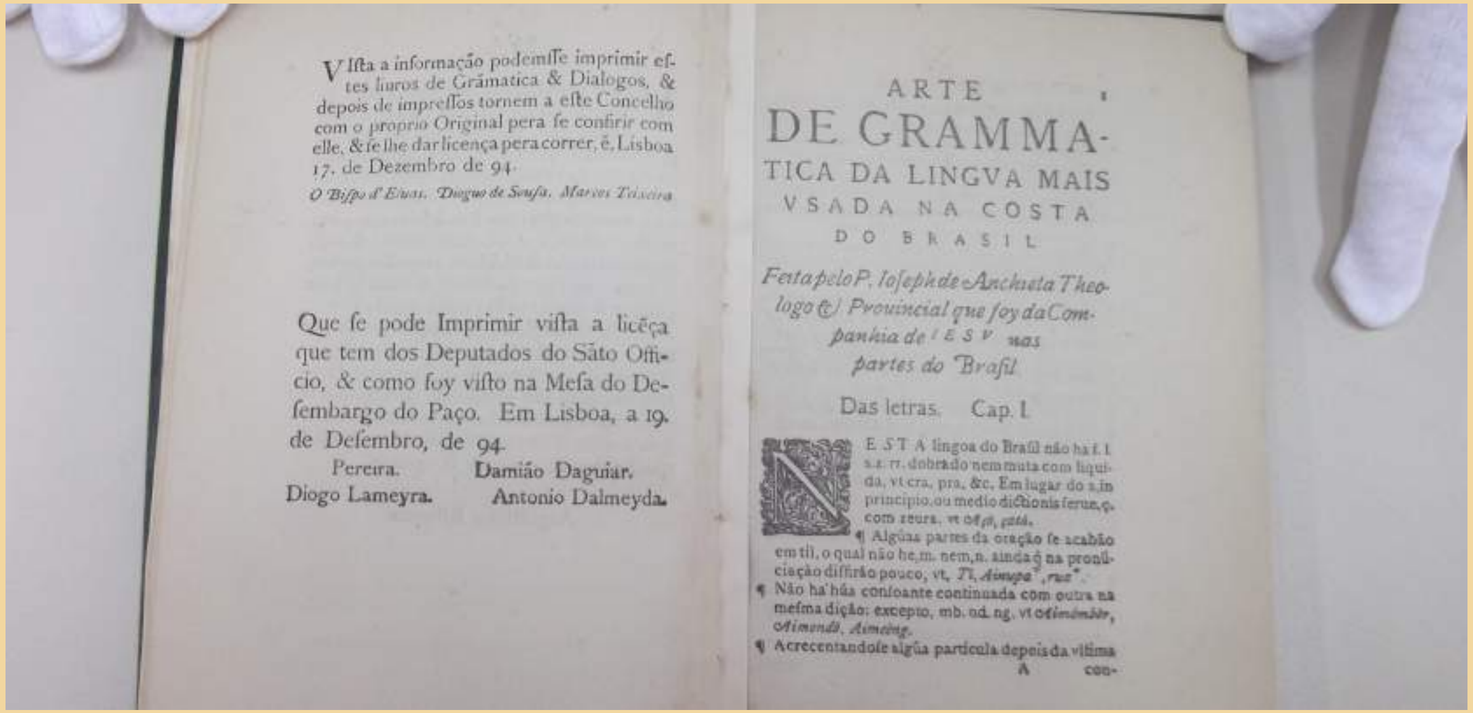
Tem: *hygiádzo*, *hygiádzomai*.
BORGES — Aí, na tradução, se diz que saúde é um *ónoma*, e ser saudável é um *rhêma*. Mas "ser saudável" não é verbo, certo? Isso não é mais o pensamento de Aristóteles. Você tem uma coisa diferente. E geralmente são os filósofos que não sabem grego que leem essa tradução. Aí fixam as noções de *ónoma* e *rhêma* como se fossem relativas à palavra, e não são. Na verdade, é uma coisa que também não sei bem: *méros lógou* e *léxis* não podem ser a mesma coisa. E acho que *méros lógou* também não pode ser classe de palavras. É parte do discurso, e portanto tem uma função no *lógos*. Assim, ao mesmo tempo que é forma, é conteúdo. Portanto, não é palavra. Não dá pra traduzir *méros logou* simplesmente como palavra, assim como *léxis* também não dá. *Léxis* se refere somente ao aspecto material? Também não tenho claro.

Depende. Ao longo da tradição, você encontra ocorrências em que pode ser entendida como algo mais material, ou menos.
BORGES — Este é o meu problema: como a gente chega com a noção de *palavra* de hoje, que é… não sei o quê! A verdade é que a gente não sabe. Porque é um monte de coisa ao mesmo tempo, e ao mesmo tempo não é nada. Como que se deu isso? Sou incapaz de fazer esse caminho todo.

Assim, não se encontra até os séculos XVIII e XIX nada parecido com a noção de *palavra* que passa a se ter a partir de algum momento na linguística moderna. Talvez a ideia sequer venha de *léxis*. *Léxis* implica uma materialidade do elemento maior que a evocada por *méros logou*? Sim. É só essa materialidade? Não.
BORGES — Não mesmo. Tem um texto de Jacyntho Lins Brandão [professor da UFMG, tradutor da *Epopeia de Gilgámesh*], em que ele não está falando de linguagem especificamente, mas de textos literários. Aí ele usa *léxis* para texto. E novamente você vai entender que existe uma coisa na língua chamada *palavra*, que não sei o que é. Dependendo de como a pessoa olha, não consegue saber quantas palavras existem em uma expressão. O exemplo que usei neste último Celsul [Ciclo de Estudos Linguísticos do Sul] foi: "As asas azuis das aves". São três palavras fonológicas: "as ásas/ azúis/ das áves". São três acentos; e palavra fonológica é definida pelo acento. Mas "as asas azuis das aves" tem cinco palavras ortográficas. Já palavras lexicais tem seis, porque "das" é "de" e "as"; é uma contração de duas palavras. No final, quantas palavras tenho? Não dá pra saber. Se for palavra ortográfica, é uma coisa; se for palavra fonológica, é outra; se for palavra morfológica, é outra ainda. Então que diabo é palavra? Não sei. Queria uma hora pegar esse caminho, mas tinha que ser de lá de muito longe, e uma coisa pra vida inteira.

Não sei se muito longe; em boa parte do período histórico você não tem nada que seja parecido com o conceito de *palavra*. É uma noção metalinguística muito refinada. Para fazer uma diacronia, você pode buscar fios conceituais, tentar fechar um nocionário. Mas vai chegar num momento que não vai mais estar falando de palavra, e a gente não vai saber qual é esse momento. Seria muito delicado perceber esse momento.
BORGES — Mas, se você vai lá em Dionísio Trácio, ele sabe, porque classifica os *méros logou*, mas é…

> **“Este é o meu problema: como a gente chega com a noção de *palavra* de hoje, que é… não sei o quê! A verdade é que a gente não sabe. Porque é um monte de coisa ao mesmo tempo, e ao mesmo tempo não é nada.**



Vista a informação podemsse imprimir estes liuros de Grámatica & Dialogos, & depois de impressos tornem a este Concelho com o proprio Original pera se confrir com elle, & se lhe dar licença pera correr, ẽ Lisboa 17. de Dezembro de 94.

O Bispo d'Eluas. Diogno de Sousa. Marcos Teixeira

Que se pode Imprimir vista a licẽça que tem dos Deputados do Sãto Officio, & como foy visto na Mesa do Desembargo do Paço. Em Lisboa, a 19. de Desembro, de 94.

Pereira. Damião Daguiar.
Diogo Lameyra. Antonio Dalmeyda.

ARTE
DE GRAMMA-
TICA DA LINGVA MAIS
VSADA NA COSTA
DO BRASIL

Feita pelo P. Ioseph de Anchieta Theologo & Provincial que foy da Companhia de IESV nas partes do Brasil

Das letras. Cap. I.

ESTA lingoa do Brasil não ha f. l. s. x. r. dobrado nem muta com liquida, vt cra, pra, &c. Em lugar do s. in principio, ou medio dictionis ferue. ç. com zeura. vt *oçá, çaáb.*

¶ Algũas partes da oração se acabão em tĩ, o qual não he, m. nem, n. ainda q̃ na pronũciação differão pouco; vt, *Ti, Aimopẽ, reẽ.*

¶ Não ha hũa consoante continuada com outra na mesma dição: excepto, mb. nd. ng. vt *oCoimbãbe, oAimondi, Aimoing.*

¶ Acrecentandose algũa particula depois da vltima

A con-

Servidor da Biblioteca Central da UFRGS mostra início do livro Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil, *de José de Anchieta (Eugenio Hansen/Foto)*

Leia a entrevista sem cortes no site da Editora

Leia mais
História da gramática
José Borges Neto
529 p.



Um conceito intuitivo de palavra.
BORGES — Isso. Acho que é ortográfico e semântico, nocional. O signo seria o que a gente acha lá em Aristóteles, uma noção de signo bem clara. Signo mínimo seria "palavra". É o que James Harris vai dizer no século XVIII: o signo mínimo é a palavra.

Então, provavelmente esse é o período de definição do conceito.
BORGES — Mas ele era especialista em Aristóteles, considerado, respeitado.

Mas Aristóteles é um campo fértil. Existem coisas que o aristotelismo reconhece, mas que Aristóteles não nomeou.
BORGES — É, mas Aristóteles fala que é possível recortar. Não lembro bem agora, mas a palavra "rato", por exemplo. O "to" e o "ra" são duas partes dessa "palavra", mas elas não têm significado. Então, assim, ele vai trabalhar com o menor significado. Isso está em *Da interpretação*, acho, e na *Poética* também. Tenho só em português, não tenho em grego. Não sei o que ele diz de fato. Voltamos àquela questão: só pelas traduções, na realidade, podemos nem saber bem do que estamos falando.

Isso nos leva de novo a pensar o espectro de responsabilidades dentro das teias de informação e conhecimento. Com o ambiente midiático pulverizado e livre independentemente das fontes, surgem questões que dizem respeito à linguagem e à língua. Como você analisa o posicionamento da linguística nessas circunstâncias?
BORGES — Não sei dizer. Lembro de ter discutido um pouquinho alguma coisa parecida com isso, há alguns anos, num texto que publiquei e apresentei no Celsul em Pelotas ["Por que fazer linguística (e que linguística fazer)?", de 2006]. Era um tipo de resposta para aquela ideia da "linguística que nos faz falhar", do Kanavillil Rajagopalan (meu amigo Rajan). Ele acha que, naquela discussão sobre os estrangeirismos, a linguística não conseguiu vencer, enfim, falhou, porque não sabe se comunicar com o povo. A minha questão, porém, era que a linguística tem que se comunicar com o povo enquanto linguística. Na divulgação científica, claro, é outra coisa. Preciso pensar em divulgação científica? Creio que sim, mas me sinto incapaz de fazer. Até tentei. Marcelo Módolo tinha aquela revista *Língua* e me convidou para escrever. De boa vontade, até comecei. Acho, por exemplo, que Sírio Possenti consegue fazer uma comunicação, escrever no jornal e ter leitores. Faz um pouco de divulgação científica. Eu já não. Mas penso que a linguística em si não tem que fazer isso. Enquanto ciência, ela tem que ser a ciência mais séria e mais honesta que consegue ser. Os linguistas, fazendo o seu trabalho corretamente, divulgando, já prestam o serviço que poderiam e que deveriam prestar. A militância, essa questão do convencimento do público e coisa e tal, é outra conversa. Lembro de um caso. Um cara que eu conhecia, foi meu colega de escola, era da Secretaria da Agricultura na época em que a carne dos frigoríficos do Paraná foi bloqueada nacionalmente porque encontraram lá na divisa com o Paraguai uma vaca com febre aftosa. Ele jurava que não havia um único caso de febre aftosa e que passou a haver esse bloqueio por interesse econômico, porque o dono do boi, que queria vender, não era paranaense, enfim. Aí é que eu faço a pergunta: cientificamente, a ciência, a veterinária no caso, o que dizia sobre isso? Dizia: não há febre aftosa. E o que que dizia a política? Há febre aftosa. Logo, está bloqueada a carne. Foi a veterinária que nos fez falhar? Não, né? Ou seja, não interessa o que a gente diz sobre a linguagem do ponto de vista científico. A gente está vendo aí o gênero neutro.

Na verdade, o problema do gênero neutro é que uma parte da linguística está defendendo. Acho que é pior.
BORGES — Mas é a linguística-militância. É uma linguística que não está…

Descrevendo a realidade; está dizendo como a realidade…
BORGES — Deveria ser. E tenho a impressão de que esse tipo de coisa, na verdade, é assim: o respeito que eu devo ter pelas mulheres, pelos homossexuais, pelos LGBTQIA+ não se dá necessariamente no gênero gramatical, certo? Porque a questão não é linguística. Aí o pessoal diz: "Ah, mas é simbólico, a linguagem é simbólica". Então vamos fazer essa bagunça que está sendo feita só por uma questão de simbolismo? Aí o cara diz: "Bom dia, queridas, queridos e querides", "bom dia a todos, todas e todes", mas bate na mulher em casa, entende?! Ou é racista! Acho que a questão é séria. O racismo, o preconceito são questões sérias! Mas não são linguísticas e não se resolvem na linguística. Você não muda nada mudando o gênero das palavras. Mattoso Câmara [linguista brasileiro, autor de *Estrutura da língua portuguesa*] já dizia que o capítulo mais confuso da gramática é o do gênero. Temos responsabilidade social? Sim, temos, enquanto indivíduos. Mas não necessariamente enquanto linguistas, porque, se a gente pensar assim, só faz ciência engajada, assim como um artista só faria cinema engajado, pintura engajada. Não, todos têm que fazer seu trabalho. O cara lá do laboratório, o químico, não tem que estar preocupado com a possibilidade de que isso possa ser empregado de modo a gerar consequências ruins. Quer dizer, só vamos fazer coisa útil agora, no sentido do politicamente correto? Dei outro exemplo nesse texto do Celsul de Pelotas. O Instituto Agronômico de Campinas é uma instituição do século XIX, bem antiga, e desenvolveu toda aquela plantação de café de São Paulo. Em certo momento, os fazendeiros começaram a dirigir o instituto e, como se depende de verbas, passaram a dirigir também o tipo de pesquisa que tinha que ser feito, que não era mais a pesquisa básica. Começaram a fazer só pesquisa "útil". Com isso, rapidamente conseguiram desmontar o instituto, que passou a não servir pra mais nada. Então, assim, o útil é inútil. Me baseei muito num trabalho chamado "A inutilidade da ciência útil (um paradoxo brasileiro)" [publicado em *Cadernos de Tecnologia e Ciência* em junho de 1978], feito por um historiador da ciência [Tjerf Franken]. Ao fim, essa ciência engajada serve pra quê? Para militância, e dura enquanto durar a militância. Quando falam em responsabilidade social, a minha resposta para Rajan é essa. Rajan acha que a ciência tinha que não falhar. Mas ele não tem atividade política nenhuma na vida inteira dele. Quer dizer, pelo menos desde que veio para o Brasil. A minha responsabilidade eu, de certo modo, satisfaço, né? Porque, desde o ginásio, fiz parte de grêmio; na faculdade, estive ligado à administração e essas coisas; fui presidente de associação dos professores. A minha militância política

se dá aí, não na ciência que faço. Consigo separar isso.

Você acha que a linguística conseguiria ter alguma recepção nos lugares em que ela costuma ser chamada por conta, em parte, do que acham que a gente faz? Há, por exemplo, a maldição da etimologia. Por mais que se insista, não se consegue matar a etimologia popular. Você acha que nesse contexto a linguística teria penetração para mudar o quadro e possibilidade de fazer alguma diferença?
BORGES — Tem gente que faz isso e gosta de fazer. O falecido professor Antônio José Sandman era um. Lembro que um vereador lá no Rio Grande do Sul, acho, escreveu pro Departamento (eu era chefe do Departamento na época) para saber se o nome nem lembro de qual cidade era com "x" ou com "ch", porque havia uma polêmica. Aí fiz uma coisa de que às vezes até me arrependo: escrevi de volta perguntando se eles não tinham nenhum problema pra discutir na Câmara de Vereadores. Em vez de ficar discutindo, que votassem. Já Sandman faria etimologia, buscaria origens em língua indígena e tudo o mais. Às vezes não tenho paciência.

Você sugeriria que eles escrevessem para a Câmara Municipal de Lages — a palavra *lajes* é com "j", mas em Lages optaram por manter o "g". Assim como houve o movimento para escrever Foz do Iguaçu com dois "s", porque o estrangeiro não reconhece o "ç".
BORGES — Mas foi um certo tempo dois "s", né?

Sim.
BORGES — Essa é outra coisa interessante; falamos no Rajan aqui. Ele me contou uma vez que a mãe dele dizia que tinha dado a ele esse nome porque os ocidentais não teriam dificuldades em pronunciar: Kanavillil Rajagopalan.

Ah, que bom!
BORGES — Kanavillil Rajagopalan é simples para qualquer ocidental! Lígia [Negri, professora de linguística da UFPR] tem outra história boa. Tem uma rua em Salto com o nome do pai dela. Mas se chamava antes Albert Schweitzer, o explorador. Está num bairro industrial de lá, mais para a periferia. Ninguém conhecia, nem conseguia pronunciar aquele diabo daquele nome. As pessoas passaram a falar: "Mas será o Benedito?! Que rua que é?". Então rua Albert Schweitzer virou rua Alberto Benedito, até que a Câmara de Vereadores resolveu que mudaria para Aníbal Negri. Mas retomando a questão do *status* da línguística, eu, na realidade, tenho uma visão meio heterodoxa. Já falei que a linguística é uma ciência humana, mas possui uma parte de ciência "exata", formal, uma parte de ciência natural e outra de ciência social. As ciências em geral têm uma definição por objeto, que é muito antiga, tradicional, e não funciona mais assim. O que se tem hoje é um grande mosaico, em que certas regiões são mais ou menos física, mais ou menos química, mas é tudo entrecortado. Existem coisas como a biofísica. Foram criando áreas interdisciplinares, que na realidade são disciplinas novas criadas nas fraturas dos objetos originais. Quer dizer, houve o momento em que se sabia o que era fazer física; mas aí esse cara trabalhava com físico-química ou biofísica, por isso criaram essas disciplinas novas. Então você tem uma pandemia de disciplinas novas e até certo ponto independentes; elas são todas interligadas, de um jeito, do outro. Como a linguística tinha que ser. Porque é isso o que você tem. Em áreas como psicolinguística, sociolinguística, neurolinguística, linguística histórica, análise do discurso, há uma inter-relação, ou deveria ter, diferentemente do que se encontra na espécie de núcleo duro da linguística: fonologia, morfologia, sintaxe, digamos, eventualmente semântica — que pode ser considerada aí também.

Nesse caso seria a língua como um objeto autônomo?
BORGES — É. Acho estranho.

Preciso da plaquinha de ironia, né?
BORGES — Os gregos faziam, como o Mattoso diz, "pré-linguística". Não estudavam a língua. Viam a língua com outros objetivos. É o [Ferdinand de] Saussure [linguista suíço, 1857-1913] redivivo olhando para os gregos. Mas eles não percebem que não havia esse mesmo objeto para os gregos, o objeto "língua". Eles estudavam, sim. Os filósofos estudavam o *lógos*. E é língua, né? Não só, mas também. Não há, na época, este objeto para ser estudado.

É, eles não reconhecem isso nem na linguística do século XIX, que dizem que não é linguística. É uma concepção de que a linguística não existiu antes de Saussure.
BORGES — Pois é, porque foi quando ela teve o seu objeto: estudar a língua em si e por si. Fiz uma conferência num GEL [Grupo de Estudos Linguísticos] em Campinas [publicado em 2005 com o título "História da linguística no Brasil"]. Se pegar a história do Mattoso, você vai ver isso. Você tem pré-linguística, paralinguística e linguística só no século XIX, com a linguística histórico-comparativa. Algumas coisas são pré-linguística, e outras são paralinguísticas, isto é, uma linguística aplicada, algo assim. Mas só no século XIX é que você tem linguística.

Mas hoje em dia a gente escuta muito que é só no século XX, com Saussure.
BORGES — Com Saussure?

Sim.
BORGES — Robert Lees, o cara que na realidade deu visibilidade pro [linguista norte-americano Noam] Chomsky nos Estados Unidos ao escrever uma resenha favorabilíssima do *Syntactic Structures* em 1957, quando o livro saiu na Mouton, na Holanda, diz que o Chomsky está fundando a linguística, porque o que se tinha antes era taxonomia. Agora, essa, né? O pai da linguística é Chomsky! Então é engraçada essa ideia de precursor. Discuto isso no meu livro. A gramática de Port-Royal, de 1660, seria o marco fundador da gramática universal. Bom, Amaro de Roboredo, em 1619, escreve um método universal para todas as línguas. E já vi — até cito um trabalho — que ele, um nacionalista, falando em gramática universal, foi o precursor de Port-Royal porque supostamente os padres de Port-Royal leram a gramática dele. Lá em Paris ou tiveram notícia que um cara de Trás-os-Montes tinha escrito uma gramática com essas ideias, ou essas ideias estavam difusas na época, faziam parte do *Zeitgeist*. Então, acredito que o precursor tem que ser necessariamente o cara que influenciou.

9° Prêmio Abeu

Parabéns aos nossos autores por suas colocações!



1° lugar — Categoria Tradução

As diferentes moradas das palavras: contos de esccritoras em tradução
Nylcéa Thereza de Siqueira Pedra (Org.)



3° lugar — Categoria Linguística, Letras e Artes

História da Gramática
José Borges Neto

Editora UFPR

Nós e a Lua

Desde tempos imemoriais, o satélite natural da Terra exerce um fascínio especial sobre os seres humanos. Despertada por esse mistério, a imaginação nos levou até lá muito antes do século XX: o sírio Luciano de Samósata, já no século II d.C., descreveu em detalhes a vida dos selenitas, nossos vizinhos siderais. — por *Jacyntho Lins Brandão**

O cinema estando ainda nos primórdios, Georges Méliès levou para a tela uma primeira aventura na Lua. No filme, assiste-se à fabricação da nave — contra o pano de fundo das conquistas da revolução industrial — e vê-se a cápsula ser lançada por uma engenhoca justo no olho direito de nosso satélite. Os tripulantes têm então contato com a inusitada superfície lunar e se encontram com alguns selenitas — de forma humanoide — tão inóspitos quanto frágeis, pois ao menor ataque se dissolvem em fumaça. Depois de algumas peripécias, a cápsula retorna sem necessidade de propulsão, pois basta que caia da Lua até o mar — o que ela perfaz trazendo inconsentidamente um dos selenitas.

O filme só confirma a relevância para o imaginário humano desse único satélite terrestre, tão distante quanto próximo e, por isso, capaz de provocar um sem-número de especulações. Muito cedo, e em diversos lugares e culturas, se elaboraram explicações para o seu percurso no céu, suas fases e influxo nos continentes e mares, envolvendo desde seu reconhecimento como divindade (o deus Sîn dos sumérios, por exemplo) quanto a formulação de hipóteses mais naturalistas (a Lua é uma rocha, conforme alguns filósofos gregos). Por estar tão perto a ponto de dar a ver, a olho nu, os contornos de algum relevo, mas ao mesmo tempo tão longe a ponto de não possibilitar visão de detalhe, infunde nos homens dois desejos: o primeiro, viajar até lá, para conhecê-la *in loco*; o segundo, encontrar nela alguma vida capaz de minorar a sensação de estarmos sozinhos num universo que parece sem fim.

O desejo de conhecimento e reconhecimento constitui o atrativo das viagens imaginadas à Lua, dando origem a toda uma tradição sobre os selenitas, desde a Antiguidade: o historiador grego Heródoro, por exemplo, no século IV a.C., afirmava "que as mulheres selenitas botam ovos e os que nascem lá são quinze vezes maiores que nós", enquanto Plutarco, filósofo grego do século I a.C., acreditava que as almas dos mortos, após terem deixado aqui na Terra seus corpos, passam um tempo na Lua. Mas é o sírio Luciano de Samósata (século II d.C.) quem faz o primeiro relato de uma viagem até lá, fornecendo a descrição de seus habitantes, ao modo dos etnólogos: dentre outras bizarrices, lá não há mulheres, e as pessoas nascem da barriga da perna dos machos, com exceção dos chamados "arbóreos", cuja reprodução se dá quando se planta no solo o testículo direito de um homem, donde brota uma árvore em forma de pênis cujos frutos são glandes do tamanho de um côvado, sendo de dentro delas que se tiram as crianças; além do mais, eles têm órgãos sexuais postiços (os ricos, de marfim; os pobres, de pau), bem como olhos desenroscáveis, de modo que, quando alguém quer ver, os põe, se não mais quer, os tira — e nesse tira e põe, muitos perdem os próprios e só podem voltar a ver com olhos emprestados de outros.

Considero essa última circunstância dos que vivem na Lua — "ver com olhos emprestados de outros" — uma bela imagem do que vem a ser a transmissão de conhecimento e cultura, na medida em que "ler" sempre implica ver o mundo com olhos alheios — e aqui tomo *leitura* em sentido amplo, o filme de Méliès nos oferecendo essa possibilidade tanto quanto um livro. Cumpre enfatizar como isso diz respeito também às ciências, considerando os instrumentos que nos permitem ver o muito grande e o muito pequeno — telescópios e microscópios —, bem como os recursos gráficos e linguísticos capazes de transmitir descobertas não diretamente acessíveis a nossos sentidos.

E assim atingimos a esfera da divulgação científica, de que o livro de Nicolas Camille Flamarion sobre a Lua, agora publicado em tradução pela UFPR, é um notável exemplo. Lançado em 1880, como parte de um volume sobre Terra e outros corpos

celestes que tinha o título de *Astronomia popular*, além de um documento para a história da astronomia, constitui um exemplo excelente de como dar ao leitor leigo a possibilidade ver o mundo pelos olhos da ciência — algo que se mostra especialmente urgente e necessário neste início de milênio. Da publicação da obra até hoje, a astronomia avançou muito, até o ponto de, com relação à Lua, permitir conhecê-la *in loco*. Mas o valor documental da obra não se perde pelo que possa ter de "desatualizado" — já que não é sua atualidade que está em causa —, de tal modo que justamente os capítulos que discutem hipóteses hoje descartadas terminam por ser de especial interesse: de um lado, o dedicado à questão da atmosfera lunar (com a conclusão de que "pode (e deve) existir na Lua *uma atmosfera de baixa densidade*"); de outro, como corolário deste, se a Lua é habitada por seres vivos (admitindo-se que "a vida, que por séculos e séculos deve ter irradiado pela superfície, provavelmente ainda não está extinta").

Nesses casos, não interessam as respostas, mas a constatação de como, a nada mais que 89 anos da primeira viagem à Lua, discussões desse teor faziam parte das especulações dos astrônomos — o que dá uma medida de quanto avançou nosso conhecimento. Mais ainda, elas também fornecem, em retrospectiva, a medida de quanto a ciência tem história e o conhecimento depende da formulação de hipóteses — ou exercícios de experiência mental — como ponto de partida para a investigação destinada a confirmá-las ou descartá-las.

E é justamente nesse âmbito das experiências mentais que cientistas se aproximam de artistas, já que as artes e em especial a literatura, conforme Aristóteles, tratam "do que poderia acontecer segundo regras de necessidade e possibilidade". Assim, é notável que um dos pais da ciência e da astronomia atual, Johannes Kepler, tenha sido o primeiro dos autores modernos a descrever uma viagem a nosso satélite, no curioso livro (escrito em latim) *Sonho ou astronomina da Lua*, publicado em 1634. Nele, um islandês de nome Durocatus conta como, auxiliado pelo poder de sua mãe, a feiticeira Fiolxhide, se transporta para a Lua, de que fornece uma detalhada descrição, acompanhada de nada menos que 223 notas científicas. Em resumo, uma mostra de como a ficção não é antípoda da ciência — o que garante a Kepler o galardão de pai também da nossa ficção científica.

É curioso que, como no filme de Méliès, os selenitas de Luciano não se tornem cadáveres ao morrer, mas se dissolvam no ar. Isso sugere uma linha de sucessão que, de Luciano e Kepler, passa por autores como Francis Godwin, Cyrano de Bergerac, Edgard Allan Poe, Jules Verne e H. G. Wells. Até que, em 20 de julho de 1969, com transmissão ao vivo para toda a Terra, Neil Armstrong deixou a Apolo XI e caminhou pelo Mar da Tranquilidade, uma extensão completamente vazia e empoeirada de terra — em plena Lua! Nos termos do astronauta, tratava-se de "um pequeno passo para o homem, mas um salto gigantesco para a humanidade".

Desde então, pode-se dizer que nós, terráqueos, conquistamos a Lua. Com a consequência de, ao mesmo tempo, terem-se dissolvido (não no ar, que não há lá, mas no nada) nossos simpáticos vizinhos.

*__Jacyntho Lins Brandão__ é escritor, tradutor e professor emérito da Universidade Federal de Minas Gerais. Publicou o livro de poemas *Harsíese* (Patuá, 2023) e traduziu do acádio a *Epopeia de Gilgámesh* (Autêntica, 2021), entre outros. Dedicou-se ao ensino de literatura, língua e filosofia gregas.



Ilustrações do livro Astronomia popular*: acima, a Terra no centro do mundo, rodeada por seres da mitologia; à direita, a posição dos astros num eclipse*









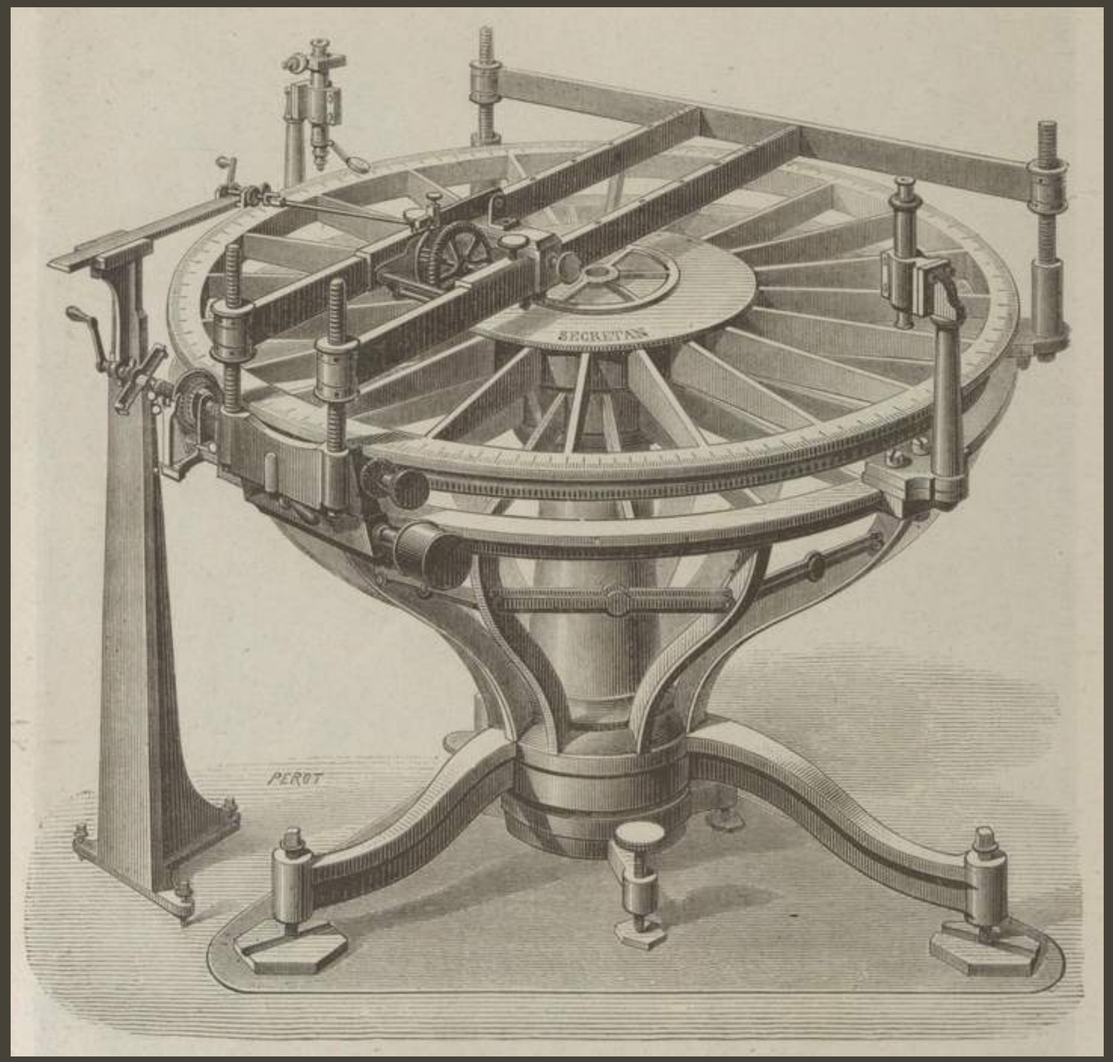
Ilustrações do livro Astronomia popular: *acima, exploradores tinham a constelação da Ursa Menor como guia; à esquerda, desenho de nosso satélite natural como visto pelos aparelhos do século XIX; à direita, cometa observado da Terra em 1861*

Próximo lançamento

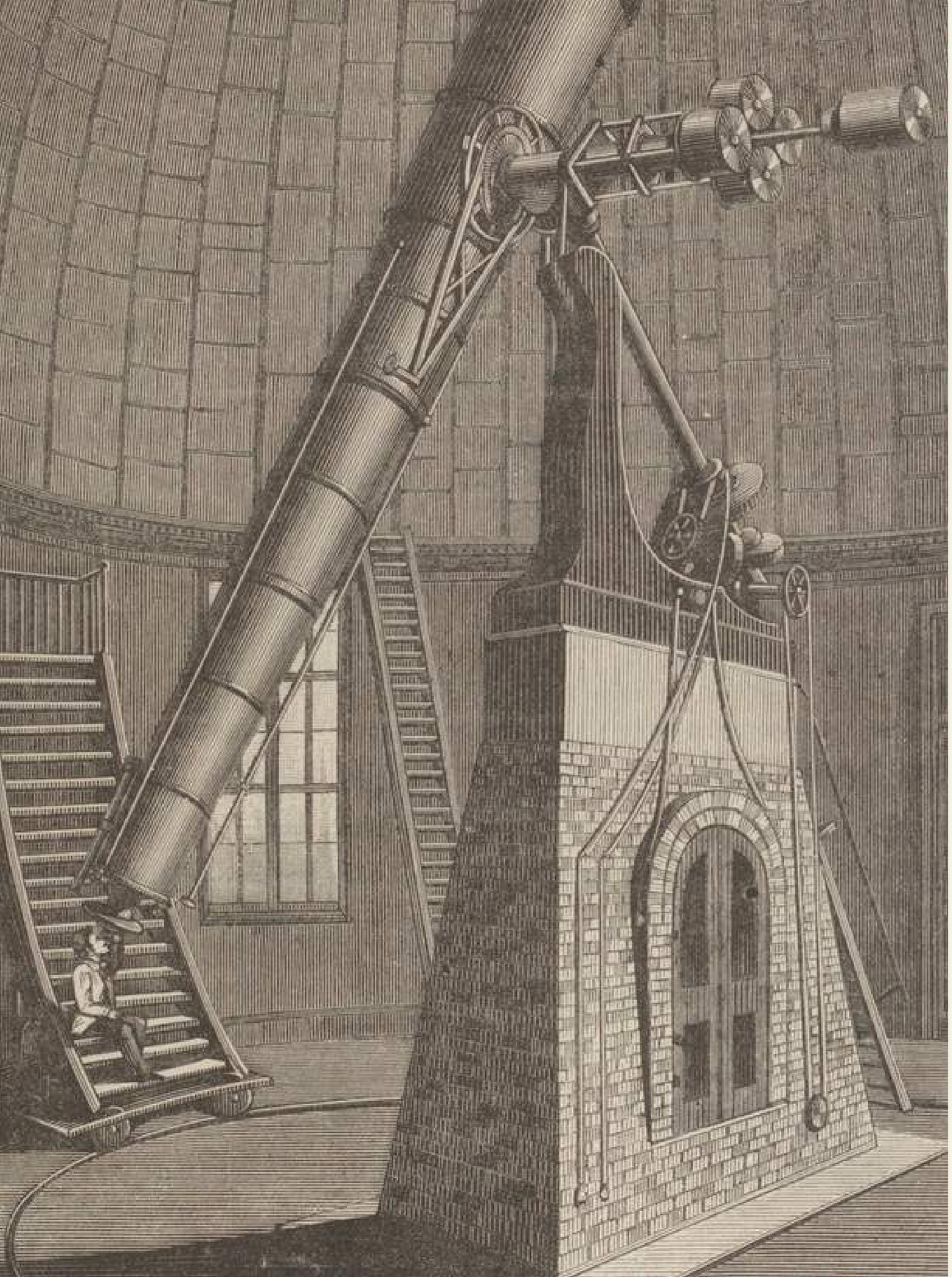
A Lua
Nicolas Camille Flammarion
Cristian Cláudio Quinteiro Macedo (Trad.)
Roberta Chiesa Bartelmebs (Coord.)
222 p.

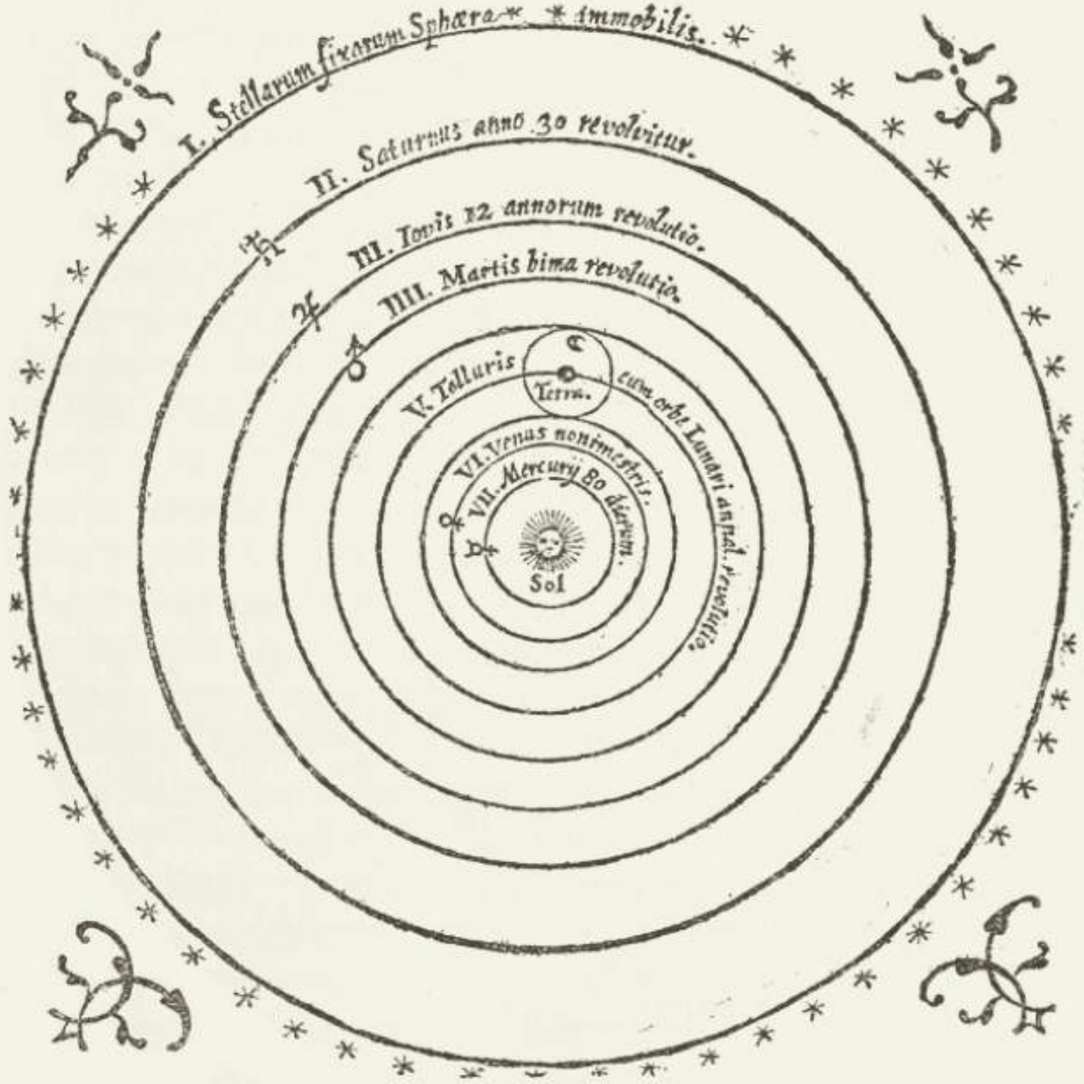


Ilustrações do livro Astronomia popular: *abaixo, máquina de medição astronômica, à direita, a aparição súbita de uma estrela nova em 1572, como observado pelo astrônomo Tycho Brahe*









Ilustrações do livro Astronomia popular*: acima, fac-símile do sistema de Nicolau Copérnico publicado em obra escrita pelo astrônomo no ano de 1543; ao lado, luneta do Observatório de Washington, Estados Unidos, no século XIX*



cadáveres no armário

Susto escondido

O cinema produziu grandes filmes de horror que permanecem pouquíssimo conhecidos até hoje; nesta lista, professor de cinema na UEPE, que lançará em breve o livro *O som no cinema de horror*, elege dez longas do gênero que merecem a sua atenção — por *Rodrigo Carreiro

Psicose (Alfred Hitchcock, 1960), *O exorcista* (William Friedkin, 1973) e *O iluminado* (Stanley Kubrick, 1980) são clássicos incontestáveis do horror cinematográfico, quase unanimidades entre cinéfilos. Esses títulos, e mais um punhado de outros, compõem uma espécie de cânone de um gênero que faz o tipo "ame ou odeie": filmes de horror costumam causar reações extremas, seja de admiração, seja de repulsa. Muita gente foge deles como o diabo da cruz (para usar uma analogia conhecida e apropriada). A nata do gênero costuma transcender suas fronteiras, mas, para cinéfilos persistentes, há pérolas escondidas tão incríveis quanto as obras-primas.

A lista a seguir enumera dez desses títulos. Eles estão em ordem cronológica e pertencem a períodos, países e ciclos de produção diferentes. Alguns circularam bem na época do lançamento original e foram sendo esquecidos aos poucos. Outros passaram despercebidos. Há até aqueles que causaram polêmica e quase desapareceram. Todos possuem algo em comum: são incríveis histórias de meter medo.

***Rodrigo Carreiro** é coordenador da Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Pernambuco e pesquisador bolsista de produtividade Nível E do CNPq.



Frame/*Reprodução*

Os olhos sem rosto (*Les yeux sans visage*, 1959)

Fã dos trabalhos de Luis Buñuel, o cineasta francês Georges Franju desejava realizar um filme que misturasse surrealismo com o visual dos filmes do expressionismo alemão (anos 1920) e as películas de monstro dos estúdios Universal (1930). Ele teve que se submeter à censura prévia do produtor Jules Borkon e prometer que evitaria cenas com violência explícita. A história humaniza o arquétipo do cientista louco: um cirurgião, Dr. Génessier (Pierre Brasseur), traumatizado após provocar um acidente de automóvel que deixou a filha Christiane (Edith Scob) com o rosto desfigurado, tenta utilizar seu talento para curá-la. Para isso, sua assistente (Alida Valli) sequestra moças nos arredores de Paris, a fim de que o doutor lhes retire os rostos cirurgicamente para transplantá-los. O filme foi massacrado pelos analistas da época, mas caiu no agrado da carismática Pauline Kael, mais famosa crítica do mundo.

A tortura do medo (*Peeping Tom*, 1960)

O filme que determinou o declínio da carreira do cineasta Michael Powell poderia ter desaparecido caso cinéfilos ilustres, como Martin Scorsese, não houvessem se mobilizado para salvar e restaurar cópias da obra, que, por escandalizar a sociedade londrina, foi retirada de circulação. O que haveria de tão perturbador em *A tortura do medo*? Para a pesquisadora Laura Mulvey, o filme foi o primeiro a quebrar o pacto implícito que existe entre a plateia e os filmes: nós, espectadores, somos todos *voyeurs*, abelhudos, espiando a intimidade alheia (ainda que de personagens fictícios), de maneira não autorizada. O enredo segue Mark Lewis (Karlheinz Böhm), assistente de câmera que, à noite, fotografa garotas seminuas para revistas. A atividade que dá mais prazer ao rapaz, contudo, é o hábito de matar mulheres para filmar o momento em que elas morrem e assistir às fitas depois, em orgásticas sessões privadas.



Frame/*Reprodução*







Frame/*Reprodução*

A casa da noite eterna (*The Legend of Hell House*, 1971)

Na década de 1980, este filme era presença constante em sessões de cinema de horror exibidas nas madrugada da TV brasileira, mas desde então caiu no esquecimento. É uma das mais interessantes tramas cinematográficas que abordam o surrado tema da casa mal-assombrada. O clima de mistério permeia o longa, em que um ricaço moribundo contrata uma equipe de quatro pessoas para passar uma semana numa mansão assombrada ("o Monte Everest das casas mal-assombradas", segundo o líder do time, o físico Lionel Barrett, interpretado por Clive Revill). Eles precisam arranjar provas da vida após a morte para ganhar 100 mil dólares cada. Entre os corajosos está o enigmático médium Ben Fischer (Roddy McDowall), único sobrevivente de uma expedição similar que fracassou anos antes. Em uma hora e 35 minutos, há um crescente clima de horror e um enigma que os personagens (e o espectador) precisam resolver para desvendar o mistério das assombrações.

O inquilino (*The Tenant*, 1976)

Depois de fugir dos Estados Unidos sob a acusação de abuso sexual de uma menor, Roman Polanski se radicou na França e dirigiu esse *thriller* de horror inteligente e criativo, que possui um final surpreendente e original. O diretor polonês deixa o espectador sem saber se o que está vendo é a realidade ou uma alucinação do protagonista, um tímido funcionário público (o próprio Polanski) que, à procura de um lugar para alugar em Paris, encontra um pequeno apartamento num prédio antigo e soturno. Ele descobre que a inquilina anterior tentou suicídio e começa a vivenciar acontecimentos surreais; acha um dente escondido num buraco da parede e vê os vizinhos passarem horas dentro do banheiro no fim do corredor, olhando para o apartamento. O aspecto velho e mofado do local compõe um visual sombrio, apropriado à narrativa, cada vez mais bizarra.



Frame/*Reprodução*

VEJA *O ANJO DA NOITE*



Frame/*Reprodução*

O anjo da noite (1978)

Walter Hugo Khouri foi o realizador brasileiro mais próximo do trabalho sobre o vazio existencial de Michelangelo Antonioni na década de 1970. Entre os filmes que dirigiu está *O anjo da noite*, que foca uma moça (Selma Grei) encarregada de cuidar de duas crianças durante o final de semana numa mansão vazia de Petrópolis, enquanto recebe telefonemas anônimos assustadores. O filme esteve disponível no Brasil apenas numa cópia barata em preto e branco, até que em meados de 2023 um cinéfilo desconhecido arrumou uma versão colorida de um VHS espanhol, sincronizou com o áudio em português e o disponibilizou no YouTube. A influência do clássico *Os inocentes* (Jack Clayton, 1961) é visível, mas o longa aproveita elementos metafísicos para discutir a existência humana.



Frame/*Reprodução*

A troca (*The Changeling*, 1980)

Talvez o maior cinéfilo vivo, criador de uma fundação de restauração de filmes que estão em perigo de desaparecer, Martin Scorsese elegeu esta joia obscura como o filme mais assustador a que já assistiu. Dirigido por Peter Medak, o longa possui imagens inesquecíveis e alguns sustos inesperados e bem construídos. Trata de um compositor (George C. Scott) que sofre um trauma com a morte da filha e da esposa e decide se isolar do mundo, vivendo em um casarão centenário na fria cidade de Seattle. Lá, começa a ter visões inexplicáveis que o impelem a realizar uma investigação acerca de fatos ocorridos no passado daquela casa sinistra.



Frame/*Reprodução*



Frame/*Reprodução*

Morte ao vivo (*Tesis*, 1996)

O cinema fantástico produzido na Espanha desde os anos 1990 infelizmente não chega ao Brasil com distribuição decente, mas o país tem cineastas talentosos, criando uma linha de filmes de horror/suspense de alta qualidade. Este filme é a estreia em longas do chileno Alejandro Amenábar (seis anos mais tarde, ele alcançaria a fama com o ótimo *Os outros*, estrelado por Nicole Kidman). *Morte ao vivo* é a melhor trama já filmada sobre o universo apavorante dos lendários *snuff movies*, vídeos mostrando assassinatos reais, supostamente fabricados para alimentar uma rede internacional de *voyeurs*. Uma estudante (Ana Torrent) que pesquisa a violência na cultura visual encontra um desses filmes e investiga se ele mostra cenas reais. A tensão é ininterrupta.

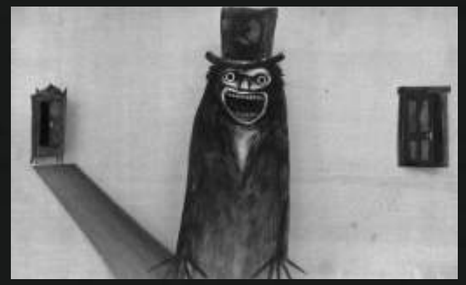
Mártires (*Martyrs*, 2008)

O longa francês ganhou a merecida fama de ser um dos filmes mais perturbadores já feitos, com cenas de grande violência sustentadas por um roteiro imprevisível e inteligente. O filme do polêmico diretor Pascal Laugier acompanha a vingança de duas mulheres (interpretadas por Mylène Jampanoï e Morjana Alaoui) contra membros de uma sádica organização secreta que sequestrou e abusou sexualmente de uma delas na infância — mas as coisas não ocorrem exatamente como o esperado. A trama nos leva a uma jornada de montanha-russa violentíssima, com guinadas inesperadas e um final chocante.



LANÇAMENTO EM BREVE

O som no cinema de horror
Rodrigo Carreiro
Coleção Sonoridades do Audiovisual
207 p.



Frame/*Reprodução*

O Babadook (*The Babadook*, 2014)

Legítimo representante do horror de matriz social, tendência que tem sido explorada em muitos dos melhores filmes dos últimos dez anos, este longa australiano é a estreia da realizadora Jennifer Kent e retrata o tema da maternidade como nenhum outro conseguiu fazer. Uma exausta enfermeira (Essie Davis) tem muita dificuldade de criar sozinha um filho hiperativo (Noah Wiseman), indo da casa ao trabalho como uma sonâmbula. Quando o garoto, assustado, a informa que um monstro oriundo de um livro infantil o está assombrando à noite, a mulher passa a suspeitar de que ele esteja falando a verdade. Atmosfera sinistra, alguns sustos espetaculares e um final ambíguo tornam este trabalho uma pequena obra-prima.



Frame/*Reprodução*

Santa Maud (*Saint Maud*, 2019)

Estreia de baixo orçamento da realizadora britânica Rose Glass, a história conta a vida de Maud (Morfydd Clark), enfermeira contratada para cuidar de uma paciente com câncer terminal (Jennifer Ehle). Solitária e obsessivamente religiosa, Maud comete atos de autoflagelação, enquanto aguarda uma suposta missão divina que daria propósito à sua vida, marcada por um passado violento que vai sendo revelado em doses homeopáticas. A narrativa se concentra na complexa relação estabelecida entre as duas mulheres e na lenta espiral em descida de Maud ao inferno da loucura. Ou será que as visões que ela não consegue compreender são reais? É preciso ver até o último segundo para saber.



Livraria Central da Editora UFPR

A Livraria Central da Editora UFPR oferece aos leitores todos os títulos do catálogo da Editora UFPR, além de mais de 1600 obras de dezenas de editoras universitárias brasileiras. Outro serviço ofertado é a encomenda de livros disponíveis nos catálogos das editoras com as quais a Editora UFPR mantém convênio.

Se você tem vínculo com a UFPR (estudante, docente ou técnico-administrativo) ou é professor da educação básica tem 20% de desconto garantido em compras na Livraria. Basta apresentar um comprovante de vínculo. Venha nos visitar!

Térreo do Edifício Dom Pedro I, no Complexo da Reitoria
Rua General Carneiro, 460, Centro - Curitiba/Paraná
CEP: 80060-150
Tel.: (41) 3360-5214
E-mail: livraria@ufpr.br

Editora UFPR

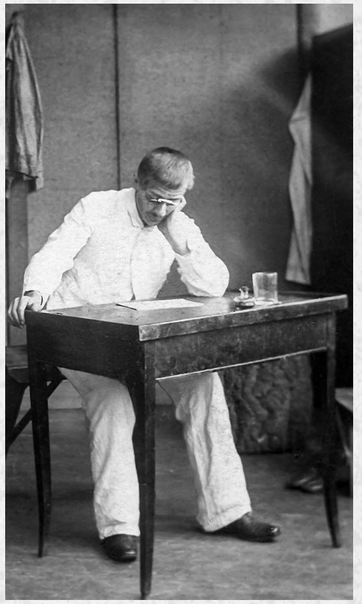
trecho

As imaginações *dementes* do general

Nova edição de *Eu acuso...!*, bilíngue e com abrangente aparato crítico, reproduz a carta contundente que o autor de *Germinal* e um dos maiores expoentes do Naturalismo francês publicou no jornal para defender um inocente. — por *Émile Zola**

Ah! Este primeiro caso, ele é um pesadelo para quem o conhece nos seus verdadeiros detalhes! O comandante Du Paty de Clam prende Dreyfus, coloca-o incomunicável. Corre à casa da senhora Dreyfus, aterroriza-a, diz-lhe que se ela falar algo, seu marido está perdido. Enquanto isso, o infeliz arrancava sua carne, gritando sua inocência. E a instrução foi feita assim, como em uma crônica do século XV, envolta em mistério, com uma mistura de recursos cruéis, tudo isso baseado em uma única acusação infantil, este *bordereau* imbecil, que não era somente uma traição vulgar, mas também a mais vergonhosa das fraudes, visto que os famosos segredos revelados se verificaram quase todos sem valor. Se eu insisto, é porque o germe está aqui, de onde vai surgir, mais tarde, o verdadeiro crime, a espantosa negação de justiça da qual a França padece. Gostaria de tornar palpável como esse erro jurídico pôde ser possível, como ele nasceu das maquinações do comandante Du Paty de Clam, como o general Mercier, os generais de Boisdeffre e Gonse puderam aderir a tudo isso, engajar suas responsabilidades, pouco a pouco, neste erro, que mais tarde julgaram dever impor como uma verdade santa, uma verdade inquestionável. No início, não há nada, da parte deles, senão incúria e ininteligência. Quando muito, eles se deixaram levar pelas paixões religiosas do meio e pelos preconceitos do espírito corporativo. Eles permitiram que a tolice fosse feita.

Mas eis Dreyfus diante do Conselho de Guerra. A portas fechadas, o mais absoluto isolamento é exigido. Se um traidor tivesse aberto as fronteiras ao inimigo, para conduzir o imperador alemão até Notre Dame, não se teriam tomado medidas de silêncio e mistério tão severas. A nação é tomada de espanto, murmuram-se fatos terríveis dessas traições monstruosas que indignam a história, e naturalmente a nação inclina-se. Não há



O militar Alfred Dreyfus, preso na Ilha do Diabo (Guiana Francesa) em 1898 (Reprodução/Estereoscópio/F. Hamel)

castigo suficientemente severo, a nação aplaudirá a degradação pública, desejará que o culpado permaneça sobre seu rochedo de infâmia, devorado pelos seus remorsos. São então verdadeiras as coisas indizíveis, as coisas perigosas, capazes de colocar a Europa em chamas, que tiveram que esconder cuidadosamente a portas fechadas? Não! Só existe, por detrás disso, as imaginações romanescas e dementes de Du Paty de Clam. Tudo isso foi feito para encobrir o mais bizarro dos romances de folhetim. E basta, para se assegurar disso, estudar cuidadosamente o libelo de acusação lido diante do Conselho de Guerra.

Ah! A nulidade deste documento! É um prodígio de iniquidade que um homem tenha sido condenado com esse documento. Eu desafio os homens honestos a lê-lo, sem que seu coração palpite de indignação e proclame sua revolta, ao pensar no castigo desmesurado, lá longe, na Ilha do Diabo. Dreyfus sabe muitas línguas: crime; nenhum documento comprometedor foi encontrado em sua casa: crime; ele vai às vezes ao seu país de origem: crime; ele é trabalhador: crime; ele tem a preocupação de tudo saber: crime; ele não se compromete: crime; ele se compromete: crime. E as ingenuidades de redação, as asserções formais no vazio! Falaram-nos de quatorze acusações: não encontramos mais que uma no final das contas, a do *bordereau*; e sabemos, também, que os peritos não estavam de acordo, que um deles, Sr. Gobert, foi constrangido militarmente, porque ousou não concluir no sentido desejado. Falou-se também de 23 oficiais que tinham vindo para esmagar Dreyfus com seus testemunhos. Ignoramos ainda seus interrogatórios, mas é certo que nem todos corroboraram; além disso, deve-se considerar que todos eles pertenciam às secretarias de Guerra.

***Émile Zola** (1840-1902) foi um escritor naturalista francês. Publicou os romances *Germinal* e *A besta humana*, entre outros.



Leia mais

Eu acuso…!: carta ao presidente da República
Émile Zola
Milene Suzano de Almeida
(Trad., notas, cronologia, análise)
116 p.

Leia mais

Manobras incompletas
Marcos Black Fontinelli
122 p.



Leia mais

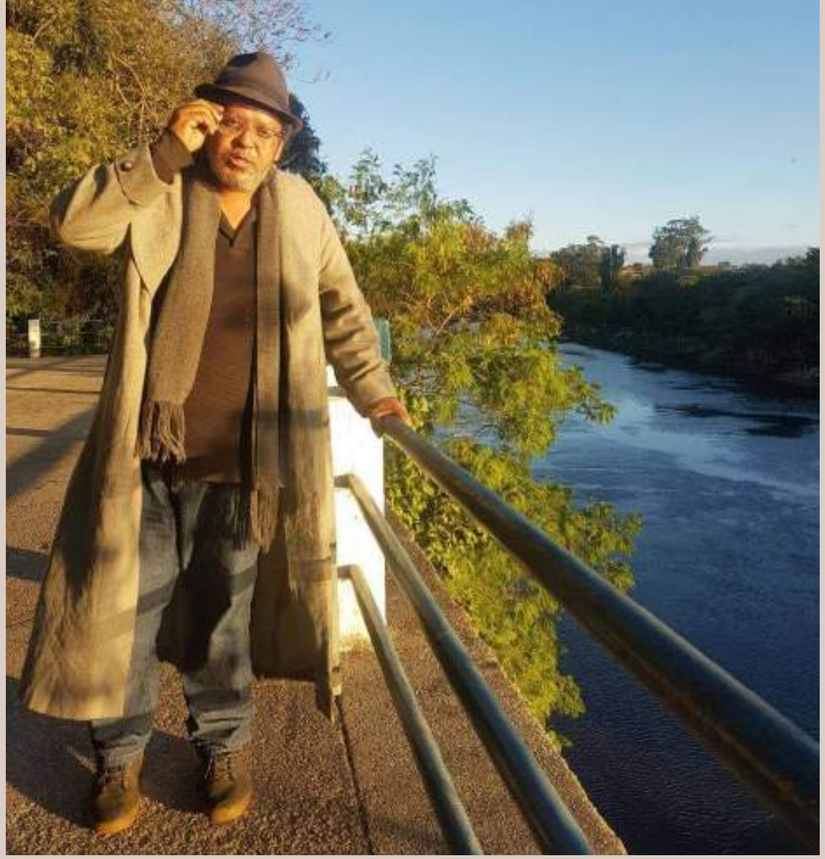
Presença negra em Curitiba
Maria Luiza Gonçalves Baracho, Marcelo Saldanha Sutil (Org.)
Fundação Cultural de Curitiba
239 p.

perfil | poesia

é chegada a hora

Leitor voraz desde a infância, o escritor marginal Marcos Black Fontinelli construiu ao longo das décadas uma poesia incisiva e utópica. — por *Francisco R. S. Innocencio (perfil) e *Marcos Black Fontinelli*** (poesia)**

desempregados desdentados desnutridos desesperados
despedidos desigualados desiludidos
ainda vai chegar a hora em que haveremos de chorar
ainda vai chegar a hora em que haveremos de suar
ainda vai chegar a hora em que haveremos de sangrar
ainda vai chegar a hora em que haveremos de libertar
ainda vai chegar a hora em que haveremos de lutar
martin luther king steve biko nelson mandela patrice lumumba
agostinho neto preta dandara aqualtune zeferina anastácia
ainda vai chegar a hora em que haveremos de chorar
destituídos desolados oprimidos abortados natimortos miseráveis
desterrados achincalhados assassinados alijados aleijados
maria filipa xica da silva luciana lealdina de araújo
zumbi dos palmares ganga zumba kunta kintê
ainda vai chegar a hora em que haveremos de suar
estuprados aprisionados desinformados enganados traídos
renegados humilhados encarcerados preteridos solapados
malcon x luiz da gama josé luiz napoleão menininha do gantois
lélia gonçalves rosa parks tereza de benguela
ainda vai chegar a hora em que haveremos de sangrar
espoliados marginalizados expatriados confinados sem tetos
desafetos expropriados empalados executados desempoderados
luiza mahin tia samoa carolina maria de jesus andre rebouças
manoel dos santos querino milton santos juliano moreira
ainda vai chegar a hora em que haveremos de nos libertar
cruz e souza lima barreto mohamed ali abdias nascimento
james baldwin harriet tubman frantz fanon emiliano perneta
eu tu ele nós vós eles brasileiros cafuzos negros índios amarelos brancos
favelados proletários campesinos ameríndios mestiços sul americanos
africanos americanos europeus asiáticos
você você você e você
já é chegada a hora de chorar, suar, sangrar, lutar e VENCER



O escritor Marcos Black Fontinelli (Divulgação)

Terceiro filho de uma família de pouca renda, mas muito séria, segundo suas palavras, Marcos Antônio Fontinelli nasceu em Ponta Grossa, Paraná, no ano de 1962. Mais precisamente, no dia 3 de abril de 1962, lembra ele, na esperança de que guardemos bem a data e não nos esqueçamos do presente. Afinal, trata-se da importante data na qual esse indivíduo de 61 anos, oito meses e alguns dias começou um trajeto que o levaria a toda uma vida de militante e poeta "marginal", trajeto que percorreria juntamente com o Black, seu *alter ego*. Ou talvez mais *ego* que alter, pois como ele próprio explica, Marcos e Black não são pessoas distintas, mas personalidades complementares: "O Marcos Fontinelli é uma pessoa de trato civil; e o Black é uma criação do próprio Marcos Fontinelli. E se incorporou de tal forma que seu nome passou a [ser] Marcos Black Fontinelli".

Black começou a ler realmente muito cedo. E a ler muito. Como consequência de sua precocidade como leitor, a literatura rapidamente ganhou corpo em sua vida. Por volta dos doze ou treze anos, já escrevia "alguma coisa que não dá pra definir se seria realmente poesia, ou contos, ou minicontos". Entre os quinze e os dezesseis, começa a escrita da poesia, propriamente falando, advento que Black atribui à leitura intensa de grandes poetas, especialmente Rimbaud, os sonetos de Shakespeare, João Cabral de Melo Neto, Vinícius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, entre muitos outros. Toda essa leitura, além de ter possibilitado que Black desenvolvesse a noção de estilo, forneceu-lhe as primeiras ferramentas para perceber e interpretar a realidade à sua volta. A poesia, portanto, foi desde cedo vista por Black como um instrumento de libertação, capaz de mudar a visão que se tem do mundo, e de mudar o próprio mundo. Acima de tudo, um instrumento de transformação, pessoal e social, que pode ser acessado por qualquer pessoa. "No fundo, no fundo", diz ele, "eu acredito que a poesia, por si só, faz parte da vida de todo ser humano, sem que às vezes ele se aperceba disso." O sentimento da poesia, para ele, "é lúdico, é onírico, é utópico".

Sobretudo utópico, pois a luta por uma sociedade em que todos tenham melhores condições de vida, trabalho e dignidade foi, desde sempre, o caminho pelo qual Black norteou sua escrita e sua própria existência. Durante décadas, atuou como jornalista na imprensa sindical, além de contribuir, com seus textos e com seu ativismo, para diversos movimentos sociais e políticos. Nos últimos anos, vem se dedicando particularmente às pautas ligadas à negritude e às questões identitárias, "principalmente a questão da visibilidade dos povos identitários e dos povos originários no nosso país, os indígenas e os negros, a relação com os quilombolas e as periferias de cada cidade".

Quando perguntado sobre como as atividades políticas transparecem em suas criações, Black costuma citar um poema de Paulo Leminski, que considera inspirador: "en la lucha de clases/ todas las armas son buenas/ piedras/ noches/ poemas".

"Acho que esse poema do Leminski traduz a emoção que sinto quando faço poesia", diz Marcos. "Ou mesmo quando penso em alguma coisa, quando escrevo um texto, quando faço uma descrição de um quadro ou um artigo para um jornal. São formas de manifestação que eu uso, e as utilizo pura e simplesmente como armas num processo de transformação social."

***Francisco R. S. Innocencio** é doutor em Estudos Literários pela UFPR, tradutor e revisor de textos na Editora UFPR.

****Marcos Black Fontinelli** é poeta, escritor, dramaturgo e jornalista. Autor dos livros *Censurado* (1982) e *Manobras incompletas* (2014). Equilibrista da noite. Amante dos perigos de viver. Lobo das estepes.

poesia

trinta considerações sobre este dia

nos tienen miedo porque no tenemos miedo.* — por *Francisco Mallmann*

um
aqui está o corpo. te pergunto o que faremos com ele.

dois
mas, então, escrever cartas de amor?

três
o que é corpo? (pergunta ontológica).

quatro
despensar o mundo: um material bruto. nada nunca ninguém. a matéria desobrigada da gramática.

cinco
e isso significa dizer, talvez, que a guerra não descansa nos nossos espaços de criação.

seis
sim, eu poderia abrir as janelas que dão para dentro.

sete
o que move corpo? (pergunta cinética, afetiva e energética).

oito
e isso significa dizer, talvez, que nossos espaços de criação são espaços de guerra.

nove
que corpo pode mover? (pergunta biopoética e biopolítica).

dez
carne e sangue e água e osso e fúria. nenhuma representação. nenhuma reprodução.

onze
escrever menos sobre onde e como você sofre violência e mais sobre como dali você sai, carregando as suas.

doze
o que o corpo pode mover? (pergunta performativa).

treze
havia um cartaz que dizia: *nos tienen miedo porque no tenemos miedo*.

quatorze
porque a saída é sempre coletiva. porque a saída diz respeito à agressão, mas, acima de tudo, diz respeito ao corpo — e a possibilidade de mantê-lo vivo.

quinze
você me diz: não há um novo território para se alcançar. você me diz: as forças da fuga são ativadas pelo deslocamento. eu te digo: travessia.

dezesseis
não apresentar narrativas sobre o sofrimento para respaldar qualquer crítica à violência.

dezessete
onde você estava quando despertei?

dezoito
tente entender o que tento dizer. também para mim: mistério.

dezenove
e há o chão, este projeto entre lembrança e projeção. permanecer caída até não saber o que sou eu e o que é a terra. perder os limites e dizer: perdi os limites.

vinte
renunciar à autodeterminação, abraçar a ameaça que se é.

vinte e um
recusar descrições que materializam nossos corpos no interior da violência total, reiterada à exaustão.

vinte e dois
você acha que trocar os nomes seria suficiente? você acha que é isso? trocar os nomes?

vinte e três
permanecer e gozar e gritar. e depois o silêncio profundo. eu vim de muito longe para te ver.

vinte e quatro
e se não formos nada disso que indica o corpo? e se formos — e nos recusarmos a ser? e se?

vinte e cinco
quero criar para muito além da dor.

vinte e seis
uma palavra é sempre uma pergunta.

vinte e sete
que lindos os seus olhos.

vinte e oito
mudar no interior mesmo da mudança. movimento sem fim e sem começo. sempre a mesma, muito outra.

vinte e nove
no breu. onde não há nada senão breu. tudo.

trinta
aqui está o corpo. te pergunto o que faremos com ele.

*__Francisco Mallmann__ atua entre a escrita, a performance, as artes visuais e a teoria. É mestre em filosofia e doutorando em artes da cena. Trabalha de modo transdisciplinar e colabora com diversos grupos e coletivos artísticos — entre os quais a Casa Selvática, onde é artista residente, e a Membrana, grupa de escritoras. Publicou *Haverá festa com o que restar* (2018), *Língua, pele áspera* (2019), *América*, (2020), e *Tudo o que leva consigo um nome* (2021).



Foto | Matheus Veloso

trecho

Deu *linfoma*, Alice

Numa mistura de crônica e análise do vocabulário usado por médicos, enfermeiros e assistentes nos hospitais, estudo revela as engrenagens de um discurso muitas vezes genérico e distante. — por *Tereza Wachowicz**

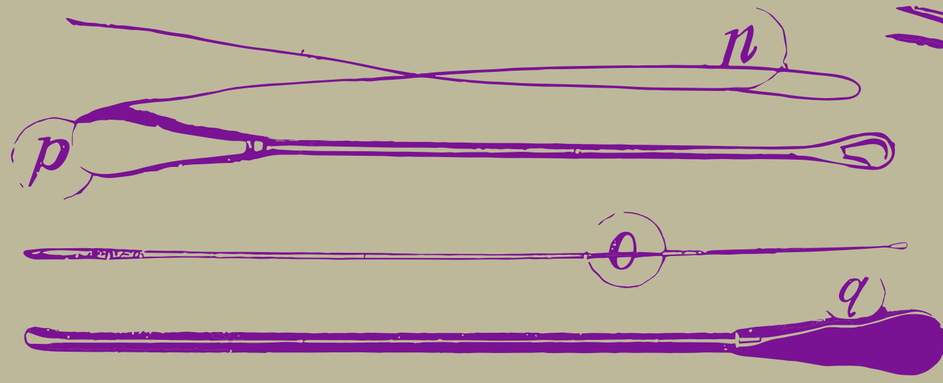


Cadê eu?

Foi a mesma pergunta que me fiz ao sair de uma consulta médica com o dr. Luís, ainda em fase de diagnóstico. Quer dizer, já tinha o diagnóstico de biópsia, pós-cirurgia de laparoscopia para retirada de material, que continha a sugestiva frase: "A possibilidade de doença linfoproliferativa deve ser considerada no diagnóstico diferencial". Por *inferência*, sabia àquela hora que teria um longo caminho pela frente. O próximo passo seria realizar os exames histoquímicos; esses, sim, definitórios e decisivos ao tipo de tratamento. O problema é que o cirurgião me ligou ao celular, com a biópsia em mãos, e me disse a seguinte frase: "Deu linfoma, Alice". Tudo bem, dr. Amadeu, marco um retorno da cirurgia com sua secretária, peço um encaixe em sua agenda concorrida e espero duas horas num consultório abarrotado de gente — gordinha, pois a especialidade dele é cirurgia bariátrica.

Por que fui parar lá? Bom, totalmente sem sintomas, mas sentindo uma bola presente bem no alto da barriga, numa terça-feira, dois meses antes de iniciar o tratamento, quando estava indo à universidade após deixar os "mininu" na escola, olhei à direita e vi um nome: Clínica de Gastroenterologia. Parei numa milagrosa vaga de quinze minutos em pisca-alerta, entrei na clínica e pedi uma consulta com algum médico. "Qual, senhora?" "Não sei, tô com uma bola na barriga e tenho medo de que seja grave." Fui consultada dias depois e encaminhada para esse gastrocirurgião especializado em gordinhos (as cadeiras do consultório eram bem generosas e espaçosas…).

***Tereza Wachowicz** é professora de linguística da UFPR. Estudou semântica formal de base lógica no mestrado (UFPR) e no doutorado (USP).



Bom, ao telefonema do "Deu linfoma, Alice", estava dirigindo no meio da avenida Batel, em Curitiba, bem na pista em que não há lugar para estacionar. Desabei numa choradeira contida há semanas. Liguei para uma grande amiga da faculdade que já tivera câncer de mama. O que faço, Mari? "Vamos marcar uma consulta no meu oncocirurgião, o dr. Luís, excelente, superbem procurado."

Claro.

Lá fomos nós. Duas horas de espera com os nocivos programas matinais da Globo em uma tela enorme, colada no nosso nariz. E eu alisando as mãos para tentar segurar minha onda. O dr. Luís viu todos os exames, pediu para uma gentil secretária que escaneasse todos eles, me examinou aos principais nódulos linfáticos e me pôs ao lado da minha amiga, nessas alturas já com os olhos marejados, para conversarmos.

Numa plácida paciência oriental, com o consultório ainda cheio de pacientes, de quem, a essas alturas, já sentia piedade, ele se recostou à poltrona e desenosou quase uma hora de comentários, entre os quais:

Todos os linfomas são fáceis de tratar.

A maioria dos linfomas tem cura.

Nós, os oncologistas, costumamos dizer que, se houvesse chance de escolhermos um câncer para ter, escolheríamos o linfoma.

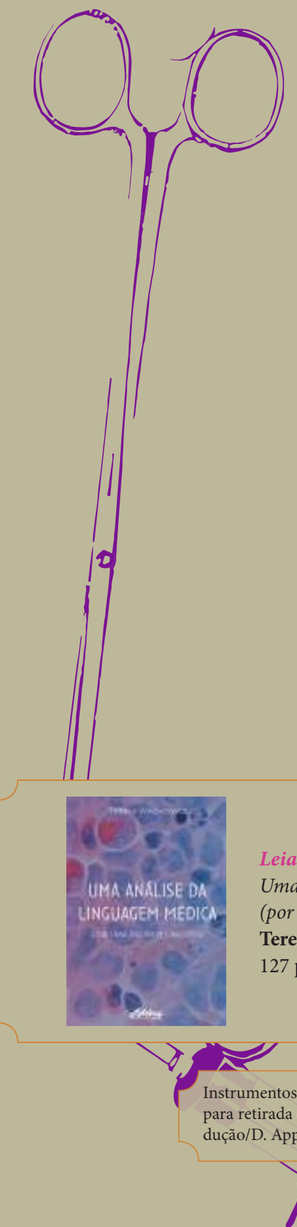
O tratamento inclui quimioterapia e, às vezes, rádio.

A opção pelo transplante de medula óssea é um último e apelativo passo.

Estou na fase de transplante lembrando dessa avalanche de frases genéricas.

Não houve perguntas, pois os dados categoricamente objetivos, tais como idade, peso, sexo etc., já estavam nas fichas dos exames. Não fui sujeito de nenhuma frase, muito menos de alguma ousada investida pessoal, como: **A senhora sabe o que é linfoma?** (eu não sabia). **Dona Alice, como são seus hábitos diários de alimentação e exercícios?** (queria dizer que consigo fazer alguma coisa boa). **Como está seu sono e seu nível de ansiedade?** (eu também queria ajudar a avaliar…). Foi minha amiga Mari que, num impulso de preocupação, delatou que eu estava muito ansiosa e que não estava dormindo direito. Aí ganhei, após silêncio prolongado, uma insinuadora receita azul de Lexotan. Para voar azul e zen.

Tampouco sabia o que concluir quando saí da clínica. Sei que ele pediu para voltar, quando de posse do exame histoquímico. Mas as sentenças acima ficaram me provocando durante semanas. E a mesma pergunta: cadê eu?



Leia mais

Uma análise da linguagem médica (por uma paciente linguista)
Tereza Wachowicz
127 p.

Instrumentos de 1899 empregados em cirurgias para retirada de corpos estranhos na uretra (Reprodução/D. Appleton and company/Joseph D. Bryant)

SBPC | inovação

Trilhas *da ciência*

A 75ª Reunião Anual da SBPC, realizada em julho deste ano na UFPR, concentrou as atenções da comunidade universitária e convidou o público para dentro dos portões da universidade. — por Ana Luiza Costa Halat*

Tecnologia, inovação e cultura. Esse era o clima da Universidade Federal do Paraná entre os dias 23 e 29 de julho deste ano, durante a 75ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Após 37 anos, o evento voltou ao estado com uma programação presencial e *online*. A feira trouxe autoridades de diferentes áreas a fim de despertar a discussão em torno do tema central da edição: Ciência e Democracia para um Brasil Justo e Desenvolvido.

A SBPC é uma entidade civil, sem fins lucrativos nem posição político-partidária. O principal objetivo da organização é estimular o desenvolvimento científico, tecnológico e cultural do Brasil. Todos os anos, ela realiza uma reunião considerada o maior evento de divulgação científica da América Latina.

Na UFPR, a maior parte das ações ocorreram no campus Centro Politécnico. Por lá, estava a tenda da ExpoT&C, maior mostra de ciência e tecnologia do país, que reuniu expositores como a Fundação Oswaldo Cruz e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

O Centro Politécnico ainda sediou a tenda da SBPC Jovem, que estava em edição comemorativa pelos seus trinta anos. A programação foi direcionada a estudantes dos ensinos fundamental, médio e técnico.

O espaço Alameda Cultural contou com atividades da SBPC Cultural ao trazer apresentações artísticas, rodas de



***Ana Luiza Costa Halat** é estudante de jornalismo na UFPR e também atua como extensionista de comunicação e marketing na Editora UFPR.



Os vários pavilhões da SBPC atraíram estudantes e a comunidade (Marcos Solivan/Foto)



Democrática, a Reunião Anual inclui expositores de todas as idades e experiências (Marcos Solivan/Foto)

conversa e estandes de projetos da universidade. O programa se estendeu ao campus Reitoria, que recepcionou o CineUrbe — exibição de filmes em parceria com o Sesc.

Já o Prédio Histórico da UFPR sediou o Circuito de Museus, ações promovidas pelo Museu de Arte da UFPR e pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR.

Programação científica

No domingo, 23 de julho, houve a sessão solene de abertura no teatro Guaíra. A cerimônia contou com a participação do presidente da entidade, Renato Janine Ribeiro, da ministra da Ciência, Tecnologia e Inovação, Luciana Santos, e do reitor da UFPR, Ricardo Marcelo Fonseca.

A solenidade foi repleta de manifestações artísticas, com a apresentação de grupos da UFPR, como a Téssera Companhia de Dança e a Orquestra Filarmônica. Em seu discurso, Janine afirmou que "a ciência lida com a verdade dos fenômenos; a imprensa livre, com a verdade dos fatos. A verdade é insuportável para quem vive da mentira e do ódio". Ele acrescentou que este é o ano de retorno da reunião presencial da SBPC após a pandemia da covid-19.

Na segunda-feira, a programação científica foi iniciada com conferências sobre a construção do SUS, a comunicação digital pós-pandêmica e as políticas de promoção de igualdade para pessoas negras, indígenas e quilombolas.

No segundo dia, foram cerca de quarenta eventos nos formatos presencial, híbrido e virtual. O destaque recaiu sobre a conferência com a ministra da Saúde, Nísia Trindade, e a sessão especial sobre os 110 anos da UFPR. Além disso, também entraram em discussão os saberes indígenas e as relações entre teatro e ciência.

Na quarta-feira, aconteceram cerca de 35 atividades. Inclusão e direitos humanos ganharam o primeiro plano. No final do dia, a ministra Luciana Santos participou da atividade A Organização Geral da Conferência, para debater a preparação da Quinta Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação, que ocorrerá em junho de 2024.

O penúltimo dia de programação científica abordou temas como o ensino híbrido, a educação antirracista e as inteligências artificiais em emergência. A participação do ministro da Educação, Camilo Santana, estimulou a presença de estudantes de diferentes níveis de ensino e grupos estudantis que defendiam o movimento Revoga NEM, uma agenda de lutas pela revogação do novo ensino médio.

Na sexta-feira, aconteceram as últimas atividades da programação científica. Nas 35 ações realizadas, os temas evidenciaram povos originários, devastação da Amazônia, religião e política no Brasil.

Após cinco dias de conferências, mesas-redondas e painéis, a SBPC se encerrou no sábado, com o Dia da Família na Ciência. O estudante da UFPR Gustavo Silverio, de 21 anos, por exemplo, levou o irmão mais novo para aproximá-lo da ciência. "Pensamos na ciência como algo já definido, principalmente em relação ao espaço e ao oceano, mas ainda tem muita coisa que dá para ser explorada. Por isso é interessante trazer eles para verem qual área querem seguir e para que possamos ajudá-los com isso."

A banda nacional Francisco El Hombre encerrou oficialmente a 75ª Reunião Anual da SBPC em um show gratuito realizado no Teatro da Reitoria.

Intercâmbio cultural e científico

Um dos marcos das reuniões anuais da SBPC é o intercâmbio cultural e científico proporcionado pela união de pesquisadores do Brasil inteiro em um só local, já que espaços democráticos de divulgação científica são polos de desenvolvimento nacional.

Bruce Dickinson, de 26 anos, faz parte do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, localizado no estado do Amazonas. O instituto promove estratégias de conservação e uso sustentável da biodiversidade da floresta.

Dickinson diz acreditar que o espaço proporcionado pelo encontro foi fundamental para a troca de conhecimentos entre pesquisadores de diferentes regiões. "Agora podemos levar essas experiências de dentro da universidade para as escolas, por exemplo. Trazer um pouco de lá, e a galera levar um pouco pra gente. Assim todo mundo sai ganhando", concluiu.

Quem estava por trás da SBPC

Para que a organização fosse possível, a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPR (Proec) lançou editais para a seleção de alunos que atuassem em diferentes funções na 75ª Reunião Anual da SBPC.

Felipe Pacheco, de 28 anos, é estudante de design de produto na instituição e fez parte da comissão de comunicação da SBPC. "Tivemos a sorte de estar na universidade justamente neste momento", afirma. E completa: "Tanto por participar como aluno, mas também porque, se eu não estivesse aqui agora, eu não teria a oportunidade de trabalhar no maior evento de divulgação científica da América Latina".

Já Ana Vitoria Dureck (19), criadora do mascote da SBPC Jovem deste ano, o Poty, é estudante de publicidade e propaganda na UFPR e participou de um concurso para ter o seu desenho escolhido. "É energizante entender que participei, por meio da arte, da democratização da tecnologia e ciência entre os jovens", vibra.

SBPC em números

A grandeza da 75ª Reunião Anual não se restringiu aos nomes dos participantes.

224 *atividades no total:*

131 *debates presenciais*

93 *debates virtuais*

51 *instituições presentes*

18 *estados brasileiros*

SBPC Jovem

16 mil visitantes



87 *projetos de pesquisa e extensão UFPR*



93 *trabalhos escolares*

10.800 m² *Todas as tendas*



177 *escolas públicas e privadas*



14 *municípios do Paraná*

3.500 m² *ExpoT&C*

SBPC Cultural



6 *rodas de conversa*

24 *exposições*





2 *visitas guiadas*

22 *apresentações artísticas*





5 *performances*

A divulgação científica e as universidades

É necessário um planejamento profissional de alto nível para fazer a mediação entre o fazer acadêmico e a diversidade de interesses presentes na sociedade. — por Rodrigo Choinski*



*Em primeiro plano, Paulo Freire, em 1963, num encontro entre políticos e acadêmicos (Arquivo Nacional/*Correio da Manhã*)*

Ao analisar a relação que a universidade mantinha com os camponeses em sua obra *Extensão ou comunicação?*, de 1969, Paulo Freire contestava a ideia de simplesmente estender o saber científico em direção às comunidades e propunha que uma relação frutífera entre o saber científico e a população em geral necessitava uma abordagem horizontal de trocas com o saber popular na base de um verdadeiro e respeitoso diálogo.

Mais de 50 anos nos separam do lançamento daquela obra, mas a questão da relação entre o grande público e os temas científicos mantém uma importância crucial, talvez até maior do que naquela época.

Freire estava preocupado com as atividades de extensão, mas, de certo modo, a preocupação pode ser transposta também para a comunicação de um modo geral, considerando que, para a maior parte da população, sua relação com a universidade se dá essencialmente por meio da mídia. Nesse sentido, os últimos anos vieram demonstrar um déficit da presença das universidades nos veículos de comunicação de massas e, se não tanto, pelo menos um enfoque distorcido de suas atividades.

Isso ficou mais claro durante a pandemia da covid-19. As pesquisas científicas se tornaram centrais e as universidades, lado a lado aos grandes laboratórios e às autoridades públicas, passaram a ser uma das principais fontes de



Indicação de leitura

Jornalismo e riscos climáticos: percepções e entendimentos de jornalistas, fontes e leitores
Eloisa Beling Loose
271 p.

informação. Eram necessárias referências de qualidade para guiar a administração da crise e informar aos diversos atores sociais sobre os cenários possíveis que se desenhavam, considerando ainda a espera angustiante pela vacina. Mas, paralelamente a isso, observamos uma avalanche de desinformação e negacionismo científico, capaz de capturar grandes parcelas do público. A politização da questão foi um movimento natural, em um momento em que as universidades já vinham sendo atacadas e sofriam com a retirada de recursos.

Tal situação, apesar de toda a tragédia resultante, serviu para disparar um alerta entre muitos acadêmicos, que observaram a dificuldade da universidade em interagir com os setores mais amplos da população. Mesmo com um contexto de ampliação de sua influência, com a expansão do ensino superior e da pós-graduação, uma presença marcante de achados científicos na vida cotidiana e uma maior cobertura de ciências em meios de comunicação segmentados, especialmente na internet.

Em busca de soluções, propostas diversas vêm sendo apresentadas, mas é certo que não há uma resposta única e inequívoca para a questão. O que preocupa nesse contexto é a reação no mínimo tímida por parte das próprias universidades, pois se iniciativas mais ou menos isoladas e experimentais podem servir de inspiração e apontar novos caminhos, certamente não substituem uma ação institucional que mobilize todo o arcabouço profissional acumulado em áreas como o jornalismo, a publicidade, a expressão gráfica e audiovisual — não por acaso áreas com cargos suspensos para as Instituições Federais de Ensino Superior desde 2019.

Para que as universidades possam elaborar conteúdos que falem sobre a produção científica e a vida acadêmica de uma forma acessível e interessante aos públicos amplos e para que estes possam acessar os canais já existentes, seja na grande mídia ou nos novos meios mais segmentados da internet, é necessário um planejamento profissional de alto nível, que seja capaz de fazer a mediação entre o fazer acadêmico e a diversidade de interesses presentes na sociedade.

Isso demanda equipes bem estabelecidas e com poder de decisão, que possam acumular ao longo do tempo experiência em relação à dinâmica do fazer científico, mantendo uma parceria constante com os pesquisadores. Nesse sentido, é preciso superar as soluções amadoras, profissionalizando as unidades responsáveis, contratando mais profissionais de carreira e lhes dando caráter institucional. Equipes exíguas, em situação precária, como é a regra atualmente, não serão capazes de dar uma resposta adequada ao desafio colocado. Além disso, a continuidade do trabalho é essencial, evitando apostar em aventuras mirabolantes com projetos sazonais que de uma hora para outra perdem tudo que acumularam no seu trajeto.

Voltando a Paulo Freire, além das mudanças institucionais necessárias, essa aproximação jamais vai ser alcançada com uma tentativa de valorização *a priori* do mundo acadêmico, buscando empurrar goela abaixo da população uma situação que não faz parte de seu cotidiano. E isso nem de longe é um apelo à simplificação, pelo contrário, há um crescente interesse pelo que a ciência produz e é possível oferecer conteúdos da mais alta qualidade que dialoguem com eles. Novamente, a atuação profissional aqui é importante, já que a questão faz parte do dia a dia de quem trabalha com a comunicação para públicos amplos.

*__Rodrigo Choinski__ é jornalista e mestre em sociologia pela UFPR, integra a equipe de produção da revista *Ciência UFPR*, publicação de jornalismo científico da universidade.





Acima, pesquisador mostra uma parte de seu trabalho durante a 75ª Reunião Anual da SBPC; abaixo, visitante recebe explicação didática sobre instrumentos de pesquisa (Marcos Solivan/Fotos)

ciência ufpr

Conteúdos exclusivos sobre a produção científica da UFPR

Ovos do mosquito podem sobreviver meses em locais secos, mantendo-se viáveis quando em contato com água novamente

Edições

na mídia

opinião

boletim ufpr

Terra

Processo geológico preservou fósseis de serpente-do-mar de forma rara no Brasil

Pesquisadores encontram rochas formadas por plástico na ilha da Trindade

Pesquisadora da UFPR descobre floresta de 290 milhões de anos "congelada no tempo"



Leia mais

Ilustração botânica: princípios e métodos
2ª edição
Diana Carneiro
288 p.

linhas frutíferas

No *traçado* da vasta *floresta*

Uma das maiores especialistas em ilustração botânica do Brasil destaca a criatividade como elemento fundamental de um desenhista de êxito; ela defende que o ofício está no limite entre arte e ciência. — por *Diana Carneiro

Falar sobre ilustração botânica é abordar tanto a arte quanto a ciência — nesse caso, a botânica —, e especialmente a interação entre as duas áreas. Envolve também discutir o trabalho da pessoa que se dedica à combinação equilibrada entre elas: o ilustrador botânico. À primeira vista parece simples, uma vez que o trabalho artístico e o científico demandam habilidades cognitivas comuns, como reflexão, raciocínio, sensibilidade, percepção e intuição. Em ambos, a motivação depende de habilidades também comuns: a curiosidade e a percepção de situações novas, por vezes inusitadas, que estimulem o intelecto, como se fossem perguntas à espera de respostas… Para que o conhecimento "novo" surja, é preciso pesquisas, experimentos e conclusões. O resultado desse trabalho, teórico ou prático, é sempre um produto, como um conjunto de ideias organizadas (teoria) ou uma obra de arte. Nos dois, a originalidade se faz presente, porque, para cada situação nova, a explicação ou a criação não podem ser senão igualmente novas, inéditas e, portanto, originais.

Como conceito mundialmente aceito, a ilustração botânica é uma atividade artística cujo fruto é a representação gráfica ou pictórica de seres vegetais, incluindo o reino dos fungos. Ela constitui uma seção da ilustração científica, que abrange outras áreas, como as das ilustrações zoológica e médica. Ilustrar para a ciência significa apropriar-se de conhecimentos científicos para retratar com precisão os seres biológicos em estudo. Isso porque partimos do princípio de que ilustrar implica trazer luz, clarear, esclarecer, ou seja, explicar uma realidade diferente. No caso específico, essa realidade é uma forma orgânica vegetal cuja representação explica tanto as características diferenciais entre espécies afins quanto o entendimento das funções relacionadas a essas formas. Portanto, a ilustração botânica se presta, em primeira instância, ao estudo da sistemática e da fisiologia vegetal e, por decorrência, às demais ciências ambientais.

Nesse campo, a ilustração representa o lado artístico, no qual a criatividade, enquanto capacidade ou facilidade de encontrar soluções para situações novas, é um fator decisivo. É sabido que toda criança saudável é criativa, principalmente ao longo do período de desenvolvimento do cérebro, e interage diretamente com a estimulação que recebe; porém, manter-se criativo durante toda a existência depende de um exercício diário de reconhecimento dos estímulos externos ou internos



Ilustração da professora Diana Carneiro (Divulgação)

*__Diana Carneiro__ é artista plástica com especialização em ilustração botânica pela Fundação Botânica Margaret Mee, em Kew, Inglaterra. Ilustradora científica profissional atuante desde 1990, é também sócia-fundadora do Centro de Ilustração Botânica do Paraná. Tem obras publicadas em livros, revistas e boletins científicos.

motivadores de ações, independentemente da natureza artística. Cabe, portanto, ao profissional manter viva a chama da curiosidade e treinar diariamente a prática de encontrar soluções para cada nova realidade que se apresenta, encarando-a como um desafio que faz parte de seu ofício, e não como um peso a ser carregado. Esse é, a meu ver, o segredo para o sucesso na carreira, uma das mais difíceis sob o aspecto das oportunidades de trabalho e, ao mesmo tempo, uma das mais satisfatórias pela realização pessoal — aliás, como acontece em todas as áreas artísticas.

A ilustração botânica apenas recentemente foi reconhecida como profissão em nosso país. Embora na segunda metade do século XX já houvesse desenhistas e artistas que se dedicavam a esse ramo, eram pouco conhecidos, ou por trabalharem dentro dos institutos de pesquisa, atendendo à demanda interna dessas instituições, ou por serem artistas naturalistas que, vez ou outra, ilustravam plantas, geralmente mais com a finalidade de enriquecer seu acervo artístico pessoal do que propriamente com a intenção de descrever graficamente a espécie da planta a ponto de ser reconhecida pelo público em geral. Somente a partir de 2006, com o movimento nacional dos ilustradores em prol de maior visibilidade, vimos crescer o número de jovens à procura de informações e cursos para se aperfeiçoar.

Derivado desse fenômeno, algumas poucas publicações foram editadas no Brasil até os dias hoje, sendo, na maioria das vezes, catálogos de artistas ilustradores e pouquíssimas obras didáticas. Para preencher essa lacuna, a Editora UFPR publicou o título *Ilustração botânica: princípios e métodos* em 2012, edição que esgotada dois anos depois, teve uma reimpressão em 2015. Foi a primeira obra que abordou tanto a história da arte botânica no Ocidente e materiais e métodos de realização da atividade quanto as técnicas mais utilizadas pelos ilustradores científicos: grafite, tinta nanquim e aquarela. Novamente, a edição se esgotou em 2018; e nesse ano recebeu uma segunda edição, revista e ampliada, com ênfase nos métodos e em materiais e recursos técnicos agora disponíveis aos ilustradores.

O trabalho gráfico ou pictórico nessa área varia muito, conforme a solicitação do cliente, que geralmente é um pesquisador botânico, mas também pode ser de outras áreas, como publicitários, jornalistas, escritores. Parte-se de uma ideia inicial, ou demanda, que vai conduzir todo o processo, durante o qual as experiências anteriores são de extrema importância para a obtenção de um resultado cada vez melhor e mais satisfatório. Muitas vezes, nem mesmo o artista se dá conta disso, afastando-se da tarefa nas primeiras dificuldades que enfrenta e, não raramente, atribui o fato a uma crise de identidade ou de criação. Como na maioria das profissões, o tempo de exercícios é fundamental para o aperfeiçoamento técnico e para os relacionamentos na área, facilitando encontros e oportunidades.



Focalizando apenas a primeira demanda, a da botânica, as condições de execução também variam. Algumas vezes há a planta viva, da qual o ilustrador pode tirar todas as referências de que necessita para o desenho, como forma, disposição dos elementos ao longo do caule, textura de superfície e, quando a finalização é em aquarela, cor. Na ausência de material biológico fresco, as exsicatas dos herbários (plantas prensadas e desidratadas) são recursos essenciais para uma descrição gráfica precisa. O ilustrador pode contar também com fotos de referência e textos descritivos da mesma espécie ou de espécies afins, especialmente ao lidar com a proposta de registrar uma espécie nova para a ciência. Mas nem sempre está disponível outro recurso além do relato descritivo do pesquisador, de maneira que não há como traçar um caminho e o número exato de etapas a serem vencidas, tendo o ilustrador que traçar seu próprio roteiro, mediante as condições que ele encontra a cada novo trabalho solicitado.

Não é um trabalho rápido, tampouco fácil, como tudo o que se faz nesta área profissional. A arte é exigente, requer tempo e dedicação. No entanto, se o ilustrador se empenha em dar o seu melhor, a recompensa é certa. Cada trabalho feito é sempre um desafio: seja grande ou pequeno, não importa. Cada planta é única em sua forma e modo de vida; ilustrá-la é desvendar inúmeros segredos de sua existência e um universo de beleza que se apresenta ao nosso olhar!

Registrando a natureza

Acompanhe a elaboração de um desenho botânico da professora Diana Carneiro. Entenda algumas das principais etapas do processo

PESQUISA DO MATERIAL | Em geral, são fornecidas à ilustradora as referências necessárias, como: descrição da planta, amostra seca (exsicata), flores dessecadas, fotos de campo etc. Outras vezes, esse material precisa ser encontrado por ela, como no trabalho com a espécie *Bambusa vulgaris* (nesta página), variedade *striata*, feita em 2014 sob encomenda particular. Foram consultadas imagens nos *sites* da Flora e Funga do Brasil e do Herbário do Estado de São Paulo.



Delineamento do esboço em aquarela com pincel de ponta fina

ACESSE
Flora e Funga do Brasil

Herbário "Maria Eneyda P. Kaufmann Fidalgo"



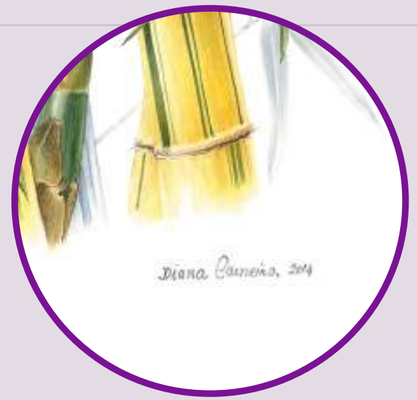
Pintura dos colmos do plano frontal do conjunto

ESTRATÉGIAS | Observadas todas as características diferenciais, esboçou-se o bambuzal. Por ser uma planta de alto porte, em que os elementos se distribuem ao longo do caule, essa foi a solução encontrada para que as particularidades morfológicas pudessem ser descritas, ora num ora noutro exemplar, sem ter que capturar um hábito completo em toda sua extensão.

CORES | Concluiu-se um estudo cromático em lápis de cor para que se pudesse prever a distribuição das cores de maneira equilibrada e harmônica, completando dessa forma a composição.



ASSINATURA DA ARTISTA | No fim, escrevem-se as notações de identificação do vegetal (geralmente na área inferior esquerda da prancha) e a autoria, seguidas da data de elaboração, no lado inferior direito.



BRANCO | Na sequência, foram trabalhados os elementos do plano posterior nos espaços em branco entre as estruturas já pintadas.



PLANO FRONTAL | De início pinta-se apenas o plano frontal da composição em diferentes etapas.



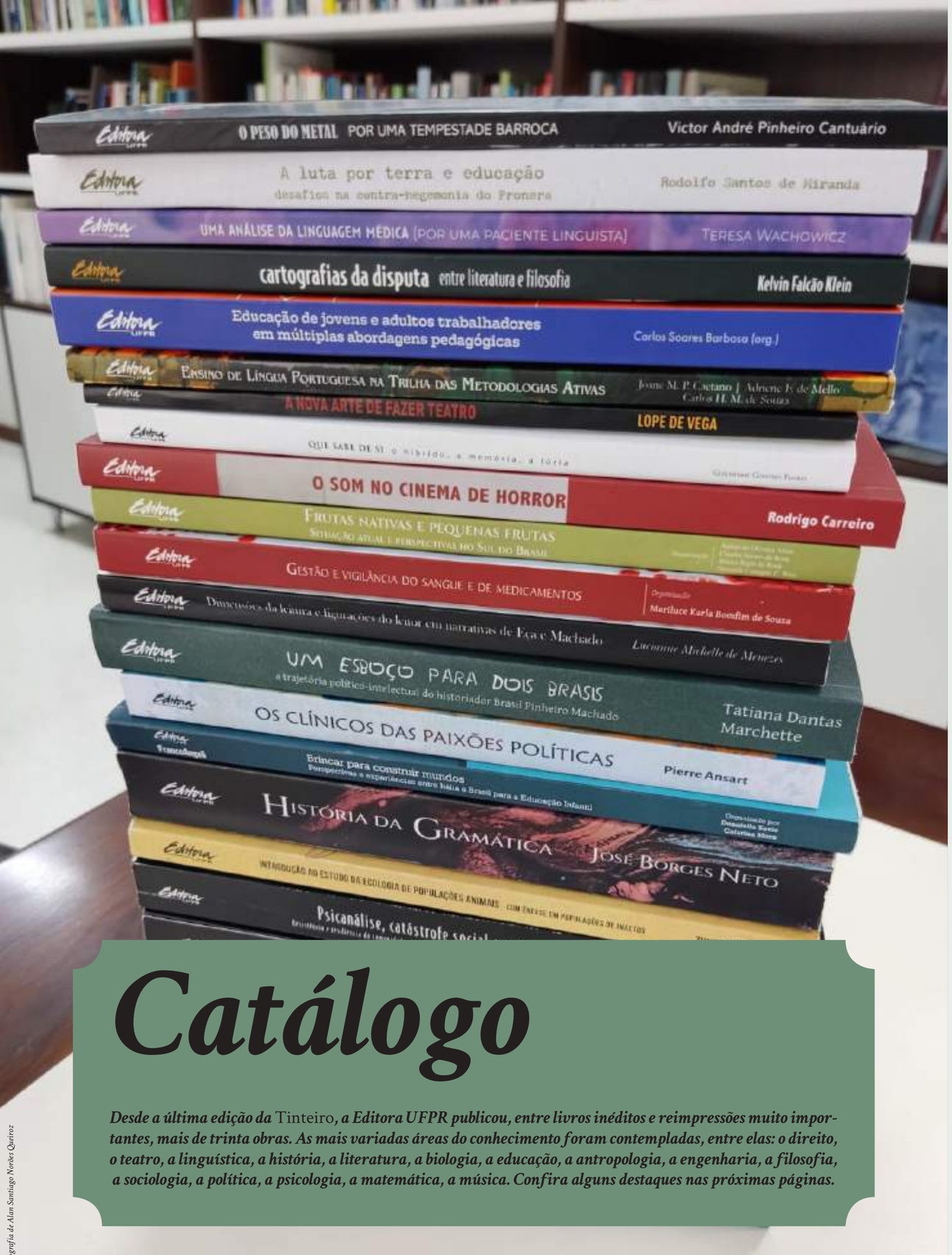
Pintura das bainhas e dos brotos



Pintura das folhas

PAPEL ESPECIAL | Terminadas as duas fases anteriores, transferiu-se o desenho para o papel especial definitivo com auxílio de uma mesa de luz, usando lápis de grafite, em leves traços. Na paleta de aquarela foram preparadas as cores nas tonalidades desejadas para o início da pintura.

TEMPO DE PREPARO | O trabalho original, nas dimensões de 70 x 50 cm, foi concluído em um mês de trabalho, quatro semanas corridas, com média de vinte horas dedicadas em cada uma delas.



Catálogo

Desde a última edição da Tinteiro, ***a Editora UFPR publicou, entre livros inéditos e reimpressões muito importantes, mais de trinta obras. As mais variadas áreas do conhecimento foram contempladas, entre elas: o direito, o teatro, a linguística, a história, a literatura, a biologia, a educação, a antropologia, a engenharia, a filosofia, a sociologia, a política, a psicologia, a matemática, a música. Confira alguns destaques nas próximas páginas.***

Fotografia de Alan Santiago Nortes Queiroz

Confira as principais publicações. Lista em ordem alfabética pelo título da obra. Catálogo completo em nosso site:

Ad astra, per aspera. *Harry Crowl*

***Admirável mundo novo* e *A Ilha* de Aldous Huxley: entre o pesadelo e o idílio utópico.** *Evanir Pavloski.*

Aeroclube do Brasil, O. Um voo panorâmico sobre a história da formação de pilotos civis no Brasil. *Rejane de Souza Fontes e Claudia Musa Fay*

Agricultor a farmer, De. *Clairton Marcio da Silva*

Alfabetos: ensaios de literatura. *Claudio Magris. Maria Célia Martirani (Trad.)*

América Latina, sociedade e meio ambiente. *Dimas Floriani e Antonio Helizalde Hevia (Orgs.)*

América Latina: história e literatura. *Ana Amélia M. C. de Melo, Maria Soledad Falabella Luco e Adelaide Gonçalves Pereira (Orgs.)*

Análise da linguagem médica (por uma paciente linguista), Uma. *Teresa Wachowicz*

Análise experimental do comportamento: manual de laboratório. *6ª ed. rev. e ampl. Paula Inez Cunha Gomide e Lidia Natalia Dobrianskyj Weber*

Anatomia da melancolia, A. – volume I – Demócrito Júnior: ao leitor. *Robert Burton. Guilherme Gontijo Flores (Trad.)*

Anatomia da melancolia, A. – volume II – A primeira partição: causas da melancolia. *Robert Burton. Guilherme Gontijo Flores (Trad.)*

Anatomia da melancolia, A. – volume III – A segunda partição: a cura da melancolia. *Robert Burton. Guilherme Gontijo Flores (Trad.)*

Anatomia da melancolia, A. – volume IV – A terceira partição: melancolia amorosa. *Robert Burton. Guilherme Gontijo Flores (Trad.)*

Anatomias da meia-palavra: ensaios sobre a obra de José Paulo Paes. *Henrique Duarte Neto e Marcos Pasche (Orgs.)*

Animal que não sou mais, O. *Étienne Bimbenet. Maurício José d'Escragnolle Cardoso (Trad.)*

Antes que tudo acabe: o discurso da mídia e a crise econômica na Croácia e no Brasil. *Milan Puh*

Antonina dos meus dias revisitada. *Eduardo Nascimento*

Antonio Vieira dos Santos: reminiscências e outros escritos. *André Luiz Moscaleski Cavazzani e Sandro Aramis Richter Gomes (Orgs.)*



Lançamento

Uma análise da linguagem médica (por uma paciente linguista)

Teresa Wachowicz

Armas, pólvora e chumbo: a expansão luso-brasileira e os índios do planalto meridional. *Almir Antonio de Souza*

Arte dramática. *Manuel de Macedo. Walter Lima Torres Neto (Org. e notas)*

Arte no teatro, A. *Manuel de Macedo. Walter Lima Torres (Org. e notas)*

Artes de fazer na reforma escolar: a institucionalização dos estudos sociais no governo militar (Curitiba, 1975-1985). *Ieda Viana*

Artista do exagero, O. A literatura de Thomas Bernhard. *Matthias Konzett (Ed.). Ruth Bohunovsky (Org. da tradução)*

Assombrosa história do homem do cavalo branco, A. / Centauro bronco, O. (caixa). *Theodor Storm. Maurício M. Cardoso (Trad.)*

Atlas anatômico e histológico do caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*). *Gisela G. Castilho-Westphal et al.*

Áustria: uma história literária. *Klaus Zeyringer e Helmut Gollner. Ruth Bohunovsky (Trad.)*

Axël. *Villiers de L'Isle-Adam. Sandra M. Stroparo (Trad.)*

Bakhtin, Wallon e as linguagens dos bebês. *Viviane M. Alessi e Marynelma C. Garanhani*

Barroco e o Violão, O. Um guia para a transcrição direta. *Renato Cardoso*

Bem viver e viver bem: segundo o povo Baniwa no noroeste amazônico brasileiro. *André Fernando Baniwa. João Jackson Bezerra Vianna e Aline Fonseca Iubel (Orgs.)*

Bento, Brasil e David: o discurso regional de formação social e histórica paranaense. *Maria Julieta Weber Cordova*

Bifurcação. Livro vencedor do II Concurso Literário Editora UFPR. *Mauro Guidi-Signorelli*

Biodiversidade: a hora decisiva. *2ª ed. Marc Jean Dourojeanni e Maria Tereza Jorge Pádua*

Bioética e vulnerabilidades. *Mário Antonio Sanches e Ida Cristina Gubert (Orgs.)*

Bioquímica: aulas práticas. *7ª ed. Departamento de Bioquímica e Biologia Molecular*

Brincar para construir mundos: perspectivas e experiências entre Itália e Brasil para a Educação Infantil. *Donatella Savio e Catarina Moro (Orgs.)*

Campanhas eleitorais para mulheres: desafios e tendências. *Luciana Panke*

Canto gregoriano: uma abordagem introdutória. *Jacques Viret. Paulo Valente (Trad.)*

Carl Schmitt: uma introdução. *Stefano Pietropaoli. João Paulo Arrosi (Trad.)*

Cartografias da disputa: entre literatura e filosofia. *Kelvin Falcão Klein*



Lançamento

Cartografias da disputa: entre literatura e filosofia

Kelvin Falcão Klein

Catálogo de moluscos marinhos do Museu de História Natural Capão da Imbuia (MHNCI) – Paraná, Brasil. *Adelinyr A. Moura Cordeiro, Augusto L. Ferreira-Junior e Theresinha M. Absher (Orgs.)*

Cegueira e normatividade social: a reconstrução da subjetividade frente à perda tardia da visão. *Fernanda Melo*

Cela enorme, A. *e. e. cummings. Luci Collin (Trad.)*

Centro, centros: literatura e literatura comparada em discussão. *Marilene Weinhardt e Mauricio Mendonça Cardozo (Orgs.)*

Cidade e os problemas socioambientais urbanos, A. Uma perspectiva interdisciplinar. *Francisco Mendonça e Myrian Del Vecchio Lima (Orgs.)*

Cidade, desenvolvimento e meio ambiente. *Francisco Mendonça*

Cidades novas do café: história, morfologia e paisagem urbana. *Alessandro Filla Rosaneli*

Ciência do homem e sentimento da natureza: viajantes alemães no Brasil do séc. XIX. *Ana Luisa Fayet Salla*

Clima e criminalidade: ensaio analítico da correlação entre a temperatura do ar e a incidência de criminalidade urbana. *Francisco Mendonça*

Clínicos das paixões políticas, Os. *Pierre Ansart. Jacy Seixas (Trad.)*

Colapso: capitalismo terminal, transição ecossocial, ecofascismo. *Carlos Taibo. Marília Andrade Torales Campos e Andréa Macedônio de Carvalho (Trad.)*

Coletânea de termos técnicos de entomologia. *2ª ed. Zundir José Buzzi*

Comédia nova da Grécia e de Roma, A. *R. L. Hunter. Rodrigo Tadeu Gonçalves (Org. da tradução)*

Cômico, O. *Concetta D'Angeli e Guido Paduano. Caetano W. Galindo (Trad.)*

Como se faz uma novela. *Miguel de Unamuno. Lucas P. Lazzaretti (Trad.)*

Condição de estrangeiro, A. Literatura e exílio em Francisco Ayala. *Isabel Jasinski*

Confederação dos Tamoios, A. Edição fac-similar seguida da polêmica sobre o poema. *Domingos José Gonçalves de Magalhães*

Conhecimento ambiental e pluralismo epistemológico. Um olhar desde as margens. *José Edmilson de Souza-Lima*

Conservação da biodiversidade em paisagens antropizadas do Brasil. *Carlos A. Peres et al. (Orgs.)*

Constituição de 88: trinta anos depois. *Cristina Buarque de Hollanda, Luciana Fernandes Veiga e Oswaldo E. do Amaral (Orgs.)*

Cozinhando a tradição: festa, cultura, história e turismo no litoral paranaense. *Gimenes-Minasse e Maria Henriqueta Sperandio Garcia*

Cursos de português como língua estrangeira no CELIN-UFPR: práticas docentes e experiências em sala de aula. *Bruna Pupatto Ruano, Jovania Maria Perin dos Santos e Lygia Maria Leite Saltini (Orgs.)*

Da construção ao desmanche: análise do projeto de desenvolvimento paranaense. *Francisco de Borja Baptista de Magalhães Filho*

Das imagens às linguagens do geográfico: Curitiba, a capital ecológica. *Salete Kozel*

David Émile Durkheim: a atualidade de um clássico. *Márcio de Oliveira e Raquel Weiss (Orgs.)*



Lançamento

Os clínicos das paixões políticas

Pierre Ansart

Jacy Seixas (Trad.)

Décadas valiosas na história da reprodução humana no Paraná (1960-1970). *Ivo Carlos Arnt*

Democratização da educação superior: o caso de Cuba. *Regina Maria Michelotto*

Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas. *Linda Tuhiwai Smith. Roberto G. Barbosa (Trad.)*

Desenhos, palavras e números: as marcas da matemática na escola. *Maria Lucia Faria Moro e Maria Tereza Carneiro Soares (Orgs.)*

Desenvolvimento da linguagem oral e escrita. *Sandra R. K. Guimarães e Maria Regina Maluf (Orgs.)*

Desenvolvimento do Eu, O. Ética, política e justiça em John Stuart Mill. *Gustavo Hessmann Dalaqua*

Desenvolvimento econômico em debate no Brasil. *Marcelo Curado*

Design pop no Brasil dos anos 1970, O. Domesticidades e relações de gênero na decoração de interiores. *Marinês R. dos Santos*

Dialética do ideal, A. Escritos de E. V. Ilienkov. *E. V. Ilienkov. Marcelo José de Souza e Silva (Trad. e Org.)*

Diálogos com Bakhtin. *Carlos Alberto Faraco, Gilberto de Castro e Cristovão Tezza (Orgs.)*

Diário de Sandholm. *Dina Yafasova. Vinicius Mariano de Carvalho, Fernanda Gláucia Pinto, Louise Lauritsen e Eileen Petersmann (Trad.)*

Diário do Beagle, O. *Charles Darwin. Caetano Waldrigues Galindo (Trad.)*

Dicionário de epônimos. *Enny Arlette Pioli Bassetti e Manuela Bassetti de Souza Lima*

Diferentes moradas das palavras, As. Contos de escritoras em tradução. *Nylcéa Thereza de Siqueira Pedra (Org.)*

Dimensões da leitura e figurações do leitor em narrativas de Eça e Machado. *Lucianne Michelle de Menezes*

Direito animal: interlocuções com outros campos do saber jurídico. *Vicente de Paula Ataide Junior (Coord.)*

Direito, mercantilização e justiça. *Eneida Desiree Salgado e Emerson Gabardo (Orgs.)*



Próximo lançamento

Direito humanos em tempos de opressão: narrativas sobre vulnerabilidades e resistências

Marcos Gonçalves, Roseli Boschilia e David A. Castro Netto (Orgs.)

Direitos humanos em tempos de opressão: narrativas sobre vulnerabilidades e resistências. *Marcos Gonçalves, Roseli Boschilia, David A. Castro Netto (Orgs.)*

Disseminando conhecimentos e práticas: o PIBID na UFPR. *Leonir Lorenzetti et al. (Orgs.)*

Do som ao sinal: história da notação musical. *Jean-Yves Bosseur. Marco Aurélio Koentopp (Trad.)*

Dogmatismo e antidogmatismo: filosofia crítica, vontade e liberdade: uma homenagem a Maria Lúcia Mello e Oliveira Cacciola. *Eduardo R. da Fonseca et al.*

Duas Clarices, As. Entre a Europa e a América – leitura e tradução da obra de Clarice Lispector na França e no Quebec. *Lúcia Peixoto Cherem*

E a cidade desperta. *Harry Crowl*

Edição de diálogos no cinema: a fala cinematográfica como um elemento sonoro. *Débora Opolski*

Educação de jovens e adultos trabalhadores em múltiplas abordagens pedagógicas. *Carlos Soares Barbosa (Org.)*



Próximo lançamento

Educação de jovens e adultos trabalhadores em múltiplas abordagens pedagógicas

Carlos Soares Barbosa (Org.)

Os livros mais vendidos da Editora UFPR



Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas.

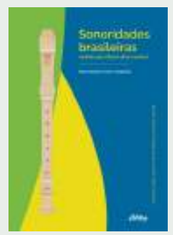
Linda Tuhiwai Smith.

Roberto G. Barbosa (Trad.)



Bioquímica: aulas práticas. 7ª ed.

Departamento de Bioquímica e Biologia Molecular



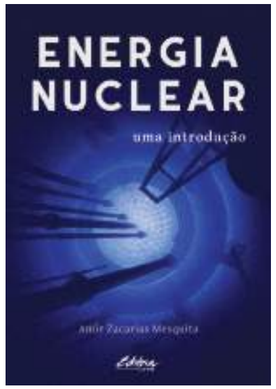
Sonoridades brasileiras – método para flauta doce soprano.

Renate Weiland, Ângela Sasse e Anete Weichselbaum



Ilustração botânica: princípios e métodos. 2ª ed. rev. e amp.

Diana Carneiro



Próximo lançamento

Energia nuclear: uma introdução

Amir Zacarias Mesquita

Educação do campo: território, escolas, políticas e práticas educacionais. *Maria Antônia de Souza e Geyso Dongley Germinari (Orgs.)*

Educação e movimentos sociais do campo: a produção do conhecimento no período de 1987 a 2015. *Maria Antônia de Souza (Org.)*

Educação física escolar e ditadura civil-militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência e outros estudos. *Marcus Aurelio Taborda Oliveira*

Educação na ditadura civil-militar: políticas, ideários e práticas (Paraná, 1964-1985). *Nadia G. Gonçalves e Serlei M. F. Ranzi (Orgs.)*

El buen vivir, interculturalidades y mundialización: una mirada desde América Latina. *Juan Carlos Skewes e Antonio Marcio Haliski (Orgs.)*

Elas em foco: algumas das primeiras fotojornalistas paranaenses. *Heloisa Nichele*

Elementos de epistemologia da geografia contemporânea. *Francisco Mendonça e Salete Kozel (Orgs.)*

Elias Alexandre da Silva Correia: um militar brasileiro em Angola. *Magnus Roberto de Mello Pereira e Ana Lúcia Rocha Barbalho da Cruz*

Élites en las Américas: diferentes perspectivas. *Adriano Codato e Fran Espinoza (Comps.)*

Em busca da mente musical. *Beatriz Senoi Ilari (Org.)*

Empresários, desenvolvimento, cultura e democracia. *Paulo Roberto Neves Costa e Juarez Varallo Pont (Orgs.)*

Energia nuclear: uma introdução. *Amir Zacarias Mesquita*

English prepositions for Brazilians. *Michael Watkins e Cecília Mendes F. S. Silva*

Enquanto uma grande cidade dorme. *Harry Crow*

Ensaio sobre os limites de uma teoria semiológica da comunicação. *Silnei Sharten Soares*

Ensaios de filosofia em homenagem a Carlos Alberto R. de Moura. *Débora Cristina Morato Pinto et al. (Orgs.)*

Ensaios de sociologia e história intelectual do Paraná. *Márcio de Oliveira e José Szwako (Orgs.)*

Ensaios sobre a formação do romance brasileiro: uma antologia (1836-1901). *Fernando C. Gil*

Ensaios sobre as abelhas da região neotropical: homenagem aos 80 anos de Danuncia Urban. *Antonio J. C. Aguiar, Rodrigo B. Gonçalves e Kelli S. Ramos (Orgs.)*

Ensinar alemão no Brasil: contextos e conteúdos. *Ruth Bohunovsky (Org.)*

Ensinar alemão no Brasil: percursos e procedimentos. *Catarina Portinho-Nauiack, Ruth Bohunovsky e Virgínia Wruck (Orgs.)*

Ensino de língua portuguesa na trilha das metodologias ativas: caminhos possíveis para a leitura. *Joane Marieli Pereira Caetano, Adriene Ferreira de Mello e Carlos Henrique Medeiros de Souza.*

Epigrama: Catulo e Marcial. *Robson Tadeu Cesila*

Equilibrista das seis cordas, O. *Silvana Mariani*

Equinócio dos sabiás, O. Aventura científica no seu jardim tropical. *Marcos Rodrigues*



Lançamento

Um esboço para dois brasis: a trajetória político-intelectual do historiador Brasil Pinheiro Machado

Tatiana Dantas Marchette

Esboço para dois brasis, Um. A trajetória político-intelectual do historiador Brasil Pinheiro Machado. *Tatiana Dantas Marchette*

Escrever Entre Mundos: literaturas sem morada fixa. *Ottmar Ette. Rosani Umbach, Dionei Mathias e Teruco Arimoto Spengler (Trad.)*

Escrituras da violência na literatura latino-americana. *Andre Rezende Benatti e Lívia Santos de Souza (Orgs.)*

Estado da arte e perspectivas para a Zoologia no Brasil. *Rosana Moreira e Walter Antonio P. Boeger*

Estigma, discriminação e lepra. *Ricardo Luiz de Souza*

Estreita passagem, Uma. O conceito de corpo nas obras de Schopenhauer e Freud. *Eduardo Ribeiro da Fonseca*

Estrelinhas brasileiras – volume I (com CD). *2ª ed. Maria Ignês Scavone de Mello Teixeira*

Estrelinhas brasileiras – volume II (com CD). *Maria Ignês Scavone de Mello Teixeira*

Estudos sobre motivação e emoção em cognição musical. *Rosane Cardoso de Araújo e Danilo Ramos (Orgs.)*

Ética e estética nos estudos literários. *Marilene Weinhardt et al. (Orgs.)*

Eu acuso...! Carta ao Presidente da República. *Edição bilíngue e crítica. Émile Zola. Milene Suzano de Almeida (Trad., notas, cronologia e análise)*

Eutrofização em reservatórios: gestão preventiva – estudo interdisciplinar na Bacia do Rio Verde, PR. *Cynara L. N. Cunha et al. (Eds.)*

Experiência e política no pensamento de Michel Foucault. *Daniel Verginelli Galantin*

Fazendo música com crianças. *Tiago Madalozzo et al. (Orgs.)*

Festa para Boris, Uma. *Thomas Bernhard. Hugo Simões e Luiz Abdala Jr. (Trad.). Ruth Bohunovski (Org.)*

Ficção reunida. *Lúcia Miguel Pereira*

Filosofias da alteridade no Século das Luzes: Diderot, Fontenelle, Kant, Rousseau. *Ulysses Pinheiro*



Próximo lançamento

Frutas nativas e pequenas frutas: situação atual e perspectivas no Sul do Brasil

Audrei de Oliveira Alves, Claudia Severo da Rosa, Jéssica Righi da Rosa e Grazielle Castagna C. Weis (Orgs.)

Flexíveis, virtuais e precários? Os trabalhadores em tecnologias de informação. *Maria Aparecida Bridi e Jacob Carlos Lima (Orgs.)*

Formação de um cineasta, A. Sylvio Back na cena cultural de Curitiba nos anos 1960. *Rosane Kaminski*

Formação em políticas sobre drogas. *Maria Virgínia Filomena Cremasco e Dione Maria Menz (Orgs.)*

Fotolivros: (in)definições, histórias, experiências e processos de produção. *Marina Feldhues Ramos*

Foucault e a crítica do sujeito. *2ª ed. Inês Lacerda Araújo*

Foucault: verdade e loucura no nascimento da arqueologia. *Thiago Fortes Ribas*

Francisco José de Lacerda e Almeida: um astrônomo paulista no sertão africano. *Magnus Roberto de Mello Pereira e André Akamine Ribas (Coords.)*

Froissart e o tempo. *Michel Zink. Carmem Lúcia Druciak e Marcella Lopes Guimarães (Trad.)*

Fronteira, A. *David Cureses. Maria Fernando Gárbero (Trad.)*

Frutas nativas e pequenas frutas: situação atual e perspectivas no Sul do Brasil. *Audrei de Oliveira Alves, Claudia Severo da Rosa, Jéssica Righi da Rosa e Grazielle Castagna C. Weis (Orgs.)*

Fundamentos da didática da Matemática. *2ª ed. rev. e ampl. Saddo Ag Almouloud*

Gênero e consumo no espaço doméstico: representações na mídia durante o século XX na Argentina e no Brasil. *Inéz Pérez e Marinês Ribeiro dos Santos (Orgs.)*

Geodésia celeste. *Camil Gemael e José Bittencourt de Andrade*

Gestão das paixões políticas, A. *Pierre Ansart*

Gestão e vigilância do sangue e de medicamentos. *Mariluce Karla Bonfim de Souza (Org.)*

Gladiadores na Roma Antiga: dos combates às paixões cotidianas. *2ª ed. rev. e amp. Renata Senna Garraffoni*

Gramáticos latinos, Os. Varrão, Quintiliano, Donato e Prisciano. *Fábio Fortes e Julia Burghini*

Guia do observador de aves. *Fernando C. Straube*

Hamlet no Brasil. *Anna Stegh Camati e Célia Arns de Miranda (Orgs.)*

Hanseníase: a voz dos que sofreram o isolamento compulsório. *Dilene R. do Nascimento e Vera Regina Beltrão Marques (Orgs.)*



Anatomia da melancolia, A. – volume I – Demócrito Júnior: ao leitor.

Robert Burton.

Guilherme Gontijo Flores (Trad.)



Medindo a diversidade biológica.

Anne E. Magurran.

Dana Moiana Vianna (Trad.)



Fazendo música com crianças.

Tiago Madalozzo *et al.* (Orgs.)



Guia do observador de aves.

Fernando C. Straube



História da gramática.

José Borges Neto



Festa para Boris, Uma.

Thomas Bernhard.

Hugo Simões e Luiz Abdala Jr. (Trad.)

Ruth Bohunovski (Org.)



Próximo lançamento

Gestão e vigilância do sangue e de medicamentos

Mariluce Karla Bomfim de Souza (Org.)

História da análise do comportamento no Brasil em autobiografias – volume 1. *Bruno Angelo Strapasson, Alexandre Dittrich e Robson Nascimento da Cruz (Orgs.)*

História da análise do comportamento no Brasil em autobiografias – volume 2. *Bruno Angelo Strapasson, Alexandre Dittrich e Robson Nascimento da Cruz (Orgs.)*

História da gramática. *José Borges Neto*

Histórias das mulheres no Museu Paranaense, As. *Priscila Piazentini Vieira e Renato Augusto Carneiro Junior (Orgs.)*

História e conhecimento: suas conexões e perspectivas. *Sérgio Paulo Muniz Costa*

História natural e conservação da Ilha do Mel. *Márcia C. M. Marques e Ricardo Miranda de Britez (Orgs.)*

História toda sua, Uma. Trajetória de historiadoras brasileiras (1934-1990). *Carmem Silvia da Fonseca Kummer Liblik*

História, ciência, saúde e educação: a institucionalização da ciência médica e a Faculdade de Medicina do Paraná (1912-1946). *Erica Piovam de Ulhôa Cintra*

Ilustração botânica: princípios e métodos. *2ª ed. rev. e amp. Diana Carneiro*

Imaginação como presença: o corpo e seus afetos na experiência literária. *Ligia Gonçalves Diniz*

Inclusão racial e social: considerações sobre a trajetória UFPR. *Norma da Luz Ferrarini e Dirlene Ruppel (Orgs.)*

Indivíduo inquietante: sob o signo de Lope de Aguirre, O. *Hernán Neira. Luci Collin (Trad.)*

Instrumentos e indicadores para avaliar a creche: um percurso de análise da qualidade. *Laura Cipollone (Org.). Luiz Ernani Fritoli (Trad.)*

Intelectuais paranaenses e as concepções de universidade (1892-1950). *Névio de Campos*

Intelectuais, educação e modernidade no Paraná (1886-1964). *Carlos Eduardo Vieira (Org.)*

Intelectuais, modernidade e formação de professores no Paraná: 1910-1980. *Carlos Eduardo Vieira, Dulce Regina Baggio Osinski e Marcus Levy Bencostta (Orgs.)*

Intervencionismo estatal e ideologia desenvolvimentista: estudo sobre a CODEPAR – Companhia de Desenvolvimento Econômico do Paraná. *2ª ed. Maria Helena Oliva Augusto*

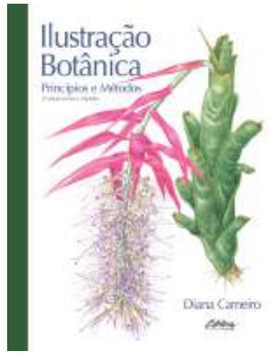
Intriga e amor: uma tragédia burguesa em cinco atos. *Friedrich Schiller. Mario Luiz Frungillo (Trad.)*

Introdução à filosofia da ciência. *3ª ed. rev. Inês Lacerda Araújo*

Introdução à geodésia física. *Camil Gemael*

Introdução à metafísica da natureza, Uma. Representação, realismo e leis científicas. *Michel Ghins. Eduardo Barra e Ronei Clécio Mocellin (Trad.)*

Introdução ao estudo da ecologia de populações animais com ênfase em populações de insetos. *Zundir José Buzzi*



Lançamento

Ilustração Botânica: princípios e métodos

2ª ed. revista e ampliada

Diana Carneiro

Introdução ao manejo e economia de florestas. *Roberto Tuyoshi Hosokawa, José Brandão de Moura e Ulisses Silva da Cunha*

Itinerários. Livro vencedor do I Concurso Literário Editora UFPR. *Thássio Ferreira*

Jaguareté: o encontro – um RPG ambientado no universo indígena brasileiro do século XVI. *Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná*

João da Silva Feijó: um homem de ciência no Antigo Regime português. *Magnus R. de Mello Pereira e Rosangela M. F. dos Santos*

Jörn Rüsen e o ensino da história. *2ª ed. Jörn Rüsen*

Jornalismo cultural e crítica: a literatura brasileira no suplemento Mais! *Marcelo Lima*

Jornalismo e riscos climáticos: percepções e entendimentos de jornalistas, fontes e leitores. *Eloisa Beling Loose*

Jovens de Curitiba, Os. Esperanças e desencantos. *2ª ed. Ana Luisa Fayet Sallas et al.*

Jovens, consumo e convergência midiática. *Regiane Ribeiro (Org.)*

Lanço, o terço e os quinhões, O. Reciprocidade e troca na pesca coletiva da tainha na Ilha do Mel. *Evandro Cardoso do Nascimento*

Lar em terra estranha, Um. A Casa da Estudante Universitária de Curitiba e o processo de individualização feminina nas décadas de 1950 e 1960. *Ana Paula Vosne Martins*

Latino-americanizando o Brasil: a crítica literária e o diálogo transnacional. *Thayse Leal Lima*

Legado democrático e apoio à democracia na América Latina: evidências e mecanismos explicativos. *Gabriel Ávila Casalecchi*

Leituras contemporâneas da modernidade. *Hernán Neira. Luci Collin (Trad.)*

Lentes, pincéis e páginas: discurso de mulheres. *Anna Beatriz da Silveira Paula e Miriam Adelman (Orgs.)*

Letras e política no Paraná: simbolistas e anticlericais na República Velha. *Maria T. Silva Bega*



Próximo lançamento

A luta por terra e educação: desafios na contra-hegemonia do Pronera

Rodolfo Santos de Miranda

Linguagem e discurso. *Eugenio Coseriu e Óscar Loureda Lamas. Cecília Ines Erthal (Trad.)*

Linguística chomskyana e ideologia social. *Augusto Ponzio. Carlos Alberto Faraco (Trad.)*

Literaturas em trânsito, teorias peregrinas. *Isabel Jasinski (Org.)*

Luta por terra e educação, A. Desafios na contra-hegemonia do Pronera. *Rodolfo Santos de Miranda*

Luteria: coletânea de termos técnicos. *Rodrigo Mateus Pereira e Bogdan Skorupa et al. (Col.)*

Lutos coletivos e criação social. *Jean-Claude Métraux. Eduardo Nadalin (Trad.)*

Manual de normalização de documentos científicos de acordo com as normas da ABNT. *Maria Simone Utida dos Santos Amadeu et al.*

Manual do ensaiador dramático. *Augusto de Mello. Walter Lima Torres Neto (Org. e notas)*

Margem do(s) cânone(s), À. Pensamento social e interpretações do Brasil. *Alexandro Dantas Trindade, Hilton Costa e Diogo da Silva Roiz (Orgs.)*



Próximo lançamento

Movimento LGBTQIA+ e direito: uma genealogia

Andressa Regina Bissolotti dos Santos



Métodos de estudos em biologia da conservação & manejo da vida silvestre, 2ª ed.

Laury Cullen Jr., Rudy Rudran e Cláudio Valladares Padua (Orgs.)



O equinócio dos sabiás: aventura científica no seu jardim tropical

Marcos Rodrigues



English prepositions for Brazilians

Michael Watkins e Cecília Mendes F. S. Silva



O poema imperfeito: crônicas de biologia, conservação da natureza e seus heróis. 3ª ed. rev.

Fernando Fernandez



O poder em pedaços: relações agregas no Vale do Mucuri (MG)

Márcio Achtschin



Anatomia da melancolia, A. – volume III – A segunda partição: a cura da melancolia.

Robert Burton

Guilherme Gontijo Flores (Trad.)



Próximo lançamento

A obra de Henri Hauser e sua trajetória intelectual no Brasil

Jose Adil Blanco de Lima

Margem do(s) cânone(s) II, À. Pensamento social e interpretações do Brasil. *Alexandro Dantas Trindade, Hilton Costa e Simone Meucci (Orgs.)*

Margem do(s) cânone(s) III, À. Arte e produção cultural. *Simone Meucci, Hilton Costa e Alexandro Dantas Trindade (Orgs.)*

Marinas (2003/04) para piano. *Harry Crowl*

Marxismo como ciência social. *Adriano Codato e Renato Perissinotto*

Marxismo cultural e estudos de mídia: trajetória e análise da obra de Douglas Kellner. *Otávio Daros*

Medida do exagero e o apocalipse cristão, A. Uma breve digressão sobre a gênese do risco na sociedade ocidental. *Caetano Fischer Ranzi*

Medindo a diversidade biológica. *Anne E. Magurran. Dana Moiana Vianna (Trad.)*

Memórias de morte e outras memórias: lembranças de velhos. *Marisete Teresinha Hoffmann-Horochovski*

Memória do arquiteto: pioneiros da arquitetura e do urbanismo no Paraná. *Andréa Berriel e Juliana Suzuki (Orgs.)*

Memória histórica de Morretes. *Antonio V. dos Santos. André L. M. Cavazzani e Sandro A. R. Gomes (Orgs.)*

Memória, patrimônio e turismo em perspectiva no Cais do Valongo (Rio de Janeiro, Brasil). *Maria Amália Silva Alves de Oliveira, Glenda Cristina Valim de Melo e Leila Beatriz Ribeiro (Orgs.)*

Mentes em música. *Beatriz Senoi Ilari e Rosane Cardoso de Araújo (Orgs.)*

Métodos de estudos em biologia da conservação & manejo da vida silvestre. *2ª ed. Laury Cullen Jr., Rudy Rudran e Cláudio Valladares-Padua (Orgs.)*

Metrópole imaginária, A. *André Azevedo da Fonseca*

Migrações na América Latina contemporânea: processos e experiências humanas. *Gislene Santos e Nádia P. Floriani (Orgs.)*

Modelo da estratégia argumentativa: análise da fala e de outros registros em contextos interativos de aprendizagem. *Monica Rabello de Castro e Janete Bolite Frant*

Modernidade no sótão, A. Educação e arte em Guido Viaro. *Dulce Regina Baggio Osinski*

Modos de ser leitor: aprendizagem e ensino da leitura no ensino fundamental. *Jean Foucambert. Lúcia P. Cherem e Suzete Bornatto (Trad.)*

Momento comtiano, O. República e política no pensamento de Augusto Comte. *Gustavo Biscaia de Lacerda*

Morfologia distribuída e as peças de flexão, A. *Morris Halle e Alec Marantz. Beatriz Pires Santana e Maurício Resende (Trad.)*

Mostra Sylvio Back 8.0: filmes noutra margem. *Rosane Kaminski*

Movimento LGBTQIA+ e direito: uma genealogia. *Andressa Regina Bissolotti dos Santos*

Mulheres, gênero e estudos clássicos: um diálogo entre Espanha e Brasil. *Manel Garcia Sánchez e Renata S. Garraffoni (Eds.)*



Lançamento

A nova arte de fazer teatro

Lope de Vega

Miguel Ángel Zamorano (Apres.)

Wagner Monteiro (Trad.)

Múltiplas faces do educar: processos de aprendizagem, educação e saúde, formação docente. *Nilson Fernandes Dinis e Liane Maria Bertucci (Orgs.)*

Mundo rural e ruralidades. *Alfio Brandenburg (Org.)*

Museu dos Instrumentos Musicais (MIMU). *Juarez Bergmann Filho (Org.)*

Nanoelementos da mesoeconomia: uma economia que não está nos manuais. *Huáscar Fialho Pessali*

Narrativa transmídia made in Brazil: práticas na indústria do entretenimento nacional. *Rafael José Bona*

Naturalista e outros animais, Um. Histórias de uma vida em campo. *George B. Schaller. Peter G. Crawshaw Jr. (Trad.)*

Niilismo e grande política em Nietzsche: a aurora da superação humana a partir da morte de Deus. *João Paulo Simões Vilas Bôas*

Nilo Cairo e o debate homeopático no início do século XX. *Renata Palandri Sigolo*

Nomes populares de insetos e ácaros do Brasil. *Zundir José Buzzi*

Nova arte de fazer teatro, A. *Lope de Vega. Wagner Monteiro (Trad.). Miguel Ángel Zamorano (Apres.)*

Novo tratado de acompanhamento para cravo, órgão e outros instrumentos, de Monsieur de Saint Lambert. *Monsieur de Saint Lambert. Anaïz Dessartre Mendonça (Trad.)*

Oásis de sombra e luz em cada escola, Um. As escolinhas de arte e a formação do homem do futuro (1960-1970). *Ricardo C. Antonio*

Obediência, autoritarismo e foro interior. *Marion Brepohl e Roseli Boschilia (Orgs.)*

Obra de Henri Hauser e sua trajetória intelectual no Brasil, A. *Jose Adil Blanco de Lima*

Olhares sobre a América: história e filosofia. *Hernán Neira. Luci Collin (Trad.)*

Ópera do mendigo, A. *John Gay. Caetano Waldrigues Galindo (Trad.)*

Outro jornalismo é necessário: Estado, mercado e cidadania na TV pública brasileira. *Elson Faxina*

Outros dos outros, Os. Relações de alteridade na etnologia sulamericana. *Edilene Coffaci de Lima e Lorena Córdoba (Orgs.)*

Paisagem como cifra de harmonia, A. Relações entre cultura e natureza através do olhar paisagístico. *Fernando Aliata e Graciela Silvestri. Paulo Chiesa (Trad.)*

Paisagem sonora do Boi de Mamão paranaense: uma geografia emocional. *Beatriz Helena Furlanetto*

Paisagens culturais. *Giuliana Andreotti. Ana Paula Bellenzier et al. (Trad.). Iria Zanoni Gomes (Rev.).*

Paisagens da fenomenologia francesa. *Rodrigo Vieira Marques e Ronaldo Manzi Filho (Orgs.)*

Palcos e jornais: representações do teatro em Curitiba entre 1900 e 1930. *Marta Morais da Costa*

Papel para a história, Um. O problema da historicidade da ciência. *Mauro Lúcio Leitão Condé*

Para conhecer, escute seu corpo. Diálogos entre Wilhelm Reich e Baruch Spinoza. *José Vicente Carnero*

Para pensar outra agricultura. *2ª ed. Angela Duarte Damasceno Ferreira e Alfio Brandenburg (Orgs.)*

Parentes, vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais. *Ciméa Barbato Bevilaqua e Felipe Vander Velden (Orgs.)*

Parque Estadual Pico do Marumbi. *Edson Struminski*

Participação e qualidade em Educação da Infância: percursos de compartilhamento reflexivo em contextos educativos. *Anna Bondioli e Donatella Savio (Orgs.). Luiz Ernani Fritoli (Trad.)*

Partido Trabalhista Brasileiro no Paraná (1945-1965), O. *Alessandro Batistella*

Peso do metal, O. Por uma tempestade barroca. *Victor André Pinheiro Cantuário*

Planejamento, implantação e manejo de trilhas em unidades de conservação. *Larry Lechner*

Poder e religiosidade: o espaço do sagrado no século XXI. *Euclides Marchi e Marion Brepohl (Orgs.)*

Poder em pedaços, O. Relações agregas no Vale do Mucuri (MG). *Márcio Achtschin Santos*

Poema imperfeito, O. Crônicas de biologia, conservação da natureza e seus heróis. *3ª ed. rev. Fernando Fernandez*

Políticas de memória e experiências de (des) exílio. *Marion Brepohl e Marcos Gonçalves (Orgs.)*

Política externa e relações diplomáticas na Antiguidade Tardia. *Bruno Miranda Zétola*



Próximo lançamento

Por um rosário de penitenciárias: ideário político de Nicolau Vergueiro, bacharel, parlamentar, fazendeiro e negociante de grosso trato (1811-1859)

Carlos Alberto Medeiros Lima



Para conhecer, escute o seu corpo. Diálogos entre Wilhelm Reich e Baruch Spinoza.

José Vicente Carnero



Fundamentos da didática da Matemática. 2ª ed. rev. e ampl.

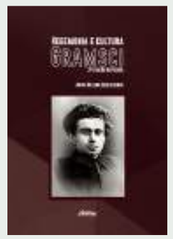
Saddo Ag Almouloud



Anatomia da melancolia, A. – volume II – A primeira partição: causas da melancolia.

Robert Burton

Guilherme Gontijo Flores (Trad.)



Hegemonia e cultura: Gramsci. 3ª ed. rev.

Anita Helena Schlesener



A arte de praticar violino

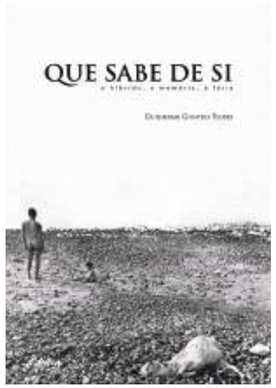
Robert Gerle

João Eduardo Titton (Trad.)



Jörn Rüsen e o ensino da história. 2ª ed.

Jörn Rüsen



Lançamento

Que sabe de si: o híbrido, a memória, a fúria

Guilherme Gontijo Flores

Por São Jorge! Por São Tiago! Batalhas e narrativas ibéricas medievais. *Marcella Lopes Guimarães (Org.)*

Por um rosário de penitenciárias: ideário político de Nicolau Vergueiro, bacharel, parlamentar, fazendeiro e negociante de grosso trato (1811-1859). *Carlos Alberto Medeiros Lima*

Portuguesas na diáspora: histórias e sensibilidades. *Roseli Boschilia e Maria Luiza Andreazza (Orgs.)*

Poucos, muitos, todos: lições de história da democracia. *Pietro Costa. Luiz Ernani Fritoli (Trad.)*

Pragmática e filosofia da mente I: o pensamento na linguagem. *Marcelo Dascal. Rodrigo B. de Faveri (Trad.)*

Práticas do filme etnográfico. *Paulo Guérios*

Presidente, O. *Thomas Bernhard. Gisele Eberspächer e Paulo Rogério Pacheco Junior (Trad.)*

Processos de criação de unidades de conservação na floresta com araucárias: o caso do Parque Nacional dos Campos Gerais, ímpar na história da política ambiental brasileira. *Emerson A. de Oliveira*

Professora Julia Wanderley: uma mulher-mito (1874-1918). *Silvete Aparecida Crippa de Araujo*

Projeto e paisagem urbana: ensaios de projeto para a área central de Curitiba. *Alessandro Filla Rosaneli e Paulo Marcos Mottos Barnabé (Orgs.)*

Psicanálise, catástrofe social e o trauma: resistência e resiliência da comunidade xiita do sul do Líbano aos bombardeios de Israel em 2006. *Jamil Zugueib Neto*

Psicologia do gênero: psicobiografia, sociocultura e transformações. *Maria Helena Fávero*

Psicoterapia breve: possibilidades e atuações no contexto institucional contemporâneo. *Elizabeth Fátima Teodoro, Pedro Henrique Estevão Ferreira e Reinaldo da Silva Júnior (Orgs.)*

Que sabe de si: o híbrido, a memória, a fúria. *Guilherme Gontijo Flores*

Que se aprende quando se aprende cinema no hospital?, O. Invenção e resistência com as imagens no Brasil e em Cuba. *Fernanda Omelczuk*

Reabilitação nas ataxias: orientação multiprofissional aos pacientes, cuidadores e profissionais. *Marise Bueno Zonta, Lúcia Helena Coutinho dos Santos e Hélio Afonso Ghizoni Teive (Orgs.)*

Relações de gênero nas artes, no design, na moda. *Cláudia R. Hasegawa Zacar e Ronaldo de Oliveira Corrêa (Orgs.)*

Relato da jornada de Pedro de Orsúa a Omágua e a El Dorado: crônica de Lope de Aguirre. *Hernán Neira. Nilcea Siqueira Pedra (Trad.)*

Religião e pluralidade no Império Romano: um debate necessário. *Greg Woolf. Pedro Paulo Abreu Funari e Renata Senna Garraffoni (Orgs.). Guilherme Floriani Saccomori et al. (Trad.)*

Reprodução assistida *post mortem*: aspectos jurídicos de filiação e sucessório. *Juliane Fernandes Queiroz*

Retórica, A. *Brunetto Latini. Emanuel França de Brito (Trad., apresentação e notas).* Em impressão

Revelação e *Cogito*: Gaston Bachelard para os estudos literários. *Elzimar Fernanda Nunes Ribeiro, Enivalda Nunes Freitas e Souza e Fernanda Cristina de Campos (Orgs.)*

Reverso da cura, O. Erro e efeitos adversos do trabalho médico. *Maria Marce Moliani*

Revisões em Zoologia: Mata Atlântica. *Emygdio Leite de Araujo Monteiro-Filho e Carlos Eduardo Conte (Orgs.)*

Revolução e cultura em Gramsci. *Ed. rev. Anita Helena Schlesener*

Rodas de conversa: uma análise das vozes infantis na perspectiva do círculo de Bakhtin. *Viviane Maria Alessi*

Saber Sobre Viver: A (o)missão da filologia. *Ottmar Ette. Paulo Soethe e Rosani Umbach (Trad.)*

Saberes da manutenção: uma visão sistêmica. *Enon Laércio Nunes*

Saberes, paisagens e territórios rurais da América Latina. *Nicolas Floriani e Narciso Barrera-Bassols (Orgs.)*

Salomão e as mulheres (edição fac-similar). *Jorge de Lima*

Saudade do matão: relembrando a história da conservação da natureza no Brasil. *Teresa Urban*

Saúde e Sistema Único de Saúde: estudos socioanalíticos. *José Miguel Rasia e Claire Terezinha Lazzaretti (Orgs.)*

Segredo dos corredores do leste africano, O. *Fabiano Tomazini, Ana Carla Santos Mariano, Rômulo Bertuzzi e Eduardo Vinícius Mota e Silva*



Lançamento

Psicoterapia breve: possibilidades e atuações no contexto institucional contemporâneo

Elizabeth Fátima Teodoro, Pedro Henrique Estevão Ferreira e Reinaldo da Silva Júnior (Orgs.)

Semeando iras rumo ao progresso: ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense (1829-1889). *Magnus Roberto de Mello Pereira*

Sentido da nova lógica, O. *2ª ed. W. O. Quine*

Sentidos e sensibilidades: sua educação na história. *Marcus Aurelio Taborda de Oliveira (Org.)*

Sentimentos na história: linguagens, práticas, emoções. *Marion Brepohl, André Mendes Capraro e Renata Senna Garraffoni (Orgs.)*

Sérgio Buarque de Holanda: escrita de si e memória (1969-1986). *Raphael Guilherme de Carvalho*

Shakespeare sob múltiplos olhares. *2ª ed. Anna Stegh Camati e Célia Arns de Miranda (Orgs.)*

Síndrome do X Frágil: pessoas, contextos & percursos. *Vitor Franco (Org.)*

Sob o retrato de Euclides da Cunha: uma história dos euclidianos e do seu "Brasil interior" nos anos 1950 (CCEC, Paraná). *Carolina Aparecida Guebert*

(Socio)Ecologismo dos povos do Sul: clamores por justiça. *José Edmilson de Souza-Lima e Sandra Mara Maciel Lima (Orgs.)*

Som no cinema de horror, O. *Rodrigo Carreiro*

Suíte antiga brasileira. *Harry Crowl*

Suplicantes: o nascimento do asilo político na tragédia grega. Um ensaio sobre a tragédia da migração e os dilemas da política. *Edição bilíngue (Português-Inglês). Marcelo Alves*

Teatro em francês: quando o meio não é a mensagem. *Walter Lima Torres (Org.)*

Teatro reunido. *Lúcio Cardoso*

Teoria biopolítica da formação humana. *Raphael Guazzelli Valerio*

Teoria crítica do juízo de imputabilidade criminal: a partir da história do encontro entre o saber jurídico e o saber psiquiátrico. *Joe Tennyson Velo*

Teorias e políticas de gênero na contemporaneidade. *Marlene Tamanini, Roseli Boschilia e Sônia Fátima Schwendler (Orgs.)*

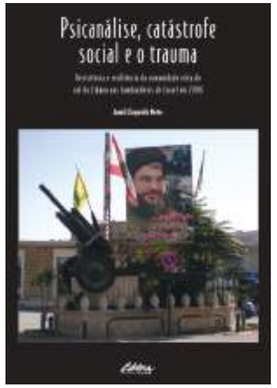
Termos da política: comunidade, imunidade, biopolítica. *Roberto Esposito e Angela Couto Machado Fonseca et al. (Trad.)*

Terra, A. Astronomia popular: descrição geral do céu. *Nicolas Camille Flammarion. Cristian Cláudio Quinteiro Macedo (Trad.)*

Territórios de tradições e de festas. *Maria Geralda de Almeida (Org.)*

Testemunho da poesia, O. Seis conferências sobre as aflições de nosso século. *Czeslaw Milosz. Marcelo Paiva de Souza (Trad.)*

Textos sobre Curitiba: investigações sobre a cidade e seus arredores. *Alessandro Filla Rosaneli e Paulo Marcos Mottos Barnabé (Orgs.)*



Lançamento

Psicanálise, catástrofe social e o trauma: resistência e resiliência da comunidade xiita do sul do Líbano aos bombardeios de Israel em 2006

Jamil Zugueib Neto

Thomas Bernhard e seus seres vitais: fotos, documentos, manuscritos. *Martin Huber, Manfred Mittermayer e Peter Karlhuber (Eds.). Ruth Bohunovsky e Daniel Martineschen (Trad.)*

Tiestes. *Lúcio Aneu Sêneca. José Eduardo S. Lohner (Trad., notas, estudos)*

Tópicos de filosofia francesa contemporânea. *Leandro Neves Cardim (Org.)*

Tornando os parques eficientes: estratégias para a conservação da natureza nos trópicos. *John Terborgh et al. (Orgs.)*

Trama na história, Uma. A criança no processo de escolarização primária nas últimas décadas do período imperial. *Juarez José Tuchinski dos Anjos*

Tratado sobre os modos de significar ou gramática especulativa, de Tomás de Erfurt. *Alessandro Jocelito Beccari*

Travesseiro de pedra: entretecendo discursos sobre as escutas de doentes. *Vânia Regina Mercer*

Travessia: uma história de amor. *Anna Seghers. Daniel Martineschen (Trad.)*

Trincheiras, resistências e utopias pedagógicas: escolas alternativas em Curitiba durante a ditadura militar. *Maria Rosa Chaves Künzle*

Tríplice fronteira, A. Espaços nacionais e dinâmicas locais. *Lorenzo Macagno, Silvia Montenegro e Verónica Giménez Béliveau (Orgs.)*

Villa-Lobos, um compêndio: novos desafios interpretativos. *Paulo T. Salles e Norton Dudeque (Orgs.)*

Virginia Woolf. *Jaqueline Bohn Donada (Org., trad. e notas)*

Xadrez e educação: contribuições da ciência para o uso do jogo como instrumento pedagógico. *Wilson da Silva (Org.)*

Xadrez para todos: a ginástica da mente. *Wilson da Silva*



Próximo lançamento

O som no cinema de horror

Rodrigo Carreiro

A UFPR É DESTAQUE
NOS RANKINGS DO MUNDO TODO

www.ufpr.br

12º NA AMÉRICA LATINA
IMPACTO NA WEB
Webometrics Ranking of World Universities | Mar/2023

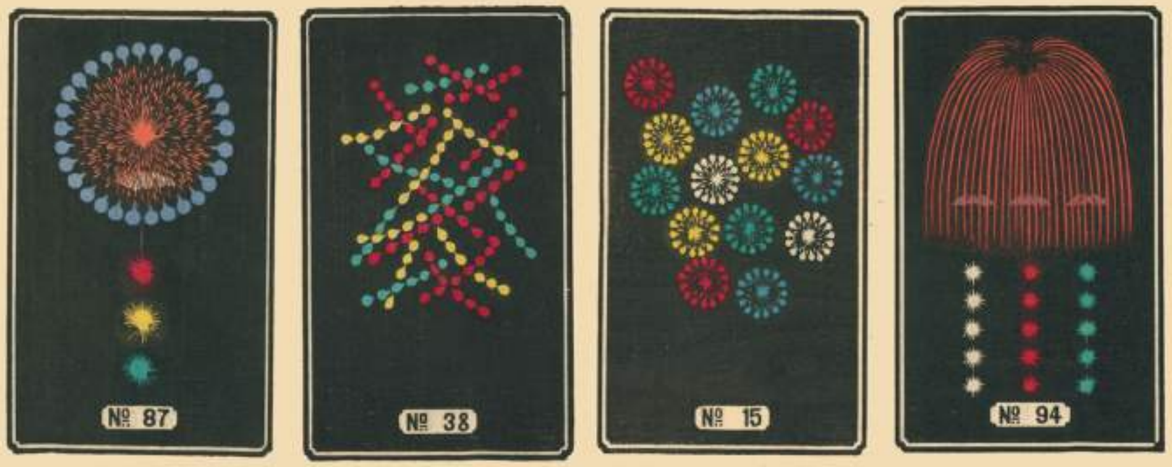
NOTA MÁXIMA NO MEC
POR 5 ANOS SEGUIDOS
Ministério da Educação | Mar/2023

1º DO PARANÁ E 8º MELHOR
UNIVERSIDADE DO BRASIL
QS World University Ranking | Mar/2023

ENTRE AS 3,8% MELHORES
UNIVERSIDADES DO MUNDO
Center for World UniversityRankings (CWUR) | Mai/2023

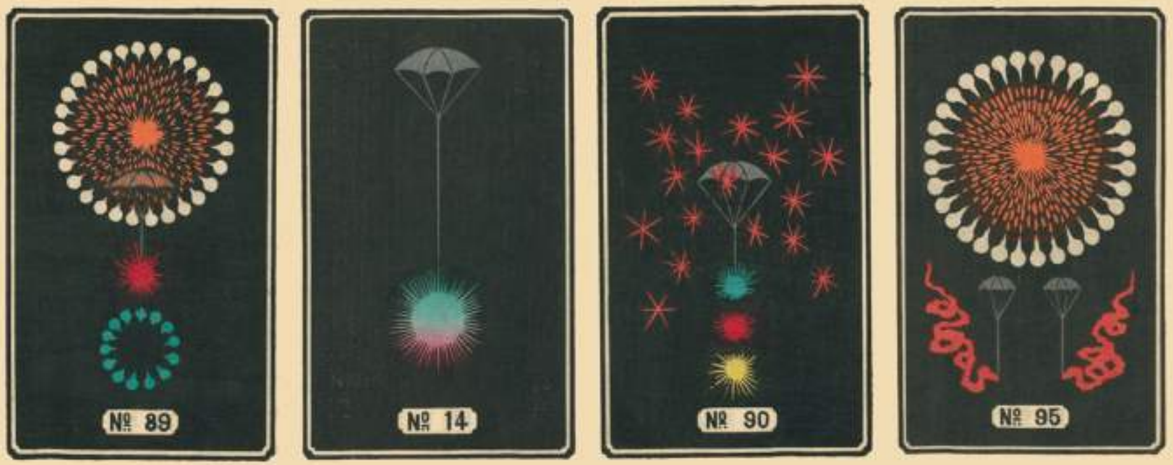
11ª UNIVERSIDADE QUE
MAIS PRODUZ CONHECIMENTO
NA AMÉRICA LATINA
CWTS Leiden Ranking | Jun/2023





Concurso Literário | 2023
Luci Collin

A Semana de Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR) realizou, neste ano, o Concurso Literário Luci Collin, premiando os gêneros conto e crônica. Leia os textos selecionados a seguir.



Catálogo de fogos de artifício de Hiroyama



Ilustração | Priscila Lourenço Schultz

primeiro lugar | conto

A máquina do tempo

Reativar as memórias do passado, que regressa inalterado como um fantasma, trará resultados imprevisíveis. — por *Basílio Baran**

23 de agosto

Havia um bilhete debaixo da porta: Boas notícias! Inventei a máquina do tempo. Joguei ele fora. George sempre foi um sonhador, perdendo tempo com invenções. Para mim, a máquina do tempo foi inventada em tempos imemoriais. Desde que o primeiro ser humano abriu a boca para falar do passado, duplicou a existência da humanidade. Melhor, triplicou, porque quem cria o passado cria também o futuro e o presente. E absolutamente todos os que se propuseram a dizer como as coisas aconteceram mudaram o passado segundo seus próprios interesses. Quem ganha a guerra conta a história. Eu já tenho uma máquina do tempo, é o diploma no fundo da gaveta, ele me permite modificar o passado do jeito que eu quiser. Só basta querer. A máquina do tempo mais eficiente seria aquela que não mudaria realmente o passado, mas afetaria o cérebro de alguma forma que as pessoas passariam a acreditar que são outras.

George pode ficar com sua máquina do tempo. Tomara que ele não se exploda. Não imagino o que ele quer tanto mudar. Se tornar um poeta de sucesso? Nem com uma máquina do tempo. Mais difícil do que escolher é também saber como mudar, como saber quando uma decisão foi tomada. Napoleão invadiu a Rússia porque jantou mal antes de conversar com Alexandre? Se Hitler não tivesse nascido o holocausto não aconteceria? Se você não tem uma desilusão amorosa, como vai encontrar o amor? George já tem dinheiro o suficiente pra brincar de inventor, vai jogar na Mega-Sena?

> **“toda a poesia que o George já produziu se resume a um monte de coisas que você já pensou em algum momento mas nunca anotou, é uma peneira do senso comum**

E quem garante que os números serão os mesmos? Aquele que inventar uma máquina do tempo de verdade vai provar qual a lógica temporal correta. Você volta pro mesmo passado ou cria uma nova linha temporal toda vez que viaja? Em ambos os casos, não há garantia que o resultado da loteria seja o mesmo. Mas isso tudo não importa, George não inventou uma máquina do tempo.

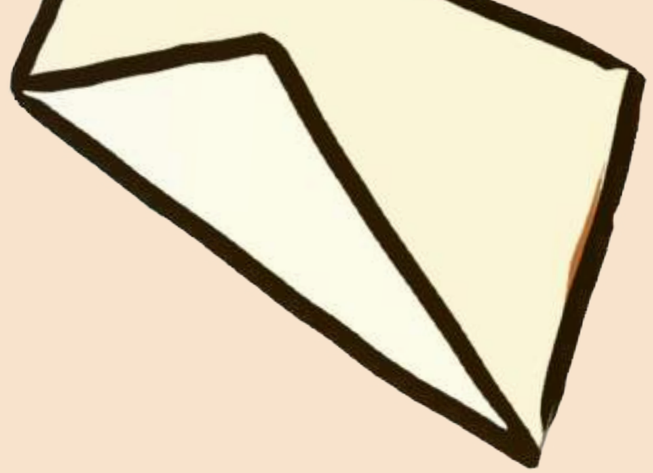
Passei o resto do dia mergulhado na pesquisa sobre Roma. Ainda não abri as cortinas.

24 de agosto

Acordei com uma mensagem: Inventei a máquina do tempo. Corri pra casa do George, mas ninguém atendeu. Liguei, bati na porta de seus vizinhos, mas ninguém o viu há algum tempo. Falei com seus pais, também nada. Eles hesitaram diante da minha ideia de abrir uma queixa de desaparecimento, tive que dizer que ele sumiu há dias.

Depois disso, não sobrou muita coisa pra fazer. Não ficava quieto em casa, então decidi ir à biblioteca para escrever a pesquisa, me forçar a ficar quieto. Não rendeu muito. Fiquei pensando o tempo todo que, se fosse verdade, tudo aquilo que eu estava escrevendo poderia mudar no dia seguinte.

Por mais que tudo seja muito estranho, tenho uma convicção de que não foi uma brincadeira. George nunca parece estar brincando, nem quando faz piada. Desde que eu conheci, ele é assim. Era o final do ensino médio, eu não sabia se cursava história ou medicina. Ele se aproximou como se soubesse exatamente o que se passava na minha cabeça e me perguntou o que eu ia fazer. Depois de explicar a situação, ele me falou um monte sobre a criação da ciência histórica, sobre como o passado é uma produção constante e que nosso senso de identidade é feito de trás pra frente, já que nós atribuímos causalidades só depois que os efeitos já foram produzidos. Eu fiquei fascinado por aquilo, já que isso implicaria que tudo aquilo que eu sei sobre mim mesmo depende daquilo que eu quero ser e, no limite, o que é verdade e o que é interpretação na vida se tornam em certa medida indistinguíveis, como um *drink* no qual você não sabe onde acaba um sabor e começa outro; foram essas as palavras que ele usou. Se não fosse o George, acho que teria tentando fazer medicina, perdido anos de vida, só pra ir pra história depois. Em toda a nossa vida George pareceu guardar em si as palavras certas para os momentos certos.



Mesmo as piadas dele produziam um efeito misterioso, como se fossem charadas que escondiam algo mais profundo. O que ele disser, eu acredito.

Fui agora abrir a cápsula para guardar o diário e notei algo estranho. Podia jurar que ela era prata. Mas é branca. Na verdade, pensando bem, quando George me deu ela, brinquei sobre como meu reflexo ficava distorcido na superfície metálica.

25 de agosto

Fui ao lançamento do novo livro do George hoje, *A máquina do tempo*. Chamaram ele de o novo Álvares de Azevedo, o que é só uma maneira de dizer que ele é amargurado demais pra idade que tem. Sinceramente, eu penso que toda a poesia que o George já produziu se resume a um monte de coisas que você já pensou em algum momento mas nunca anotou, é uma peneira do senso comum. Parece que ele encontra sempre o cara mais deprimido no recinto e espera até ele soltar algo que possa ser transformado em verso. Então ele faz esse inventário da melancolia. O tema principal de *A máquina do tempo* é o arrependimento de não ter vivido outra vida, o que é uma coisa estúpida, já que ninguém sabe o que aconteceria se tivesse virado a esquina dois em vez da um. O arrependimento é uma saída muito fácil pra própria mediocridade. Fiz medicina, mas na época pensei em fazer história, mas não faz sentido me perguntar: e se eu tivesse feito história? As decisões só acontecem; é uma pergunta igual a: e se essa pedra não tivesse caído? E se esse coração não tivesse falhado? Não há lugar pra aleatoriedade

no universo, as decisões humanas são tão absolutas quanto as leis da natureza. E por isso o livro do George é uma merda.

Três pacientes morreram na minha mão hoje. É por isso que eu estou tão amargurado, estou sendo maldoso. Não pude fazer nada, é como se eu nunca tivesse sabido medicina.

Não lembro onde deixei a cápsula do tempo, que piada. Logo eu, que estudo a memória.

26 de agosto

George me respondeu sobre minha pesquisa. Ele disse que os resultados sobre o efeito de ondas extracranianas sobre a memória são muito promissores. Ele acredita que se pode construir um aparelho de restabelecimento de memórias. Isso me incomoda um pouco, pra falar a verdade. Depois de chegar tão longe, penso em abandonar a pesquisa. Como eu sei se uma memória recuperada é verdade ou foi inventada? Tudo bem, nós chamamos parentes dos pacientes e eles testemunham que a memória é verdadeira, mas já que a frequência das ondas extracranianas é selecionada de acordo com os núcleos linguísticos do cérebro, não poderíamos estar na verdade injetando palavras, textos, escrevendo memórias de acordo com o que os parentes nos contam? Experimentalmente, é muito difícil distinguir uma coisa da outra.

Além disso, o esquecimento não faz parte da vida? É claro que é promissor para o Alzheimer, mas nós sabemos que não é assim que o mercado funciona, isso vai dar em outra coisa. Reativar conexões perdidas sempre vai implicar anexar elas a polos neurais que não existiam quando elas foram criadas. É como se ela ficasse incubada e depois jogada em um ambiente cuja organização não a incluía, os resultados são imprevisíveis. Na prática, é como se criássemos memórias que viajam no tempo, que ficaram muito tempo latentes mas em algum momento voltam inalteradas, não afetadas pela passagem do tempo. São como fantasmas. São como cápsulas do tempo. Tenho um pouco de medo do que pode ser feito disso. Se realmente se tratar mais de uma invenção do que reativação, se forem como memórias injetáveis, não há um limite para isso, podem-se criar passados inteiros para as pessoas. Lavagem cerebral em seu mais puro estado. Pode ser aplicado no sistema prisional, transmitido via rádio, usado para educação. Pode-se formar um atleta injetando memória muscular?

Não tenho certeza. Tendo a pensar que a passagem do tempo é constitutiva da memória, que a maneira como as memórias crescem muitas vezes é mais importante do que seu conteúdo original. Reativar ou injetar lembranças — pouco importa, em ambos os casos algo que remete ao passado é vivido em intensidade e significado de coisas do presente — talvez faça com que elas se comportem como fatos absolutos e atemporais, as memórias se comportariam como códigos de programação. Ou talvez o paciente experimente uma memória injetada de infância com a mesma força de algo atual, ele se comportaria como se ela sempre tivesse estado lá, e sempre foi assim. Parece que todos os dias, ao acordar, nos convencemos de que nós somos nós mesmos, repassando em milésimos de segundos o *script* da nossa vida e entrando todo dia no mesmo personagem que, afinal, é o que chamamos de eu. Escrevi na tese que a invenção e a rememoração depois de certo ponto se tornam quase indistinguíveis, como os sabores em um *drink*, mas deixei essa parte de fora, o que acontece se você bebe demais?

27 de agosto

Estou um pouco preocupado com o George. Hoje havia um bilhete embaixo da minha porta: más notícias, inventei a máquina do tempo.



*__Basílio Baran__ é autor de alguns contos e dois livros, sendo o último *Isolamento social e outros paradoxos* (Amazon Ebook), coletânea de histórias transcorridas durante a pandemia. Está se formando em psicologia na UFPR e mantém uma página no Instagram (@basiliobaran) com resenhas e críticas sobre literatura e diversos campos do saber.

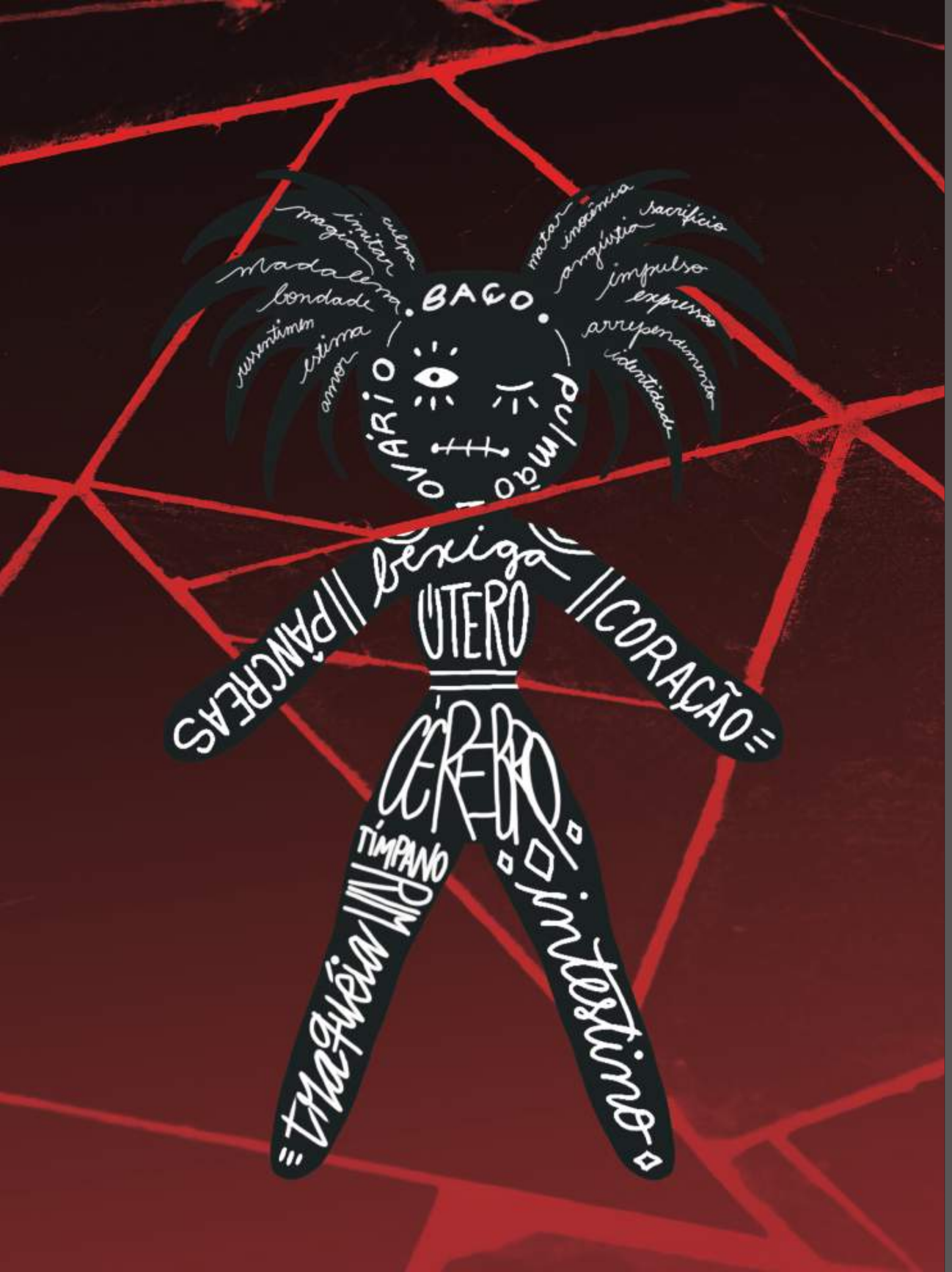


Ilustração | Priscila Lourenço Schultz

segundo lugar | conto

A estranha morte de Madalena Xavier

Numa tentativa desesperada, acreditei mais uma vez no poder mágico da linguagem. — por *Nicolas Wahmink

O olho esquerdo de Madalena Xavier se fechou para sempre, o direto se arregalou até desprender da órbita, os livros que carregava caíram de seus braços e o corpo desmoronou como se os ossos tivessem se liquefeito de uma hora para outra. Tinha trinta e tantos anos e era a mulher mais bonita que já tínhamos visto.

Os legistas não conseguiram determinar a causa da morte. O que a princípio pareceria um infarto ou um aneurisma prematuro ganhou contornos misteriosos quando se constatou a desordem interna de seu organismo. Como peças ainda embaralhadas de um quebra-cabeça, cada um de seus órgãos ocupava o lugar de outro, em uma anatomia inédita e impossível. Seu coração estava no antebraço direito. Os intestinos esticavam-se em espirais ao redor do fêmur. O baço estava na testa, comprimido dentro do crânio ao lado do pulmão, por cima dos ovários. O cérebro estava encaixado dentro da bacia.

A coisa era de tal modo inverossímil que se decidiu que não era real. O caso foi abafado e os médicos, julgando mais fácil duvidar da memória e dos sentidos que da própria concepção de realidade, atribuíram a necrópsia inaudita a um delírio coletivo. Foi enterrada antes que os boatos vazassem e, quando vazaram, ninguém lhes deu crédito.

Eu também não acreditava em magia até conseguir colocar em ordem os acontecimentos.

No dia da morte, não vi Giovani Belinati. Assim que as ambulâncias levaram o corpo inconsciente de Madalena para o hospital, julguei que tinha o dever de avisá-lo do ocorrido. Encontrei-o na ala de emergência, quando a morte já tinha sido confirmada. Giovani tinha os olhos inchados e o cabelo desgrenhado. Batia na parede falando consigo mesmo: *Me desculpe, Madalena, eu não sabia…*

Como não se conseguiu estabelecer qualquer possibilidade de homicídio a partir da autópsia, ninguém pôde acusá-lo de nada. A verdade era que todos os fatos depunham a favor de sua inocência. Madalena, recém-chegada de uma longa estadia em Porto Alegre, não via Giovani há mais de um mês.

Eu teria aceitado esses eventos como parte da cota razoável de impossibilidades acontecíveis que a consciência comporta se à lembrança do comportamento de Giovani no hospital não tivesse se so-



mado mais uma evidência de seu envolvimento sobrenatural no caso. No dia do enterro, o terceiro após a morte, segui Giovani pelas veredas do Cemitério Israelita até o altar das velas, onde o vi com um envelope de carta na mão. Com ar grave, Giovani depositou o papel sobre as chamas e saiu apressado, com o gorro na cabeça e as mãos nos bolsos. Resgatei o texto apenas parcialmente chamuscado.

Tratava-se de uma espécie de feitiço verbal de curta extensão proferido pela própria carta, em primeira pessoa, em que ela propunha se sacrificar em troca da expiação dos pecados de Giovani. *Que a minha combustão apazigue a angústia daquele que não compreendia o que estava fazendo. Queimando expurgarei Giovani Belinati da culpa pela morte de Madalena Xavier, porque isto que teve mana de matar, isto também terá mana de redimir.*

Mantive distância — da história e de Giovani — até alguns meses após a morte de Madalena. Na última semana do inverno, quando já não conseguia suportar na consciência a mácula da covardia, abordei Giovani algumas quadras abaixo da universidade.

— Não há razão para esconder nada agora — respondeu, protegendo-se da chuva sob a marquise. — A verdade é tão absurda que posso gritá-la em voz alta. Eu matei Madalena, tive a intenção de fazê-lo e sou culpado, embora minha grande falta tenha sido excesso de inocência.

— Como?

— Pergunte ao Émile. Como ele te dirá, foi uma demonstração totalmente inesperada do poder da linguagem.

Émile, quando lhe perguntei, contou que Giovani o procurara há mais ou menos um mês, curioso a respeito do vodu haitiano. Não pudera, contudo, ajudá-lo: filho de pais católicos e devotos, Émile crescera assombrado pelos ubíquos boatos a respeito dos *zobop*.

— Mas ele não entendeu — me disse Émile. — Ele queria saber. Perguntou se eu sei fazer os bonecos, mas eu não vi nunca nenhum boneco.

— Giovani te contou por que ele estava interessado? Em vodu?

— Ele queria aprender magia. Magia de imitação. Eu não podia ajudar ele.

— Você orientou, de algum modo? Recomendou o contato de alguém? Talvez um livro?

O haitiano, que já falava português muito bem, fingiu que não tinha entendido e respondeu em crioulo para que eu não entendesse. Eu já tinha, de qualquer modo, pistas suficientes para elaborar uma hipótese que, se não era verossímil, ao menos era coesa.

Giovani me recebeu em sua casa na semana seguinte, depois de eu ter insistido algumas vezes para encontrá-lo. Suas mãos tremiam enquanto servia o uísque.

— Giovani — disse a ele, sentado na cadeira oposta à sua —, compreendi, ao menos em parte, o que aconteceu. Mas um detalhe ainda me escapa.



O copo aguardava, a meio caminho.

— Émile não acredita no vodu — terminei.

— Ele não professa, mas sei que acredita, porque tem medo. Ele me disse que conheceu no Haiti pessoas que, uma vez levadas a uma cerimônia de vodu, nunca mais voltaram a ser como eram.

— Ele não conhecia a prática dos bonecos.

Giovani confirmou com a cabeça.

— Apesar disso, Maria está morta — continuei. — E você me disse que a matou. Você só pode tê-la matado de longe, sem tocá-la, sem intermédio de objetos. Isto é, por magia. Entendi bem até aí?

— Irrepreensivelmente.

— Então você aprendeu por outros meios a fazer os bonecos?

— Vou deixar que você veja com seus próprios olhos.

Giovani se levantou e saiu da sala. Quando voltou, tinha nas mãos páginas manuscritas.

— Está aí. Que os deuses que existirem, se existirem, julguem meus atos. Eu amava Madalena.

Eram quatro e cada um continha um texto diferente de extensão aparentemente idêntica. O primeiro deles começava com uma tentativa de descrição psicológica de Madalena Xavier. Era uma prosa





truncada, repleta de frases de sagacidade duvidosa, ainda que plenas de convicção. *Madalena tem em si o impulso moral enfraquecido por sua contenda psíquica contra a tendência narcisista, ainda que seja sempre bondosa com as pessoas pelas quais tem estima. A culpa funciona para ela como uma espécie de remissão tardia da sua impulsividade irrefletida, bem como um salvo-conduto para a expressão incontida de seus impulsos futuros.* Depois de parágrafos assim, Giovani, em uma transição inábil, traçara a narrativa das idas e vindas da sua relação com Madalena. A aproximação tímida nos cafés do centro, a inventividade erótica das primeiras noites, a súbita distância de Madalena e o ressentimento solitário de Giovani; tudo estava lá nas linhas claudicantes da prosa de meu colega.

O segundo texto, por sua vez, era bastante semelhante ao primeiro. Tinha mais ou menos as mesmas palavras, em uma ordem aproximada, mas algumas inversões de ordem faziam as sentenças soarem estranhas, além do limiar da gramaticalidade. O terceiro era uma exacerbação deste procedimento. Os agrupamentos de palavras sequer formavam verdadeiramente sentenças e só pude projetar algum resquício de sentido textual naquilo porque reconhecia ali o fluxo lexical aproximado do primeiro e do segundo texto. Como seria de se esperar, o último dos textos levava essa estratégia de rearranjo ao paroxismo. Na verdade, se eu não tivesse lido os passos precedentes, o quarto manuscrito me pareceria um conjunto aleatório de letras, sinais gráficos e espaços. Só a progressão dos escritos me permitia intuir que o número total de cada um dos caracteres se mantinha rigorosamente o mesmo entre o primeiro e o terceiro texto.

— Ainda não entendo — confessei.

— Quando conversei com o Émile, estava interessado nos veículos de magia imitativa. Acredito que exista uma parte de nossa consciência que confunda semelhança com identidade, identidade com domínio. Por isso, em várias sociedades, práticas mágicas atribuem um poder aos objetos intimamente ligados a alguém. Os bonecos de vodu são um epifenômeno da magia imitativa. Cria-se um boneco análogo a uma pessoa e espera-se que a pessoa sofra analogamente ao boneco.

— Mas Émile disse que eles não são comuns de verdade no vodu…

"Parece que não, realmente. Mas os bonecos não são o único tipo de magia imitativa que existe. Quando conversei com Émile, ele me contou sobre um tipo de brincadeira infantil, em que se escreviam as coisas que não aconteceram, acreditando-se que, escritas, teriam mais chance de acontecer. Refletindo, percebi que isso é também um modo de magia imitativa. Apenas que neste caso a imitação é textual, a mímesis. Foi essa prática que me inspirou. Fiz um boneco de Madalena que não era de pano, mas de palavras. Meu boneco de vodu foi o texto.



"Primeiro escrevi uma descrição da alma de Madalena — continuou Giovani — tão bem quanto pude. Depois escrevi nossa história juntos. Amparado pela memória, tentei recuperar seu rosto das lembranças. Fiz um grande esforço para descrever com justiça seus gestos e toda particularidade de sua linguagem.

"Em uma tarde, estava feito meu boneco. Agora bastava destruí-lo.

"Comecei invertendo sintagmas dentro das frases como quem desembaralha um quebra-cabeça. O resultado era apenas ligeiramente estranho e não houve magia. Em outra tentativa, inverti as palavras livremente até obscurecer completamente o sentido. Mais uma vez, sem efeito.

"Claro que, enquanto fazia isso, motivado por um ressentimento rancoroso, não pensava que realmente tinha poder sobre Madalena. Tinha raiva dela. Em certo âmbito consciente e superficial da minha atividade psíquica, desejava-a morta, embora não ache que alguma vez fui capaz de desejá-lo verdadeiramente. Só fiz o que fiz porque não acreditava na magia, pensava que eram apenas artifícios para entreter a consciência, brincadeiras dos povos primitivos. Imitava um feiticeiro com determinação porque desacreditava da feitiçaria. Mas, assim que fiz a última operação, tornando o texto

um emaranhado desconexo de símbolos, uma mancha negra turvou minha visão e um fedor sulfuroso tomou conta do meu quarto. Demorou dez minutos para que meu telefone tocasse com sua ligação.

"De início não acreditei que tivesse assassinado Madalena. Em negação, fui até o hospital gargalhando nervosamente da coincidência entre o mal súbito dela e meus sortilégios de diletante. Só quando ouvi do seu pai o resultado absurdo da autópsia que tive que admitir para mim mesmo a realidade da magia — e da minha culpa. A desordem dos órgãos era o análogo biológico da desordem textual dos signos da escrita.

"Em uma tentativa desesperada, acreditei mais uma vez no poder mágico da linguagem. Escrevi em um pequeno papel um contrato com o universo, esperando, como as crianças da memória de Émile, que as minhas divinações criassem a rea lidade. Isto que teve mana de matar, isto terá mana de redimir, eu pensava. Mas não funcionou. Dizem que é mais difícil reverter as consequências dos feitiços que lançá-los. Queimei o papel no altar de velas da Cemitério Israelita, mas não me livrei da culpa."

Giovani terminou de falar e virou em um só gole o que restava em seu copo. Não tornei a vê-lo desde então.

Por muitos meses, o assassinato de Madalena ocupou integralmente minha consciência. Não havia dia em que eu não lembrasse dela, não havia dia em que eu não amaldiçoasse Giovani. Como um tolo, diversas vezes olhei para este manuscrito inacabado, me perguntando se, ao desorganizar os seus caracteres, conseguiria matá-lo como ele pudera matá-la.

Há algumas semanas, escrevi este pequeno texto em uma folha de caderno: Eu, papel, me sujeito ao sacrifício para poupar meu autor da lembrança do amor que nutria por Madalena Xavier. Que a minha combustão apazigue a angústia daquele que não teve culpa nenhuma nos acontecimentos que lhe afligem. Isto que teve mana de matar, isto também terá mana de redimir. Queimei-o nas velas da Igreja Ucraniana, cuidando de acompanhar vigilante a combustão até o fim. Não posso dizer que a magia funcionou completamente, porque ainda não a esqueci. Também não posso dizer que não funcionou: já não lembro de sua morte todos os dias.

Enquanto via queimar meu sortilégio de papel, cogitei devolver às chamas o feitiço escrito por Giovani. Ainda não consegui, mesmo que às vezes, nas manhãs de sol, ele já me pareça um amigo, cúmplice da mesma dor.

*__Nícolas Wolaniuk__ nasceu em 1999 em Curitiba. Atualmente é graduando em letras pela UFPR e dá aulas de francês e grego antigo no Celin. Publicou o *zine* de poesia *O linho e a lã*. Prepara a publicação de *Onde está Bouazizi?*, *zine* de contos que incluirá o texto premiado no concurso.

terceiro lugar | conto

Casa-grande e negra

Ela esperou, paciente, para colher a melhor das safras da vingança. — por *Michel Neves**



Há quem diga que coisas e lugares têm alma, e há quem diga que não; não me atrevo a dar meu próprio parecer a respeito, apenas falarei daquela famosa construção erguida no Sudeste do Brasil.

Começou a se levantar em meados do século XVIII, não seria mais uma das "tantas construções com acabamento grosseiro, chão de terra batida e telhado de palha, e sim um castelo", dizia o senhor Figueiredo, ainda jovem na época. Não é de estranhar que o projeto tenha sido encomendado de um arquiteto de origem francesa, "um arquiteto de verdade".

No entanto, apesar de a planta ser europeia, a casa não era. Tal como pais biológicos podem até gerar um filho, contudo o filho enxergará seus pais nas figuras que o alimentaram e o educaram, assim era com a casa. Seus pais biológicos estavam do outro lado do Atlântico, sem nunca terem-na visto de verdade, preocupavam-se com os reveses políticos de sua própria terra. Já seus pais de criação, estes tinham pele escura e falavam um idioma que a casa aprendeu de tanto ouvir, um misto entre português e múltiplos dialetos de um continente distante, com ocasionais usos de francês (adquirido dos povos que usurparam sua terra natal).

Foram esses pais e mães negros que levantaram a casa. Com seus braços fortes, prepararam a massa, juntaram tijolos e erigiram paredes. Alguns, mais tarde, comentariam (até de forma pejorativa) de como as telhas foram feitas nas coxas de seus pais; isso é apenas boato, mas o fato é que eles é que subiam a mais de oito metros do chão, arriscando-se para dispor os mais de trezentos metros quadrados de telhado. Esses pais e mães usavam ainda conhecimentos antigos, vindos de seu berço, a mais de 8 mil quilômetros de distância, para corrigir equívocos dos pais biológicos. Assim acertavam algumas paredes com taipa, dentre outros materiais e técnicas.

Mas a casa achava estranho. Era estranho que seus pais não a levantavam com alegria. Eles a nutriam com seu suor e sangue, mediante um pretenso comando de pessoas mais parecidas com seus pais biológicos, que a casa nem conhecia. E foram três anos, sob o suor e sangue desses progenitores de pele escura, suficientes para que a casa estivesse terminada.

E era espetacular, talvez a mais suntuosa de seu tempo nas terras daquele lado do Atlântico. Formada por um prédio

Ilustração | Lucas Ferreira

*__Michel Neves__ nasceu em 1999 e foi criado em Curitiba pela mãe. Organizou a antologia *Tributo brasileiro aos mestres do horror* e é um dos autores publicados do projeto independente Litterae. Atualmente, cursa o último ano de engenharia química na UFPR, sem abandonar a arte da escrita. Lê e redige literatura de horror, suspense, *sci-fi* e, eventualmente, poesia.

principal, com um grande portal de entrada e telhado em duas águas, e dois anexos de cada lado, telhados em quatro águas. Todos com dois andares e totalizando, na fronte do prédio, vinte grandes janelas, cada uma com sua pequena sacada. Janelas e portais, todos com a madeira esculpida de forma rebuscada, por um dos seus pais que todos chamavam de Neco, que o fez enquanto era apressado e ameaçado pelos homens de pele branca que não valorizavam sua arte. No interior havia grandes salas de estar e de jantar, além de despensa, cozinha e 24 quartos para a família do senhor Figueiredo e seus hóspedes.

A casa-grande, porém, após pronta, novamente estranhou o que acontecia. Seus verdadeiros pais, que a fizeram ser quem era, que a levantaram com suas mãos, nela não dormiam, tampouco descansavam. Após terminá-la, eles foram junto de outros, trabalhar no plantio e colheita daquelas plantas que chamavam de café. Além disso, continuavam a dormir numa outra moradia, quase desabando, que a casa-grande antes achava ser apenas provisória. E aqueles marcaram os primeiros de muitos desgostos da casa.

Em seu interior o único alento era na cozinha, onde podia ver algumas de suas mães e de suas irmãs (pois eram filhas de suas mães e pais) a cozinhar; levantando aromas felizes e agradáveis que se perdiam por sua estrutura adentro. A que mais usava o fogão a lenha de seu interior era sua mãe — outros chamavam apenas de Naiá —, que parecia muito feliz quando cozinhava em paz; quando, por um momento, ela e as outras mulheres podiam se sentir senhoras de seu próprio trabalho, senhoras de si. Utilizando os temperos e formas de preparo que preferiam, levantando aromas que as faziam, algumas vezes, lembrar de suas raízes, da terra da qual foram separadas, da qual algumas nem se lembravam. Porém, em outros cômodos, as cenas eram desagradáveis, pois a casa via seus pais, irmãos e irmãs humilhados, castigados e em posição servil.

A casa-grande chegou a se perguntar o porquê daquilo, por que agiam daquela maneira, suportando aquela injustiça? Porém, para sua pergunta tola, logo lhe veio a resposta: do lado de fora a casa viu o que acontecia com os que desafiavam aquela hierarquia. Mesmo que não tivesse ouvidos, ela ouvia e mal podia suportar os gritos lancinantes de irmãos e irmãs brutalmente feridos. Por vezes eram amarrados em troncos e açoitados. O sangue recorrentemente espirrava, cortando o ar, até chegar nas paredes da casa. O sangue de sua família, o sangue de quem a criou.

Nesses momentos, a casa desejava ter braços, pernas e mãos para destruir aqueles pretensos senhores, a pretensa família que dormia à noite em seus quartos e se refestelava nos móveis de seu interior, reclamando do clima; aquelas criaturas desprezíveis. E quanto mais o sangue de seus irmãos e irmãs se acumulava em suas paredes, quanto mais vexações presenciava, mais o ódio se fazia presente na

estrutura da casa, deixando-a toda tensa pela fúria contida em seus tijolos.

Um dia sofrido para a casa foi o da morte de um irmão menor. Apenas um menino, acusado de ter pego as joias da senhora Figueiredo. Mas a casa viu! Ela sabia que não tinha sido ele, e sim o filho mais novo do casal que havia enterrado os ornamentos de ouro ao brincar de caça ao tesouro. O filho deles também sabia! Era só dizer, só assumir! Mas não… bem ao seu lado, do lado da casa-grande, aquele menino preto em seus miseráveis sete anos de vida levou uma surra de vara e, não bastassem as feridas abertas, ainda foi mais torturado pelo sal e limão em seus machucados. A casa queria intervir, dizer a verdade, mas não podia, não tinha boca, era muda, mas não surda. Os gritos eram insuportáveis, até que o menino não resistiu.

E ainda outra situação colocou a casa em seu limite. Pois até mesmo o único lugar com alguma paz em seu interior, o único lugar onde aromas agradáveis eram gerados, onde Naiá cozinhava com algum parco contentamento; até mesmo este foi maculado. A filha de Naiá, a sua irmã! Ela saía mais tarde da cozinha após limpar tudo, à noite, voltando para a casa precária que chamavam de senzala, quando o filho mais velho do Figueiredo apareceu. Bêbado, não só de álcool, mas de desejo. Uma vez mais a casa-grande não pôde fazer nada. Não tinha braços, não tinha mãos!

Porém a casa não se limitaria a observadora, ela fermentou todo o ódio, um ódio benfazejo, a raiva justa de um povo, para colher a melhor das safras da vingança. Ela esperou paciente, tensa, todavia paciente, pelo dia. O dia do envasamento do destilado de sua cólera; e este dia não seria senão aquele em que seu Figueiredo estava mais feliz. A filha do homem se casava. Já havia acabado a grande festa, o grande banquete a que os irmãos e irmãs da casa-grande assistiram resignados da senzala.

Sendo já muito tarde da noite, e os perigos do caminho tendo se multiplicado, vários dos nobres senhores da sociedade escravocrata da região se assentaram no enorme palácio que, erroneamente, pensavam ser do senhor Figueiredo. Dormiam tranquilos, bêbados, desprezíveis e sujos nos quartos da casa, da casa-grande e negra. Foi este o momento oportuno, quando aquela construção demonstrou num golpe fatal e dolorido (a dor de gerações) toda a sua ira, toda a sua sede por justiça.

Num só som surdo todas aquelas paredes cheias de sangue e suor desabaram por cima daqueles porcos ignóbeis; junto delas o telhado, com a força de mil terremotos e catástrofes, obliterando-os num massivo ataque suicida da casa. Seus irmãos e irmãs acordaram assustados e, de certa maneira, sentiram-se um pouco tristes pela casa, e somente pela casa. Principalmente ao observar o que dela restara: duas paredes apenas. Eram as duas paredes que cercavam o fogão onde dona Naiá cozinhava, algo que a casa não poderia destruir, pois amava.

“Dormiam tranquilos, bêbados, desprezíveis e sujos nos quartos da casa, da casa-grande e negra. Foi este o momento oportuno, quando aquela construção demonstrou num golpe fatal e dolorido (a dor de gerações) toda a sua ira

primeiro lugar | crônica

Um curto, por favor

Eis que vem outra mulher, elegante, de salto alto; dá até certa inveja à crônica, que anda por aí de rasteirinha, livre, leve, solta. — por *Kalil Sayão Perusso**



Faz sol em Curitiba. Não sejamos vítimas dos estereótipos, pois o sol aparece, mesmo que numa réstia do dia. A crônica aproveita e sai a passear, fazer o que lhe cabe, que é ver a vida. Eis que para num café e pede um *espresso*. Ou seria expresso?

Ai de seus dias áureos, se recorda, de quando havia jornais de papel pelos balcões afins, nos quais se podiam folhear páginas engorduradas no tempo que se joga fora (se diz); todavia, na ausência dos jornais de papel, de papel ainda existem os cigarros, e assim tira do bolso o maço para fazer, quem sabe, uma pausa de si mesma.

— Me dá um cigarro? — diz um bom brasileiro qualquer. E, por estatística e fortuna, pobre.

Dois cigarros no amassado maço.

— Não precisa, não.

— Deixa disso, companheiro — disse, e lhe oferece a metade do que tinha. — De que adianta nos oferecermos por inteiro — pensou. — Aí que acabamos nos perdendo.

Encantava à crônica o fato de, mesmo que por pouco, encher o peito daquele cara, fugaz.

E nos seus devaneios sobre caras e metades, pensou se não encontraria, talvez, naquele mesmo café, a poesia, com quem poderia ter um belo romance, ou mesmo que fosse apenas um conto. Com o teatro desconfiava, incerta, que fora pura encenação. Sabia o que não queria: ser requerida, intimada, despachada, oficiada, periciada, sentenciada, apelada, contrarrazoada, embargada. E contra essa decisão não haveria recursos, especiais ou extraordinários. Vã *burrocracia*!

> **“ E nos seus devaneios sobre caras e metades, pensou se não encontraria, talvez, naquele mesmo café, a poesia, com quem poderia ter um belo romance**

Assiste então à vida que passa, como o belo casal, jovem, e pensa que, como si, tal relação acabará, provavelmente desiludida, pela morte ou pela vida, mas, se tudo acaba, ao menos que dê saudades. O curioso do tempo é que ele não nos passa para trás, mas para a frente.

E vê também a velha senhora, que se detém na lixeira, e, prospectando a sacola preta, recolhe daqueles resíduos duas latinhas. É tão bonito quanto triste constatar que alguém tire seu sustento do que as outras pessoas simplesmente jogam fora.

Em sentido contrário, eis que vem outra mulher, elegante em seu *tailleur*, com graça desfilando num desconfortável salto alto, um milagre nas irregulares calçadas da capital. Dá até certa inveja à crônica, que anda por aí de rasteirinha, livre, leve, solta, sempre ao risco de uma topada no dedão nessas mesmas pedras do caminho. A via é a mesma, mas cada um a segue com seus próprios percalços.

Um trago, um gole e pede a conta, e então se dá conta, que a vida, como ela, é passageira, e, portanto, curta.

***Kalil Sayão Perusso** nasceu em Maringá. Formado em direito pela Universidade Estadual de Londrina, atualmente vive em Curitiba, onde estuda letras na UFPR. É advogado.

Ilustração e colagem | Lucas Ferreira

segundo lugar | crônica

Nem te conto

O homem exclama: "Você não tem nenhuma prova!", ao que a mulher replica: "Eu tenho todas as mensagens!" Xeque-mate! O público vai à loucura! — por *Isabella Prati**

Atire a primeira pedra aquele que não gosta de uma boa fofoca. Afinal, existe algo mais humano do que se interessar pela vida alheia? Sejam os envolvidos celebridades, que não saem da boca do povo, ou os moradores do apartamento vizinho. Não há quem não se renda a uma intriga. Quanto mais torpes e fúteis forem os motivos por trás, melhor. Até mesmo quem se diz completamente indiferente anda mais devagar quando passa por alguma comoção na rua. E aos que gostam de criticar, pergunto: qual a diferença entre um fofoqueiro e um detetive?

Devo dizer, no entanto, que melhor do que ouvir de um bate-boca ou de uma briga é presenciá-la. Aí, sim, temos o chamado "puro suco" do entretenimento, a epítome do espetáculo da existência, longe dos debates eruditos e pomposos, cuja importância constantemente nos é enfiada goela abaixo. Temos aqui uma apresentação do circo que é a vida, com roteiros que sequer os maiores dramaturgos da história poderiam imaginar. O sublime do mundano.

Tive o prazer de presenciar um desses capítulos de camarote, com todos os elementos de uma verdadeira fofoca *gourmet*.

Nossa tragédia se passa em uma rua escura, iluminada por alguns postes e os resquícios de um pisca-pisca natalino, que, já nos estertores finais, pulsava somente um verde enjoativo. No centro do palco, estacionado frente a um pequeno edifício, um carro de cor prata e com janelas abertas, no qual se encontravam sentados nossos personagens. São 23h40 de uma Sexta-Feira Santa.

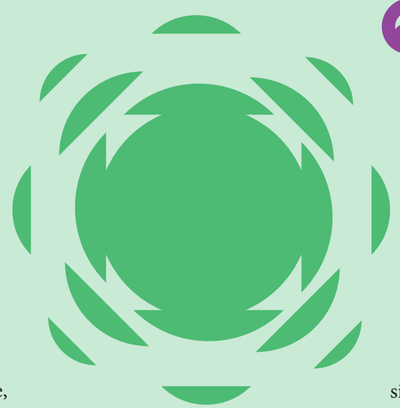
Ato 1. Abrimos já *in media res,* com nossos protagonistas exaltados devido a algum acontecimento prévio ainda desconhecido pelo público. Falam rápido, mas ainda é possível reconhecer os nomes dos envolvidos: em frente ao volante temos Bernardo; à sua direita, uma mulher, cujo nome o latido repentino de Dorinha, cachorra do casal vizinho, acabou encobrindo, então tomarei a liberdade de chamar de Camila e, por fim, Thaís, que não está presente, mas é mencionada inúmeras vezes e aparenta ser o pivô de tal confusão.

A discussão segue e o enredo começa a se mostrar: Bernardo e Camila são um casal, sendo Thaís melhor amiga desta. Voltando de um evento social, a mulher confrontou seu namorado sobre algo relacionado à sua amiga. Os espectadores agora apressam-se em garantir um assento que ofereça visibilidade e uma acústica privilegiada, uma janela de varanda por exemplo, de onde podem acompanhar o desenrolar da novela o mais confortavelmente invisíveis possível. Começa então, entre sussurros e cochichos, a especulação: foi traição? Ele traiu ela? Ela traiu ele? Já são vários os olhos e ouvidos encobertos pela noite quando nossa protagonista brada: "Com a minha melhor amiga!?", encerrando assim o primeiro ato.

***Isabella Prati** nasceu em Curitiba e é estudante de letras na UFPR.

Ilustração | Lucas Ferreira

“Começa então, entre sussurros e cochichos, a especulação: foi traição? Ele traiu ela? Ela traiu ele? Já são vários os olhos e ouvidos encobertos pela noite quando nossa protagonista brada: “Com a minha melhor amiga!?”



O Ato 2 já começa a todo vapor. Camila, enfurecida, confronta Bernardo sobre um caso que ele estaria tendo com Thaís. Incisiva, ela traz à tona diversas atitudes suspeitas de seu namorado e de sua amiga. Bernardo, por outro lado, continuamente nega qualquer argumento feito por ela, enquanto tenta tirá-la de louca e histérica. Finalmente, a revelação bombástica: com uma voz cheia de soberba, o homem exclama: “Você não tem nenhuma prova!”, ao que a mulher replica: “Eu tenho todas as mensagens!” Xeque-mate! O público vai à loucura! Ela tinha as mensagens trocadas entre os dois salvas no celular, as provas da traição. Como ela conseguiu tal façanha? Ninguém sabe e, francamente, ninguém se importa. Ficará como um furo narrativo sobre o qual críticos futuros deliberarão em análises longas e maçantes.

Seguida a grave declaração, chegamos ao clímax. Os dois personagens agora vociferam um contra o outro. Um embate monumental. As palavras são do mais baixo calão possível. Bernardo manda-a para aquele lugar. Camila, sem medo, começa a atacar as mais diversas inseguranças do seu ex-namorado, que tenta abafá-la esbravejando e ameaçando-a. Ele tenta justificar seus atos, mas a outra o rebate. Nem mesmo as mães de ambos são poupadas. Os espectadores estão agora grudados às janelas, a fim de não perderem uma palavra sequer do que os dois estão dizendo. O tom das vozes e a plateia só aumentam.

Será que era assim que se sentiam os ingleses no Globo, presenciando a mais nova criação de Shakespeare? Ou os gregos, colados a seus assentos no anfiteatro, assistindo à nova peça de Sófocles?

Já é sábado quando, enfim, chega-se ao ato final. No lugar dos gritos, o que se tem agora é silêncio. Camila sai do carro. Xingamentos finais são trocados. Ela bate a porta do carro, um estrondo que reverbera pela rua inteira e, por fim, entra no edifício. O motorista, agora sozinho, fecha as janelas do automóvel e sai. Apagam-se as luzes. Fecham-se as cortinas do palco. A plateia se divide. Alguns tentam voltar a seus afazeres anteriores. Outros ainda permanecem em seus assentos um pouco mais, na expectativa de um *encore*.

Em algumas horas a peça, de apresentação única e exclusiva, será resgatada e recontada das mais diversas maneiras. As mesas redondas terão seus lugares preenchidos por uma gama diversa de comentaristas, especialistas em nada, discutindo, se posicionando e opinando sobre os eventos passados. Lacunas serão preenchidas com uma grande dose de liberdade “memorística”. O espetáculo será reprisado até que haja uma nova estreia, que, se for de minha preferência, será um barraco daqueles!

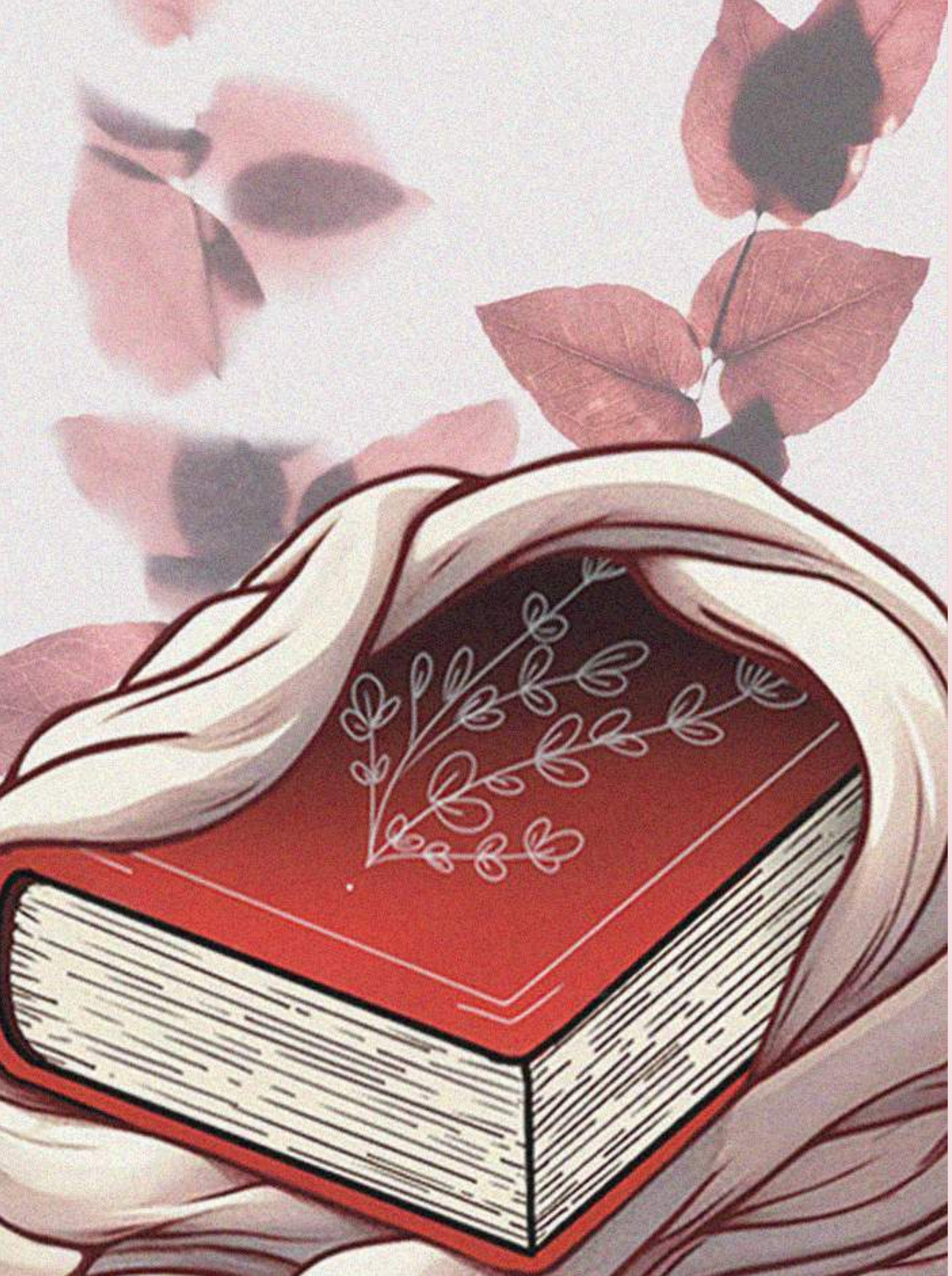


Ilustração | Priscila Lourenço Schultz

terceiro lugar | crônica

Lembrança

Então, ela sumiu. Os bibliotecários, às vezes, se recordavam da menina, perguntando-se por que ela abandonou a busca incansável do livro perdido. — por *Fernanda Ribeiro de Camargo

*__Fernanda Ribeiro__ é formada em pedagogia pela Universidade Federal do Paraná. É escritora iniciante que gosta de escrever a respeito dos pequenos detalhes da vida e publica suas histórias com diferentes pseudônimos.

O livro era velho, já com décadas de existência.

Folhas amareladas e manchadas. A impressão apagada em algumas partes do texto. Rasgos, aqui e ali. Cheirava a mofo e poeira. Não era grande, nem extenso, sequer importante. Um qualquer entre tantos outros da biblioteca pública, no meio de estantes com diferentes títulos.

Um dia, fizeram confusão e o colocaram em outra seção — arquitetura e urbanismo. Por muito tempo, ninguém percebeu nem deu falta — é mais comum do que se imagina tal acontecimento. Imaginou estar destinado a cair no esquecimento para sempre, porém enganou-se: uma criança apareceu, procurando-o. Não uma, nem duas, nem três vezes. Foram várias; incontáveis. No registro do sistema da biblioteca constava o exemplar como disponível, logo poderia consultá-lo e emprestá-lo. O problema é que nenhum dos funcionários conhecia o paradeiro do tal livro e, a cada visita da menina, a frustração aumentava, de pouquinho em pouquinho. O ápice foi quando ela decidiu procurá-lo, sozinha, em cada uma das estantes, até o achar. O acervo, grande demais, não intimidou a pequena garota. Quando há determinação, nem mesmo os pesares da realidade são capazes de abalar uma convicção sólida.

E ela chegou perto, muito perto, de finalmente encontrá-lo, desfazendo a confusão acidental, mas justo quando mais deveria estar atenta, dormiu tarde na noite anterior e não reconheceu a lombada vermelha ao passar os olhos na seção em que o livro foi erroneamente deixado.

Após isso, em um par de dias, não tornou a aparecer nas terças-feiras. Sumiu. Os bibliotecários, vez ou outra, se recordavam da menina, indagando-se das razões de ter abandonado a busca incansável do exemplar perdido. A resposta para tais perguntas nunca foi respondida.

Anos e anos correram, o livro perdeu completamente qualquer esperança. Só para, numa reviravolta do destino, de repente ser retirado da prateleira por um estudante de arquitetura. Ao chegar no balcão e notar o erro, entregou-o para o bibliotecário devolvê-lo ao devido lugar. O homem de mais idade, digitando o nome do exemplar no sistema, surpreendeu-se. O livro misterioso finalmente foi para a estante correta, junto de seus primos de igual gênero. A fofoca se alastrou e pensaram imediatamente na (já não mais) criança que outrora o procurava com tanto afinco. Utilizando o cadastro da biblioteca, entraram em contato com ela. O retorno custou a vir, embora positivo. Assim, o velho e maltratado livro ficou no aguardo do ansioso encontro, pois iria descobrir o motivo de ser tão requisitado por aquela humana.

Não mais uma criança, a mulher adulta que o segurou com tanto cuidado, tal qual fosse a maior preciosidade no mundo, abraçou-o com lágrimas emocionadas de quem conquista um sonho. Ele também chorou — do seu próprio jeito. Enrolado em um tecido macio, quase em aconchego, foi carregado gentilmente nos braços da humana. Não para uma casa bonita, com diversas plantas e cheiro bom saindo da cozinha, como imaginou. O lugar era inusitado, caminho de pedras, diversas… lápides, enfileiradas. Cemitério. A moça ajoelhou-se diante de um túmulo com flores brancas frescas. Um nome escrito, embaixo duas datas. A voz dela, ao quebrar o pesaroso silêncio, era envolto da dor do luto e um alívio profundo.

— Oi, mãe. Eu consegui. Encontrei o livro que a senhora gostava de ler quando era criança e eu nem sonhava em nascer. A história que você sempre quis me contar na hora de dormir, e jamais pôde. Achei justo vir aqui e… fazer por você o que não fez, por mim.

Abriu com amor o livro antigo, de páginas envelhecidas pelo tempo. Respirou fundo e começou a leitura, esperando que suas palavras, de algum jeito, pudessem alcançar a mãe querida.

— Há muito tempo, quando ainda não existia nem dor, nem sofrimento, Aurora desceu dos céus e veio ao mundo. E, no dia em que nasceu, as estrelas dançaram em reverência, enquanto o sol se demorou a surgir, tornando o amanhecer belo e repleto de cores, como se anuncia que uma pessoa cheia de amor, agora andava entre nós, humanos…

Parcerias e descontos

Em conjunto com outras editoras reunidas na Associação Brasileira de Editoras Universitárias (ABEU), a Editora UFPR participa de um acordo interuniversitário de títulos. Você pode conferir a lista das editoras parceiras pelo link ao lado e consultar os títulos disponíveis na nossa livraria.

Na nossa loja física, a comunidade universitária e os professores das redes estaduais e municipais de ensino podem adquirir qualquer livro com 20% de desconto, mediante a apresentação de comprovante de vínculo institucional. Faça uma visita à nossa livraria, localizada no campus Reitoria, na rua General Carneiro, 460 — Ed. Dom Pedro I, Centro, Curitiba-PR.

Publique conosco

A Editora UFPR dedica-se à publicação de textos acadêmicos, científicos e culturais, sem restrição a qualquer área do conhecimento. A submissão de originais é aberta a qualquer interessado, independentemente de vínculo com a instituição. Os materiais submetidos são avaliados de acordo com os termos estipulados em editais publicados anualmente. Consulte nosso edital vigente e publique conosco.

Editora UFPR